

DISSERTAÇÃO DE Mestrado em ARQUITETURA E URBANISMO

DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA CULTURAL, INTEGRIDADE E  
AUTENTICIDADE (DSIA) COMO FERRAMENTA DE PROTEÇÃO DO  
PATRIMÔNIO MODERNO

(RE)DESCOBRINDO OS BLOCOS DE MAYUMI DE SOUZA LIMA PARA A  
UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL NA SQN 107

MAYARA TABOSA



**MAYARA CIBELE DE OLIVEIRA TABOSA**

**TÍTULO**

DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA CULTURAL, INTEGRIDADE E AUTENTICIDADE (**DSIA**) COMO FERRAMENTA DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO MODERNO: (RE)DESCOBRINDO OS BLOCOS DE MAYUMI DE SOUZA LIMA PARA A **UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL** NA SQN 107

**ORIENTADOR**

**OSCAR LUÍS FERREIRA**

**COORIENTADORA:**

**FLAVIANA BARRETO LIRA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (PPG-FAU/UNB) COMO UM DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM ARQUITETURA E URBANISMO.

EIXO TEMÁTICO | TEORIA, HISTÓRIA E CRÍTICA  
LINHA DE PESQUISA | PATRIMÔNIO E CONSERVAÇÃO

BRASÍLIA | 2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

TT114d      Tabosa, Mayara Cibele de Oliveira  
              Declaração de Significância Cultural, Integridade e  
              Autenticidade (DSIA) como ferramenta de proteção do  
              patrimônio moderno: (Re)descobrimo os blocos de Mayumi de  
              Souza Lima para a Unidade de Vizinhança São Miguel na SQN  
              107 / Mayara Cibele de Oliveira Tabosa; orientador  
              Ferreira Oscar Luís; co-orientador Lira Flaviana Barreto. --  
              Brasília, 2021.  
              192 p.

              Dissertação (Mestrado - Mestrado em Arquitetura e  
              Urbanismo) -- Universidade de Brasília, 2021.

              1. Conjunto São Miguel. 2. Mayumi de Souza Lima. 3.  
              Declaração de Significância, Integridade e Autenticidade  
              (DSIA). 4. Arquitetura Moderna. 5. Conservação do Patrimônio  
              Cultural. I. Oscar Luís, Ferreira, orient. II. Flaviana  
              Barreto, Lira, co-orient. III. Título.



## RELATÓRIO DE DEFESA DE PÓS-GRADUAÇÃO

## GRADUATE PROGRAM DEFENSE REPORT

## 1. INFORMAÇÕES DO CURSO/ PROGRAM DATA

MESTRADO/ MASTER'S (  ) DOUTORADO/ DOCTORAL (  )

Cotutela/ Cotutelle:

(  ) Não/ No(  ) Sim, instituição estrangeira/ Yes, partner institution:

## 2. IDENTIFICAÇÃO DO(A) ALUNO(A)/ STUDENT INFORMATION

Nome/ Name: Mayara Cibebe de Oliveira Tabosa

Matrícula/ Registration Number: 19/0006889

Curso/ Program: Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração/ Field of Study: Teoria, História e Crítica

Código/ Code: 5096

Departamento/ Department: FAU

## 3. SESSÃO DE DEFESA/ DEFENSE SESSION

(  ) Dissertação/ Master's Dissertation(  ) Tese/ Doctoral Thesis

Título/ Title: Declaração de Significância Cultural, Integridade e Autenticidade (DSIA) como ferramenta de proteção do patrimônio moderno: (Re)descobrimo os blocos de Mayumi de Souza Lima para a Unidade de Vizinhança São Miguel na SQN 107.

## 4. PRESIDENTE DA COMISSÃO EXAMINADORA/ CHAIR OF THE EXAMINING BOARD

Nome/ Name: Oscar Luis Ferreira

Titulação/ Education Level: Doutor

Unidade Acadêmica/ Academic Unity: PPG-FAU

## 5. COMISSÃO EXAMINADORA/ EXAMINING BOARD

Nome(Titulação)/ Name (Educational Level)	Função/Instituição - Role/Institution	Membro por videoconferência (sim/não) Video-conference member (yes/no)
Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes	PPG-FAU/UnB	sim
Lúcia Tone Ferreira Hidaka	UFAL	sim
Eduardo Pierrotti Rossetti	PPG-FAU/UnB	não

## 6. RESULTADO/ RESULT

A Comissão Examinadora, em 05/11/2021 após exame da Defesa e arguição do(a) candidato(a), decidiu / The Examining Board, on 05/11/2021, after examining the Defense and inquiry of the candidate has decided to:

(  ) Pela aprovação do trabalho/ approve the work.(  ) Pela aprovação do trabalho, com revisão de forma, indicando o prazo de até 30 dias para apresentação definitiva do trabalho revisado/ approve the work, pending formal review, assigning up to 30 days for the final delivery of the reviewed work.(  ) Pela reformulação do trabalho, indicando o prazo de XX dias para nova versão/ request the reformulation of the work, assigning XX days for the new version.(  ) Pela reprovação do trabalho/ not approve the work.

Este relatório não é conclusivo e não tem efeitos legais sem a homologação do Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília/ This reporte is not conclusive and has no legal effects prior to validation by the Dean of Graduate Programs of the University of Brasília.

Em caso de revisão de forma, a homologação ficará condicionada à entrega definitiva do trabalho revisado à Coordenação do Programa, devendo este Relatório de Defesa ser acompanhado pelo Despacho do(a) coordenador(a) do programa que informará um dos seguintes resultados/ In case of formal review, the validation will be conditioned to the final delivery of the reviewed work to the Coordination of the Program. In such cases, this Defense Report must be supplemented with a notice by the coordinator with one of the following indications:

1. O (A) discente apresentou a revisão de forma e o trabalho foi aprovado/ The student presented the formal review and the work has been approved.
2. O (A) discente apresentou a revisão de forma e o trabalho foi reprovado/ The student presented the formal review and the work has not been approved.
3. O (A) discente não apresentou a revisão de forma/ The student did not present the formal review.

Declaro aceitação dos termos e condições que regem o acesso como usuário externo na Universidade de Brasília, conforme normas estabelecidas pela Universidade e demais normas aplicáveis, admitindo como válida a assinatura eletrônica por usuário e senha. É minha responsabilidade exclusiva o sigilo da senha de acesso ao sistema e o teor dos documentos e informações prestadas por mim. Comprometo-me a apresentar documentos originais inseridos por mim no sistema, que venham a ser solicitados pela Universidade de Brasília. Declaro estar ciente de que em caso de petições eletrônicas, esses, somente poderão ser realizados entre 3 horas e 23 horas e 59 minutos e 59 segundos, horário de Brasília. Estou ciente de que o acompanhamento de solicitações poderá ser realizado no ambiente de usuário externo do SEI-UnB.


I hereby declare that I accept the terms and conditions established for access as an external user of the University of Brasília, according to the rules set forth by the University and all other applicable rules. I also accept as valid the electronic signature by user and password. It is my sole responsibility the secrecy of the password for accessing the system and the content of the documents and information provided by me. I commit to present the original documents inserted into the system by me should they be requested by the University of Brasília. I declare to be aware electronic demands can only be sent between 3:00 and 23:59, Brasília official time. I am aware I can track the status of requests via the External User environment of SEI-UnB.


## Informações/ Attention:


Documento deverá ser assinado por/ This document must be signed by:


- Presidente da Comissão Examinadora/ The Chair of the Examining Board
- Membros participantes da Comissão Examinadora/ Members of the Examining Board
- Coordenador(a) do Curso/ Coordinator of the Program
- Discente/ Student

 Documento assinado eletronicamente por Oscar Luis Ferreira, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em 08/11/2021, às 09:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

 Documento assinado eletronicamente por Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em 08/11/2021, às 09:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

 Documento assinado eletronicamente por LUCIA TONE FERREIRA HIDAKA, Usuário Externo, em 08/11/2021, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

 Documento assinado eletronicamente por Luciana Saboia Fonseca Cruz, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em 08/11/2021, às 15:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

 Documento assinado eletronicamente por Mayara Cibebe de Oliveira Tabosa, Usuário Externo, em 17/11/2021, às 08:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.
A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 7301073 e o código CRC 96C85A35.

A Deus,  
Aos meus pais, *Márcia e Mário*.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida. Por sua infinita misericórdia e generosidade.

Aos meus orientadores, Prof. Dr. Oscar Ferreira e Prof. Dra. Flaviana Lira pela competência e dedicação com os quais conduziram essa pesquisa. Obrigada por acreditarem em mim e nesse trabalho, mesmo diante de todas as dificuldades, dando apoio e incentivo constante. Por vocês tenho grande admiração e gratidão.

A minha família. Em especial minha mãe, Márcia Tabosa, a mais admirável das mulheres que já conheci, pelo amor e dedicação incondicionais, que nunca mediram esforços por suas filhas. Ao meu pai, Mário Tabosa, que a mim transmitiu seu gosto por arquitetura, ainda na infância, por sempre nos orientar na busca pelo conhecimento e pelas longas horas de boas conversas. Vocês são meus maiores exemplos.

Às minhas irmãs Milena, Mayra, Lívia e Lara, pelo apoio e incentivo, pelos bons momentos que sempre partilhamos juntas e pela cumplicidade nos momentos de dificuldade. Aos meus sobrinhos Felipe e Pedro, agradeço por trazerem tanto amor, leveza e alegria aos meus dias, em especial àqueles mais exigentes e cansativos.

A Peter pelo olhar atento, pelo companheirismo e pela pronta disponibilidade em ajudar, sempre.

A todos os meus amigos que se fazem presente de diversas formas na minha vida e que direta e indiretamente, me apoiaram nesse caminho. Obrigada pelas palavras de apoio, pelas orações e pelos momentos de descontração que proporcionaram em meio a tempos difíceis.

Aos colegas de mestrado, em especial Thiago Augusto e Marco Aurélio, que ajudaram a tornar essa caminhada mais leve. Agradeço pelos bons debates, pelas horas de estudos que compartilhamos, pelas boas conversas e pelo apoio prestado nesses anos de mestrado.

Agradeço ao professor Dr. Eduardo Rossetti pelas aulas sobre arquitetura moderna e sobre Brasília, que provocaram o desenvolvimento de uma visão crítica e foram fundamentais para essa pesquisa e para minha formação.

A todos os professores e funcionários da FAU-UnB, que tornaram esse mestrado possível.

Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maribel Aliaga Fuentes, por me apresentar à Mayumi, “os bloquinhos”, e pela disponibilidade em ajudar sempre que a contactei. Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maribel e ao Prof. Dr. Fernando Diniz Moreira pelas inúmeras contribuições dadas na qualificação da pesquisa, e através de seus artigos e publicações, que foram indispensáveis na construção desse trabalho.

A todos aqueles que se dispuseram a colaborar através dos questionários de consulta aplicados nessa pesquisa. Aos especialistas, que trataram a pesquisa com seriedade e tiraram alguns minutos do seu tempo para contribuir com o trabalho. Também aos vizinhos, moradores e visitantes do Conjunto São Miguel que tornaram possível a aplicação da ferramenta e que foram de colaboração imprescindível para o alcance de bons resultados.

Enfim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para a construção dessa dissertação: meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

Vem sendo crescente nas últimas décadas o debate sobre da arquitetura moderna e as particularidades que rodeiam essa produção e sua conservação: os desafios e a falta de reconhecimento da arquitetura do século 20 tem gerado perdas irreversíveis no nosso patrimônio cultural. Dentro dessa produção, ainda, as obras de autoria feminina ocupam um espaço marginalizado e ameaçado pelo silêncio que as envolve. Diante dessas realidades, e com o propósito de aproximar os estudos teóricos com a prática profissional, o objetivo dessa dissertação é estudar a Unidade de Vizinhança São Miguel - blocos F, G e I da Superquadra Norte (SQN) 107, projetados por Mayumi Watanabe de Souza Lima, a partir da Declaração de Significância Cultural, Integridade e Autenticidade - DSIA. A DSIA é uma ferramenta desenvolvida pelas professoras Virgínia Pontual (DAU/MDU/UFPE) e Flaviana Lira (DAU/MDU/UFPE/UnB) que busca avaliar a valoração e graus de integridade e autenticidade da obra através da validação de especialistas e atores sociais, de modo a culminar em um documento que determina o "estado da arte" da obra e com diretrizes para intervenção e/ou gestão do patrimônio. Para isso, foram realizadas pesquisas em fontes primárias e secundárias e revisão bibliográfica sobre os temas correlatos; em seguida, os valores e atributos da obra, levantados nas etapas anteriores, foram postos para validação, gerando dados qualitativos e quantitativos, que após passar pelo *juízo intersubjetivo*, possibilitaram a redação da DSIA do Conjunto São Miguel.

**Palavras-chave:** Conjunto São Miguel; Mayumi de Souza Lima; Declaração de Significância, Integridade e Autenticidade (DSIA); Arquitetura Moderna; Conservação do patrimônio cultural.



## ABSTRACT

The debate on modern architecture and the particularities surrounding this production and its conservation has been growing in recent decades: the challenges and lack of recognition of 20th century architecture have resulted in irreversible losses in our cultural heritage. Within this production, the work of female architects still occupies a most marginalized and threatened position by the silence on its existence. Given these realities, and with the purpose of bringing theoretical studies closer to professional practice, the objective of this thesis is to study the São Miguel Neighborhood Humidity - blocks F, G and I of the North Superquadra (SQN) 107, designed by Mayumi Watanabe de Souza Lima, from the Statement of Cultural Significance, Integrity and Authenticity - (SSIA). The SSIA is a tool developed by the professors Virgínia Pontual (DAU/MDU/UFPE) and Flaviana Lira (DAU/MDU/UFPE/UnB). The method seeks to assess the valuation and degrees of integrity and authenticity of the site through the validation of experts and stakeholders, to culminate in a document that determines the "state of the art" of the site, with guidelines for intervention and/or heritage management. Therefore, research was carried out in primary and secondary sources and a bibliographical review on the related themes; then, the values and attributes of the work, raised in the previous stages, were put for validation, generating qualitative and quantitative data, which after passing through the intersubjective judgment, enabled the writing of the São Miguel Neighborhood Unit's SSIA.

Keywords: São Miguel Neighborhood Unit; Mayumi de Souza Lima; Statement of Significance, Integrity and Authenticity (SSIA); Modern Architecture; Conservation of architectural heritage.

## Lista de Figuras

<b>FIGURA 1</b> – MAYUMI DE SOUZA LIMA (1934 – 1994) .....	39
<b>FIGURA 2</b> – MAYUMI DE SOUZA LIMA EM SALA DE AULA.....	
<b>FIGURA 3</b> - MAYUMI DE SOUZA LIMA DESENHANDO EM PRANCHETA.....	
<b>FIGURA 4</b> - UNIDADE DE VIZINHANÇA DE PERRY, 1929.....	
<b>FIGURA 5</b> - UNIDADE DE VIZINHANÇA (QUATRO SUPERQUADRAS). <b>A. SUPERQUADRAS:</b> 1 – BLOCOS DE APARTAMENTOS, 2 – JARDIM DE INFÂNCIA, 3 – ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL, 4 – PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO (PLANEJADO), 5 – BANCA DE JORNAL; <b>B. SETOR COMERCIAL LOCAL:</b> 1 – SERVIÇOS PÚBLICOS (BIBLIOTECA, ESCOLA DE ARTES, ETC.), 2 – SUPERMERCADO DE BAIRRO, 3 – COMÉRCIO VAREJISTA (PESADO); 4 – COMÉRCIO VAREJISTA (LEVE); 5 – ESTAÇÃO DE SERVOÇO; <b>C. ENTREQUADRA:</b> 1 – IGREJA, 2 – ESCOLA PARQUE, 3 – CINEMA, 4 – CLUBE, 5 – ESPORTES; .....	46
<b>FIGURA 6</b> - ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS, 1959.....	48
<b>FIGURA 7</b> - CARTÃO POSTAL COM VISTA AÉREA DO CONGRESSO E MINISTÉRIOS, 1962 .....	49
<b>FIGURA 8</b> - IMPLANTAÇÃO DA UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL.....	52
<b>FIGURA 9</b> - VISTA AÉREA DE BRASÍLIA, 1964. <i>SQN 107, 108, 307, 308 EM PROCESSO DE TERRAPLANAGEM</i> . EM DESTAQUE TAMBÉM O CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO E O CONGRESSO NACIONAL. APROXIMAÇÃO DA SQN 107, 2021.....	53
<b>FIGURA 10</b> – <i>PROJEÇÕES DAS SQN 107 E 108</i> .....	55
<b>FIGURA 11</b> – DESENHO EM PERSPECTIVA DA UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL.....	58
<b>FIGURA 12</b> - DESENHO EM PERSPECTIVA DA UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL.....	59
<b>FIGURA 13</b> - MAQUETES DOS EDIFÍCIOS TORRE E LÂMINA.....	61
<b>FIGURA 14</b> - ETAPAS E PRODUTOS DA DSIA. FONTE: MAYARA TABOSA, 2021.....	64
<b>FIGURA 15</b> - ANALOGIA DA AMPULHETA - DSIA.....	65
<b>FIGURA 16</b> - PLANTA BAIXA PAVIMENTO TIPO. <b>A</b> – MONTANTES EM CONCRETO/BRISES-SOLEIL; <b>B</b> – JANELAS MÁXIMO-AR; <b>C</b> – JANELAS DE GIRO; <b>D</b> – EMPENAS CEGAS; <b>E</b> – JANELAS BASCULANTES; <b>F</b> – PAINÉIS DE AZULEJOS DE ATHOS BULÇÃO; <b>G</b> – PORTA DE ENTRADA DOS APARTAMENTOS; <b>H</b> – PORTA DOS CORREDORES; <b>I</b> – PISO EM MARCOPISO PRETO.....	69
<b>FIGURA 17</b> - FACHADA SUL E ENTORNO IMEDIATO, BLOCO I.....	70
<b>FIGURA 18</b> – BLOCO G, FACHADA LESTE. NO PRIMEIRO PLANO VEMOS AS JANELAS BASCULANTES DOS QUARTOS E AS JANELAS DE GIRO DOS WCs. NO SEGUNDO PLANO, AS JANELAS DE GIRO DOS CORREDORES E, NA PARTE INTERNA DA FACHADA, AS VEDAÇÕES DO QUARTO, COZINHA E ÁREA DE SERVIÇO.....	71
<b>FIGURA 19</b> - JANELAS BASCULANTES, COZINHA E ÁREA DE SERVIÇO.....	72
<b>FIGURA 20</b> – <i>ESPAÇO SOB PILOTIS, BLOCO G</i> .....	73
<b>FIGURA 21</b> - BLOCO DE CIRCULAÇÃO VERTICAL REVESTIDO COM PAINEL DE ATHOS BULÇÃO, BLOCO G.....	75
<b>FIGURA 22</b> - PORTARIA, BLOCOS F.....	76
<b>FIGURA 23</b> - PORTARIA, BLOCOS G.....	76
<b>FIGURA 24</b> - PORTARIA, BLOCO I.....	76
<b>FIGURA 25</b> - BLOCOS DE CIRCULAÇÃO VERTICAL REVESTIDO COM PAINEL DE ATHOS BULÇÃO, BLOCOS F E I.....	77
<b>FIGURA 26</b> - BLOCO G, FACHADA LESTE.....	78
<b>FIGURA 27</b> – BLOCO I, FACHADA NORTE E ENTORNO.....	79
<b>FIGURA 28</b> - ÁREA DE CIRCULAÇÃO, COM VISTA PARA A PORTA DE ENTRADA DE UM APARTAMENTO, BLOCO F.....	80
<b>FIGURA 29</b> - EMPENAS CEGAS, BLOCO F.....	81
<b>FIGURA 30</b> - PADRÕES DOS REVESTIMENTOS DE ATHOS BULÇÃO PARA OS BLOCOS F, G E I.....	82
<b>FIGURA 31</b> - ESQUADRIAS VISTAS DO INTERIOR DE APARTAMENTO DO CONJUNTO SÃO MIGUEL.....	83
<b>FIGURA 32</b> - ESQUEMA ESTRUTURAL DOS BLOCOS F, G E I.....	85
<b>FIGURA 33</b> - EDIFÍCIO ESTER, PROJETO ARQUITETO ÁLVARO VITAL BRAZIL.....	86
<b>FIGURA 34</b> - SQN 107, DELIMITADA A LESTE PELO ERW (EIXINHO) NORTE, E A OESTE PELA W1.....	87
<b>FIGURA 35</b> - FACHADAS E ENTORNO, VISTA SUDOESTE DO BLOCO F.....	88
<b>FIGURA 36</b> - APLICAÇÃO DO MÉTODO DELPHI: VALIDAÇÃO DOS ATRIBUTOS E VALORES.....	89
<b>FIGURA 37</b> - FICHA DE CONSULTA AOS ATORES SOCIAIS - VALIDAÇÃO DOS VALORES/1ª RODADA DE PERGUNTAS.....	91

<b>FIGURA 38 - FICHA 1 – FRASE. CONSULTA AOS ATORES SOCIAIS PARA AVALIAÇÃO DA SIGNIFICÂNCIA CULTURAL, COLETA DE DADOS QUALITATIVOS. ....</b>	<b>106</b>
<b>FIGURA 39 - FICHA 2 – VALORAÇÃO. CONSULTA AOS ATORES SOCIAIS PARA AVALIAÇÃO DA SIGNIFICÂNCIA CULTURAL, COLETA DE DADOS QUALITATIVOS. ....</b>	<b>108</b>
<b>FIGURA 40 - FICHA 3: INTEGRIDADE E AUTENTICIDADE. CONSULTA AOS ESPECIALISTAS PARA AVALIAÇÃO DA SIGNIFICÂNCIA CULTURAL, COLETA DE DADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS. ....</b>	<b>120</b>
<b>FIGURA 41 - BLOCO G, FACHADA LESTE.....</b>	<b>123</b>
<b>FIGURA 42 - BLOCO G, FACHADA LESTE. EM EVIDÊNCIA, A INSERÇÃO DE CONDENSADORAS NA FACHADA, DIFERENÇA NA TRASLUCIDEZ DOS VIDROS E REMOÇÃO/SUBSTITUIÇÃO DAS ESQUADRIAS DAS ÁREAS DE SERVIÇO E COZINHA.....</b>	<b>124</b>

## **LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 1</b> - AUTORES E CLASSIFICAÇÕES DE VALORES .....	29
<b>TABELA 2</b> - MESTRANDOS E ORIENTADORES DA TURMA DE MAYUMI.....	57
<b>TABELA 3</b> - TIPOLOGIAS DE APARTAMENTOS .....	61
<b>TABELA 4</b> - FICHAS PROPOSTAS PELO MÉTODO X FICHAS APLICADAS NA PESQUISA.....	66
<b>TABELA 5</b> - TABELA SÍNTESE DOS VALORES VALIDADOS PELOS ESPECIALISTAS.....	93
<b>TABELA 6</b> - TABELA SÍNTESE ATRIBUTOS "EXTERNO & ENTORNO" VALIDADOS PELOS ESPECIALISTAS.....	96
<b>TABELA 7</b> - TABELA SÍNTESE DOS ELEMENTOS DOS "DESDOBRAMENTOS INTERNOS & ÁREAS COMUNS" VALIDADOS PELOS ESPECIALISTAS ..	99
<b>TABELA 8</b> - TABELA SÍNTESE ATRIBUTOS "HISTÓRIAS & CONEXÕES" VALIDADOS PELOS ESPECIALISTAS .....	102

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1</b> – 1ª RODADA DE CONSULTA AOS ESPECIALISTAS: AVALIAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO DE VALORES.....	92
<b>GRÁFICO 2</b> - 2ª RODADA DE CONSULTA AOS ESPECIALISTAS: AVALIAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO DE VALORES.....	93
<b>GRÁFICO 3</b> - 1ª RODADA DE CONSULTA AOS ESPECIALISTAS: AVALIAÇÃO DOS ELEMENTOS ‘EXTERNO & ENTORNO’ .....	95
<b>GRÁFICO 4</b> - 2ª RODADA DE CONSULTA AOS ESPECIALISTAS: AVALIAÇÃO DOS ELEMENTOS ‘EXTERNO & ENTORNO’ .....	96
<b>GRÁFICO 5</b> - 1ª RODADA DE CONSULTA AOS ESPECIALISTAS: AVALIAÇÃO DOS ELEMENTOS ‘DESDOBRAMENTOS INTERNOS & ÁREAS COMUNS’ .....	98
<b>GRÁFICO 6</b> - 2ª RODADA DE CONSULTA AOS ESPECIALISTAS: AVALIAÇÃO DOS ELEMENTOS ‘DESDOBRAMENTOS INTERNOS & ÁREAS COMUNS’ .....	99
<b>GRÁFICO 7</b> - 1ª RODADA DE CONSULTA AOS ESPECIALISTAS: AVALIAÇÃO DOS ELEMENTOS DA CATEGORIA ‘HISTÓRIAS & CONEXÕES’ .....	101
<b>GRÁFICO 8</b> - 2ª RODADA DE CONSULTA AOS ESPECIALISTAS: AVALIAÇÃO DOS ELEMENTOS DA CATEGORIA ‘HISTÓRIAS & CONEXÕES’ .....	102
<b>GRÁFICO 9</b> - PERFIL DOS ATORES SOCIAIS PARTICIPANTES DA CONSULTA .....	105
<b>GRÁFICO 10</b> - <i>RANKING</i> : ATRIBUIÇÃO TOTAL DE VALORES POR ELEMENTO .....	110
<b>GRÁFICO 11</b> - MÉDIA ARITIMÉTICA DA QUANTIDADE DE VALORES ATRIBUÍDOS A CADA GRUPO DE ATRIBUTOS .....	111
<b>GRÁFICO 12</b> – <i>RANKING</i> DOS VALORES: SOMA DO NÚMERO DE VEZES QUE CADA VALOR FOI ATRIBUÍDO .....	114
<b>GRÁFICO 13</b> - PLANTA LIVRE: 1º COLOCADO NO <i>RANKING</i> DE ATRIBUTOS MAIS VALORADOS E OS VALORES A ELA ATRIBUÍDOS .....	114
<b>GRÁFICO 14</b> – PISO CERÂMICO MARCOPISO: 2º COLOCADO NO <i>RANKING</i> DE ATRIBUTOS MAIS VALORADOS E OS VALORES A ELA ATRIBUÍDOS .....	115
<b>GRÁFICO 15</b> – PAINÉIS DE AZULEJOS DE ATHOS BULCÃO: 3º COLOCADO NO <i>RANKING</i> DE ATRIBUTOS MAIS VALORADOS E OS VALORES A ELA ATRIBUÍDOS .....	116
<b>GRÁFICO 16</b> – SISTEMA ESTUTURAL: 3º COLOCADO NO <i>RANKING</i> DE ATRIBUTOS MAIS VALORADOS E OS VALORES A ELA ATRIBUÍDOS.....	116
<b>GRÁFICO 17</b> - <b>INTEGRIDADE</b> DA UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL: MÉDIA DAS TRÊS CATEGORIAS DE ELEMENTOS.....	121
<b>GRÁFICO 18</b> – AVALIAÇÃO DA <b>INTEGRIDADE</b> DA UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL POR CATEGORIA DE ELEMENTOS .....	122
<b>GRÁFICO 19</b> – <b>AUTENTICIDADE</b> DA UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL: MÉDIA DAS TRÊS CATEGORIAS DE ELEMENTOS. ....	124
<b>GRÁFICO 20</b> – AVALIAÇÃO DA <b>AUTENTICIDADE</b> DA UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL POR CATEGORIA.....	125

## **LISTA DE SIGLAS**

**AC – ANÁLISE DE CONTEÚDO**

**AV – ÁREA DE VIZINHANÇA**

**CEPLAN – CENTRO DE PLANEJAMENTO OSCAR NIEMEYER (ANTIGO CENTRO DE ESTUDOS E PLANEJAMENTO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO)**

**DF – DISTRITO FEDERAL**

**DSIA – DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA, INTEGRIDADE E AUTENTICIDADE**

**FAU/UNB – FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**FUB – FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**ICOMOS – CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS**

**MRE – MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES**

**NOVACAP – COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL**

**SQN – SUPEQUEADRA NORTE**

**UNB – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA**

**UV – UNIDADE DE VIZINHANÇA**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 1   ABORDAGEM CONCEITUAL</b>	<b>18</b>
1.1 TEORIA DA CONSERVAÇÃO	19
1.1.1 CONSERVAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA	22
1.2 ATRIBUTOS E VALORES	24
1.3 SIGNIFICÂNCIA CULTURAL, INTEGRIDADE E AUTENTICIDADE	31
<b>CAPÍTULO 2   A UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL</b>	<b>38</b>
2.1 MAYUMI WATANABE DE SOUZA LIMA	39
2.2 A UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL	44
2.2.1 BRASÍLIA & AS SUPERQUADRAS	44
2.2.2 FAUNB & CEPLAN	47
2.2.3 A UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL	52
<b>CAPÍTULO 3   CONSTRUÇÃO DA DSIA</b>	<b>63</b>
3.1 DSIA – DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA CULTURAL, INTEGRIDADE E AUTENTICIDADE	64
3.1.1 ELEMENTOS IDENTIFICADOS	68
3.2 VALIDAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO DE VALORES E ATRIBUTOS IDENTIFICADOS	89
3.2.1 CONSULTA AOS ESPECIALISTAS: A VALIDAÇÃO DOS VALORES E ATRIBUTOS	90
3.2.2 CONSULTA AOS ATORES SOCIAIS	103
3.2.2.1 ATORES SOCIAIS E AMOSTRAS	103
3.2.2.2 MÉTODO DE ANÁLISE	106
3.2.3 SIGNIFICÂNCIA CULTURAL: EXPLORAÇÃO DO MATERIAL E TRATAMENTO DE DADOS	109
3.2.4 INTEGRIDADE E AUTENTICIDADE: EXPLORAÇÃO DO MATERIAL E TRATAMENTO DE DADOS	119
3.3 DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA, INTEGRIDADE E AUTENTICIDADE DA UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>136</b>
APÊNDICE 01 – LISTA DE VERIFICAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO EDIFÍCIO	140
APÊNDICE 02 – FICHAS DE CONSULTA ELABORADAS DE ACORDO COM A PROPOSTA INICIAL DA FERRAMENTA	142
APÊNDICE 04 – RESPOSTAS DAS FICHAS DE CONSULTA	146

## INTRODUÇÃO

Vem sendo crescente nas últimas décadas o debate sobre a arquitetura moderna e as particularidades que rodeiam essa produção e sua conservação. Os ideais do movimento moderno, a incorporação de novas técnicas construtivas, novos programas de necessidades e a proximidade temporal que temos dessa arquitetura trazem problemáticas que não haviam sido encaradas ao lidar com preservação de arquiteturas anteriores ao século 20.

Diante desses desafios e da falta de reconhecimento da arquitetura moderna como herança cultural, a produção moderna vem sofrendo ao longo do tempo intervenções "que comprometem irreversivelmente o valor dos edifícios" (MOREIRA, 2011, p.152), sendo muitas dessas realizadas de forma arbitrária. Em vista dessas novas problemáticas e da ameaça eminente dos exemplares do século 20, muitas discussões foram levantadas acerca da necessidade ou não da criação de uma nova teoria da conservação que fosse capaz de enfrentar os desafios impostos pela conservação da arquitetura moderna.

Autores inseridos nessas discussões como Susan MacDonald (2003), Fernando Diniz Moreira (2011), e Silvio Zancheti (2020) apontam, no entanto, que não há razão para que a conservação da arquitetura moderna seja tratada de forma diferente da conservação de arquiteturas das épocas anteriores, mas que essas merecem uma reflexão mais cautelosa diante dos novos desafios que trazem à teoria já existente.

Dito isso, a relevância de um tema e sua vivacidade na contemporaneidade não são as únicas motivações para iniciar-se um projeto de pesquisa: toda ela passa pela incitação pessoal do pesquisador. O caminho para chegar até Mayumi e o Conjunto São Miguel, iniciou-se, portanto, ainda durante os anos de estudo na graduação em arquitetura: a falta de representatividade feminina na produção estudada na grade curricular instigou o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso de graduação intitulado "Arquitetas da modernidade na perspectiva da revista Acrópole, 1931 - 1971", orientado pela professora Wynna Carlos Lima Vidal, que revelou nomes e obras pouco conhecidas de arquitetas atuantes no Brasil durante o século 20. No entanto, além de revelar, a pesquisa levantou ainda mais questionamentos sobre atuação e falta de visibilidade feminina na produção arquitetônica moderna. O objeto de estudo dessa pesquisa não foi escolhido por acaso.



Os questionamentos acerca da realidade de mercado das arquitetas no século 20 no Brasil e o 'paradeiro' da produção de autoria feminina desse período suscitaram uma inquietação quanto à ameaça à qual esse patrimônio poderia estar suscetível pelo silêncio que o envolve. E, sendo assim, a necessidade de estudar a produção das nossas arquitetas pareceu um caminho necessário a percorrer.

Portanto, com o propósito de nos aprofundarmos na conservação da arquitetura moderna e na produção feminina nesse período, a escolha da Universidade de Brasília para desenvolvimento da pesquisa foi fundamental. A cidade que é referência mundial da arquitetura do século 20, cuja universidade conta pesquisadores empenhados e uma vasta produção sobre os temas e desafios relacionados a arquitetura moderna, possibilitou o necessário amadurecimento para o aprofundamento do projeto de pesquisa.

O primeiro contato com o conjunto São Miguel foi através da colega Luiza Pinheiro, que acompanhou também a primeira visita ao Conjunto São Miguel foi guiada pela professora Maribel Aliaga Fuentes, cujo conhecimento sobre a obra foi compartilhado com afinco desde o primeiro dia e no decorrer dessa pesquisa. Naquela visita já foi possível perceber que ali estava um exemplar cuja arquitetura, história e significados eram dignos de reconhecimento e preservação pela sua importância para aquela comunidade e para a cidade de Brasília.

E por último, mas definitivamente não menos importante, a Declaração de Significância, Integridade e Autenticidade - DSIA ou declaração integrada, apresentada pela professora Flaviana Lira em uma das aulas da pós-graduação, foi o desejado caminho de aproximação entre a teoria e prática da conservação, que configura um dos principais objetivos dessa pesquisa. A DSIA foi desenvolvida pelas professoras Virgínia Pontual e Flaviana Barreto Lira, que gentilmente aceitou coorientar esse trabalho e cuja contribuição tem permitido importantes avanços na maturação da ferramenta.

Isso posto, o objetivo dessa dissertação é estudar o Conjunto São Miguel, mais especificamente os blocos F, G e I da Superquadra Norte (SQN) 107, projetados por Mayumi Watanabe de Souza Lima, do ponto de vista da sua significância cultural, integridade e autenticidade, a partir da DSIA. A pesquisa contou também com levantamento bibliográfico e documental da Unidade de Vizinhança São Miguel - ou Conjunto São Miguel; o aperfeiçoamento das fichas de consulta à população e aos especialistas, a adaptação destas à aplicação virtual em decorrência da pandemia da COVID-19 e das recomendações da ANVISA para conter a transmissão do vírus; e a redação da DSIA do Conjunto para disponibilização e usufruto da comunidade.

Para isso, a pesquisa foi estruturada da seguinte forma: a introdução, que contextualiza a pesquisa nos cenários com os quais essa se relaciona, delinea o objeto e objetivos de estudo da pesquisa; seguida do capítulo 1, onde debateremos os conceitos relativos à teoria da conservação, incluindo as definições de significância cultural, autenticidade e integridade, que são os pilares da ferramenta aplicada. No capítulo 2, apresentaremos Mayumi e seu projeto para o Conjunto São Miguel<sup>1</sup>, bem como a conjuntura da sua concepção, que inclui Brasília e as superquadras, e a relação FAU/UnB (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília) com o CEPLAN (Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico), órgão vinculado atualmente à Reitoria da UnB.

No capítulo 3, apresentaremos a construção da DSIA, juntamente às suas adaptações, aplicação e redação final. E, por fim, a conclusão trará um parecer sobre os resultados obtidos através de um panorama geral da pesquisa de futuros desdobramentos que podem se dar a partir das contribuições alcançadas. Todas as fichas e material complementar de apoio à aplicação da DSIA, bem como seus gráficos e quantitativos, estarão apresentados nesse último capítulo e/ou como apêndice dessa pesquisa.

O presente trabalho tem além de seu objetivo central o intuito de dar visibilidade à produção feminina na arquitetura moderna brasileira através do resgate e avaliação da *significância cultural* da obra de Mayumi para a SQN 107, pela comunidade e pelos especialistas, de modo a construir um documento que comprove sua compreensão como patrimônio cultural. A aplicação da DSIA, método desenvolvido pela Professora Dr<sup>a</sup> Flaviana Barreto Lira, é parte significativa da contribuição que esse trabalho se propõe a fazer: desenvolver os ajustes necessários para que a DSIA atenda às especificidades de um conjunto arquitetônico residencial da arquitetura moderna e tentar lapidar as arestas que ainda dificultam a ampla utilização do método, que assume o desafio de avaliar também a *integridade* e *autenticidade* de obras de interesse cultural, visando a aplicabilidade prática desses conceitos e avaliações.

---

<sup>1</sup> Serão adotadas nesse trabalho as seguintes nomenclaturas: Unidade de Vizinhança São Miguel, nomenclatura formal, e Conjunto São Miguel, versão curta adotada pelos meios de comunicação da época e popularmente conhecida entre moradores e pesquisadores. Inicialmente o termo Vila São Miguel foi adotado nessa pesquisa, mas buscando uniformizar as nomenclaturas, optou-se pela utilização de “Conjunto São Miguel”. O termo “área de Vizinhança” também é mencionado no trabalho, por ser um termo utilizado pelo arquiteto e urbanista Lucio Costa.

## Referencial teórico

O debate teórico nessa pesquisa se inicia com a teoria da conservação, com base na Teoria da Restauração de Brandi (2017), Riegl (2014), as cartas patrimoniais da UNESCO - em especial a de Burra (2013), Veneza (1964) e Documento de Nara sobre Autenticidade (1994). Na sequência, visando contextualizar o período arquitetônico em questão, a pesquisa apresentará brevemente o que foi a arquitetura moderna - em especial a vertente brasileira, a partir de Bruand (2010), Segawa (1998), Fisher e Acayaba (2008), Bastos e Zein (2019) e Rossetti (2012). O debate sobre essa produção tem como objetivo nortear o leitor sobre os desafios da preservação da arquitetura moderna que serão explanadas a partir de McDonald (2003) e Moreira (2011).

Em seguida, serão abordados nesse capítulo os conceitos de *significância cultural* - embasado em Kerr (2013) e Lacerda (2012), *integridade e autenticidade*, a luz de Jokilehto (2006), Stovel (2007) e Silvia e Zancheti (2012). Ainda que tenham se passado quase dois séculos desde Viollet-le-Duc, essas definições parecem ainda não estar bem delineadas devido ao seu caráter subjetivo e imaterial. Diante disso, serão definidos os conceitos a serem utilizados por essa pesquisa para aplicação das fichas de consulta, de modo a tentar aproximar a teoria da compreensão e aplicação prática da conservação.

No tocante ao estudo sobre a obra, começaremos pela apresentação de Mayumi, sua trajetória e produção, com base nas teses de Buitoni (2009) e Fuentes (2017), sendo Fuentes também uma das mais importantes fontes de pesquisa sobre o Conjunto São Miguel, juntamente com a dissertação da própria arquiteta (LIMA, 1965) e edições do Correio Braziliense das décadas de 1950 e 1960.

Com os tópicos anteriores bem referenciados, entramos nos temas relacionados à ferramenta de consulta - a DSIA. Considerando essas definições e em consonância com Allan (2007) que ressalta a lacuna entre prática e teoria, Pontual (2014) e Lira (2010; 2017; 2018) propuseram uma ferramenta de avaliação e quantificação da *significância cultural*, que foi a base para a formulação da Declaração de Significância, Integridade e Autenticidade desenvolvida por Lira (2020), e que é parte fundamental dessa pesquisa.

A DSIA se caracteriza então como um instrumento de consulta aos atores sociais que juntamente com a avaliação técnica busca levantar os valores de um bem cultural, visando construir sua *significância cultural*, e avaliar condições de *integridade e autenticidade* da obra. Dessa forma, a DSIA se propõe a formular um documento com embasado parecer técnico sobre

esses três "pilares" da conservação do patrimônio, também com dados quantitativos, de modo a fornecer informações balizadoras para a intervenção em obras de interesse cultural.

A ferramenta de avaliação da significância desenvolvida por Flaviana Barreto Lira e Virgínia Pitta Pontual vem sendo testada desde 2014, quando foi aplicada ao conjunto urbanístico de Brasília (DF) por Lira (2014), por Tabosa (2018), para valoração da Fábrica Peixe em Pesqueira (PE) e Queiroz (2018) cujo trabalho final de graduação que organizou a hierarquização de atributos e valores das Casas Modernistas de Augusto Reynaldo em Recife (PE) foi usado no projeto do Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada - CECI (2020) para a restauração dessas obras. E a DSIA, por sua vez, foi utilizada por Dutra (2018) para avaliar o bairro de São José em Recife (2018).

## CAPÍTULO 1 | ABORDAGEM CONCEITUAL

## 1.1 Teoria da Conservação

A palavra preservação, no Brasil, possui um sentido lato e pode abarcar uma grande variedade de ações como inventários, registros, leis de tombamento, educação patrimonial e intervenções nos bens, para que sejam transmitidos da melhor maneira possível ao futuro. As intervenções em si assumem denominações variadas, podendo, como explicitado na Carta de Veneza, ser caracterizadas como manutenção, conservação e restauro, com graus crescentes de ingerência sobre o bem. Ou, por exemplo, serem sintetizadas na palavra restauro, como proposto por Cesare Brandi. (KÜHL, 2010, p. 288).

Zancheti (2014, p. 8) define a conservação como uma "metodologia de como tomar decisões para manter os objetos patrimoniais". Ainda que a definição seja simples e objetiva, sua compreensão e aplicação sofreu diversas modificações ao longo do tempo. Alöis Riegl trouxe importantes contribuições na virada do século 19 para o século 20, acerca do papel dos monumentos e sua compreensão pela sociedade, além de ter sido fundamental para a consolidação da conservação como uma arte autônoma e da história da arte como uma disciplina independente da "história geral" (KÜHL, 2006).

Em "*O culto Moderno dos Monumentos*", Riegl (2008) apresenta uma classificação de valores cuja atribuição é dada por pela da sociedade atual para um objeto de outro momento histórico do passado: ou seja, o valor é dado ao passado, mas atribuído pelo juízo de valor atual. Sendo assim, o autor compreende que os valores são mutáveis ao longo do tempo, pois irão depender do juízo de valor das gerações futuras e seus contextos socioculturais.

Outra contribuição, e uma das mais significativas para a contemporaneidade iniciou-se pós segunda guerra mundial, no início da segunda metade de século 20 com a "*Teoria da Restauração*" do italiano Cesare Brandi publicada originalmente em 1963, e desenvolvida enquanto o autor estava à frente do Instituto Central de Restauração de Roma e coordenando diversas obras de restauro de edificações bombardeadas durante a guerra. (CUNHA, 2004).

Como explica Cunha (2004), no final do século 19 e início do século 20 as más intervenções de restauro estavam sendo mais prejudiciais para as obras de arte que o próprio passar do tempo, o que suscitava a necessidade de que o restauro fosse feito a partir de métodos cientificamente determinados, não empíricos. A autora afirma ainda que nos anos seguintes, com

a segunda guerra mundial e a devastação em larga escala de importantes cidades e monumentos europeus, as teorias do restauro científico ou filológico<sup>2</sup> foram postas a prova:

Não se podia pensar nos monumentos destruídos apenas como documentos, ignorando sua existência como obra figurativa com significação social e simbólica. Em razão da grande escala das intervenções não se podia cogitar o tratamento de lacunas como “neutros”. Assim, esses questionamentos suscitaram o pensamento de que o restauro era, para além de um ato científico de filólogo, também um ato crítico. (CUNHA, 2004).

Com essas motivações, a *Teoria da Restauração* tem como um de seus objetivos romper com o restauro filológico: Brandi define a arquitetura a partir dos valores estético e histórico-documental e a introdução da apreciação estética como determinante nas ações de conservação do objeto permitiu que a conservação fosse vista novamente como uma atividade criativa e não determinada pelas marcas do tempo e pela visão do monumento como documento (ZANCHETI, 2014).

Esses autores foram fundamentais para a mudança de perspectiva da conservação cujos esforços buscavam, até aquele momento, manter as características físico-materiais do bem. Como explica Zancheti (2014), a *Teoria* afirma que as intervenções podem ser feitas *apenas* na matéria do objeto, mas essas devem buscar a manutenção das qualidades estéticas de modo a agradar o estado da arte atual. No entanto, como a teoria de Brandi (2005) exclui todos os outros *valores*, Zancheti (2014, p.02) define sua aplicação como limitada no campo da arquitetura:

Em primeiro lugar, a conservação sempre é uma atividade condicionada por um objetivo (por exemplo, aumentar o valor monetário da obra) e esse objetivo somente pode ser alcançado quando vários tipos de valores são considerados simultaneamente. Em segundo lugar, um edifício que alcança o status de bem patrimonial tem diversos tipos de valor, para um grande número de indivíduos e grupos sociais. Em terceiro lugar, conservar um edifício pressupõe colocá-lo em funcionamento, contemplando, se possível, todos os valores associados à obra, sob a pena de fracasso da intervenção. A teoria de Brandi não é capaz de enfrentar esse desafio.

---

<sup>2</sup> Linha da conservação que compreende os aspectos documentais do edifício como tendo maior importância nas tomadas de decisão de restauro

Em 1964, a Carta de Veneza é concebida à luz do "restauro crítico"<sup>3</sup>, como coloca Kühl (2010). Na Carta, são dadas recomendações acerca do favorecimento da conservação dos monumentos por sua destinação a uma função útil à sociedade, sendo possível, assim, aproximar a teoria brandiana à conservação dos monumentos arquitetônicos. A Carta de Veneza traz outras importantes recomendações acerca da conduta projetual da conservação e ressalta a importância de preservar tanto a obra de arte quanto o testemunho histórico do monumento.

Nesse sentido, a Carta de Burra publicada pela primeira vez em 1980, dá ímpeto às novas reflexões em debate. No documento, estabeleceu-se pela primeira vez a definição do termo *significância cultural*, sendo esse o valor estético, histórico, científico ou social de um bem para as sociedades passadas, presente e futuras (ICOMOS AUSTRÁLIA, 1980). O documento estabelece ainda que a conservação se trata dos "cuidados a serem dispensados a um bem para preservar-lhe as características que apresentem uma *significação cultural*" (ICOMOS AUSTRÁLIA, 1980) e que as condutas de manutenção, preservação, conservação e/ou restauração deverão ser tomadas conforme as circunstâncias de cada bem, e o julgamento acerca dos *valores* que devem ser preservados.

Como explica Kühl (2006), a Teoria da Conservação não é linear ou muito menos homogênea, mas resultado de um lento processo de amadurecimento dado em séculos de experiências e debates. Atualmente, a conservação é vista como uma ciência que desempenha também um papel de negociação, na qual pondera os objetivos dos atores sociais envolvidos, buscando acordos entre os significados a serem conservados e seus interesses (VINÃS, 2005).

Um bom projeto de intervenção em bens patrimoniais requer uma boa compreensão da obra e uma boa negociação entre interesses e valores, para que a *significância cultural* seja preservada com maior grau de *autenticidade* e *integridade* possível. Sendo assim, os desafios da conservação da Arquitetura Moderna serão abordados nesse capítulo como forma de conduzir o leitor nas problemáticas que implicam na tomada de decisões, que devem ser embasadas e conscientes para bem garantir a manutenção e perpetuação da significância cultural, integridade e autenticidade dos bens culturais.

---

<sup>3</sup> Denominação dada à teoria propostas por Cesare Brandi



### 1.1.1 Conservação da arquitetura moderna

O legado da arquitetura do século 20 trouxe as mudanças mais significativas na paisagem das cidades nos últimos 100 anos que a antecederam (MCDONALD, 2003). A ânsia em expressar as oportunidades e tecnologias da nova era industrial se materializou através de uma nova expressão das formas tradicionais, em um novo planejamento espacial das edificações e da cidade, inovações em materiais e estruturas, e em princípios que resultaram não apenas em uma nova arquitetura, mas em um novo estilo de vida, com novos padrões de bem-estar e de uma “infraestrutura para uma nova sociedade”.

Pelas suas peculiaridades, historiadores e teóricos levantaram questionamentos acerca da necessidade de uma revisão crítica da teoria da conservação em vigor, para que essa abarcasse os novos desafios trazidos pela arquitetura moderna. Com base em Moreira (2016), esses novos desafios vão desde o imaginário da sociedade e seu vínculo com a arquitetura moderna até a deterioração muitas vezes precoce de sua materialidade:

1. A máxima “forma segue função” levada a finco na concepção arquitetônica do século 20 levou a rápida limitação da vida útil de muitas dessas edificações, que se tornaram ultrapassadas aos programas de necessidades contemporâneos e comumente causam dificuldades na introdução de novos usos, principalmente em edificações de larga escala;
2. A inovação tecnológica e inserção de novos materiais sem tradição construtiva, tal como o uso de materiais tradicionais de forma inovadora, sem conhecimento do desempenho desses materiais a longo prazo ou da forma mais adequada de execução e/ou detalhamento construtivo, além do uso de materiais fabricados em série. Gerando, dentre as adversidades, rápida degradação da sua materialidade e problemas construtivos que necessitaram de intervenções precoces para bom funcionamento das edificações;
3. Os sistemas de infraestrutura de aquecimento, condicionamento de ar, água, eletricidade, lógica, e etc. e a necessidade de atualização desses para a manutenção do uso das edificações acarretam problemas de adaptação;
4. A crença de que o concreto não necessitaria de conservação preventiva para garantir sua longevidade foi um fator que contribuiu para a ausência de uma cultura de manutenção, o que afetou diretamente o grau de conservação dessas edificações e acentuou problemas referentes ao item 2;

5. A dificuldade de aceitação da pátina nas edificações modernas, uma vez que o envelhecimento não era reconhecido como valor e ainda enfrenta dificuldade em ser visto como incompatível ao caráter e linguagem "contemporânea" dessa produção;
6. Os conjuntos habitacionais do movimento moderno impuseram grandes desafios urbanos e na conservação de sua arquitetura pela dificuldade de acompanhar as transformações sociais; e, por último
7. A falta de reconhecimento social e institucional da produção moderna, que se dá principalmente pela proximidade temporal que temos desse período da história e pela quantidade de exemplares que seria superior, por exemplo, ao número de edificações coloniais. Isso acontece pela cultura de preservação do testemunho histórico, da obra como documento e detentora de um valor de raridade, o que não acontece com a arquitetura moderna - pelo menos não aos moldes das produções anteriores.

Sobre os debates que levantaram a possível necessidade da criação de uma nova teoria da conservação para abarcar essas problemáticas, Zancheti (2014) explica que esta seria uma preocupação justificável apenas sob a abordagem das teorias anteriores a Brandi, pautadas na materialidade dos objetos, e não em seus valores.

A falta de reconhecimento da sociedade sobre a arquitetura moderna resulta então em um falso entendimento coletivo de que não há valores a serem conservados, o que nos leva a crer que o principal impasse para a conservação dessa produção seja muito mais cultural que técnica, de fato. E, infelizmente, não apenas a produção do século 20 é ameaçada por essa questão no nosso país. Por isso, ainda que para alguns a apreciação e ímpeto de preservar a arquitetura moderna seja claro, não é assim para a maioria.

Para justificar essa necessidade de preservação Moreira (2016) cita a seguinte frase de Jokilehto (2003, p. 109): "Modernidade não é um estilo, mas uma abordagem cultural que penetrou todas as regiões do mundo e é expressa em uma variedade de formas. É esta pluralidade de expressões que representa nossas culturas contemporâneas e que forma nosso patrimônio recente". Assim como as produções anteriores e qualquer outra obra - seja ela de interesse cultural ou não - a arquitetura moderna se fez presente através da matéria, e seus impulsos e motivações guardam uma importante parte da nossa história como sociedade, como indústria, da nossa capacidade criativa, propositiva e das relações humanas, que tiveram íntima influência na nossa sociedade atual. E talvez por esse motivo, mais do que em qualquer outra produção anterior, a compreensão do porquê se conservar os *valores* e não *apenas* a matéria

como testemunho histórico seja mais facilmente compreendida quando se trata da arquitetura moderna.

Todas essas questões que envolvem as problemáticas, as características físico-materiais, valores e significados, comumente entram em conflito. Por isso se fazem necessárias metodologias eficazes que busquem compreender todas as dimensões do objeto de modo a fazer uma justa negociação entre os fatores. E esse fim é muito difícil de se alcançar sem a presença dos atores sociais envolvidos: deles as obras dependem para se manterem “vivas” física e socialmente - por isso também a ferramenta busca aproximação da sociedade ao objeto, indispensável para o desenvolvimento de uma cultura preservacionista sólida.

## 1.2 Atributos e valores

É fato que as relações indissociáveis entre os termos técnicos e seus significados não se resumem ao tópico anterior: os *atributos* só serão preservados se a eles forem atribuídos *valores*, e os *valores* podem ser identificados apenas através de características palpáveis, que podem ser percebidas pela sociedade, como dito anteriormente.

No tocante à definição, Tinoco (2020, p.227) estabelece *atributo* como "um predicado, algo da essência, da substância, da natureza de uma coisa, independente da interpretação das pessoas" enquanto "o *valor* corresponde à qualidade que se confere às coisas, depende de quem lhe atribui."

*Atributos* não se resumem, entretanto, apenas à materialidade de um bem construído, mas são aqueles "reconhecidos como tendo valor patrimonial quer **físico-material ou não-material**" (ZANCHETI e HIDAKA, 2010, p. 04. Grifo próprio). No entanto, a compreensão não foi sempre essa: apenas nos anos 1980 começaram movimentações visando ampliar o entendimento ocidental fortemente relacionado à matéria, que àquela época regia imparcialmente as normativas e conceitos acerca do patrimônio cultural.

A partir da Conferência de Nara de 1994, que resultou no *Documento de Nara Sobre Autenticidade*, foram incluídos no Guia Operacional da UNESCO como *atributos* relativos à *autenticidade* além da “forma e desenho, materiais e substância, uso e função, tradições e técnicas, localização e espaço”, os *atributos* “espírito e sentimento, e outros fatores internos e externos” (artigo 15). O documento impulsionou o debate sobre os *atributos intangíveis*, mas sua

compreensão, identificação e formas de avaliação quanto à integridade e autenticidade, bem como formas de preservação, ainda são desafiadoras no âmbito da prática profissional.

Enquanto os *atributos* são características objetivas, os *valores* têm um caráter subjetivo e resultam do julgamento e da validação social de significados presentes e passados do objeto (ZANCHETTI et al, 2008).

Stovel (2004), em suma, afirma que os **atributos carregam os valores** do bem e categoriza esses atributos conforme a classificação do Guia Operacional da Unesco (2005). Portanto, a partir da definição de Stovel, podemos dizer os **atributos** (forma e desenho, materiais e substâncias, uso e função, tradições e técnicas, localização e espaço, língua e outras formas de patrimônio intangível, espírito e sentimento, e outros fatores internos e externos) são expressos pelas **características** ou **elementos** - físicos ou não de um bem. Por exemplo, uma esquadria - podemos pensar nas esquadrias das fachadas no Superior Tribunal Federal para título de ilustração - pode conter *atributos* de forma e função, materiais e substâncias, tradições e técnicas, entre outros: um mesmo elemento ou característica da obra pode conter diferentes **atributos**.

E, enquanto os **atributos**, tangíveis e intangíveis, são concretos e existem apenas pelo fato de ser, os **valores** a eles atribuídos e por eles expressos podem sofrer variações ao longo do tempo, a depender da compreensão desses atributos por parte da sociedade atual. **Atributos** são expressos através dos elementos, e a eles é feita ou não uma atribuição de **valor**.

Quando falamos em patrimônio - do latim *patrimonium*, de acordo com a legislação, bens deixados de pais para filhos - significa que esses bens foram herdados e, sendo herança, são portadores de *significância cultural*. Dessa forma, Lacerda (2012) ressalta:

Não se trata de conservá-los por conservá-los, mas de conservar prevendo uma possível alteração de seus valores. A tarefa não é simples, uma vez que significa identificar os valores atribuídos a esses bens, não apenas pelas gerações passadas, mas também pela [geração] presente e por aquelas que hão de vir. (...) [E] o grande desafio, quando se trata de valorar esses bens, é como conciliar todos os seus tipos de valores. (LACERDA, 2012, p.45)

Sendo assim, para melhor compreensão da valoração é importante um olhar atento às considerações de Riegl (2014). De acordo com o autor, o ato de fazer ou criar não se trata de uma atividade mecânica, mas fruto de um **aspecto passivo**: o conhecimento sensorial; e de uma

**faculdade ativa:** a vontade, caracterizando assim a vontade artística ou o "querer da arte"<sup>4</sup> da época. Riegl ressalta ainda que o "querer da arte" de um monumento não é "monolítico", mas delineado pelo período, lugar, cultura e atores sociais envolvido; e "seu significado e importância não provêm da sua destinação original, mas daquilo que nós sujeitos modernos atribuímos a eles" (RIEGL, 2014, p.36).

Com essa afirmação Riegl faz referência principalmente aos monumentos não-intencionais ou não simbólicos, cujo valor histórico-artístico é atribuído pela geração presente que compreende, naquele monumento, um marco espaço-temporal de um "elo insubstituível e irremovível de uma corrente de evolução, ou, em outras palavras, (...) um antecedente que não poderia ter acontecido da forma como aconteceu não tivesse sido antecedido por aquele elo anterior". (RIEGL, 2014, p. 32).

Desse modo, em *O culto moderno dos monumentos*, Riegl divide os valores em dois grandes grupos. Os valores de rememoração: **valor de antiguidade, histórico e valor de memória ou rememoração intencional**; e os valores de contemporaneidade: **valor de uso**, e valor artístico que é subdividido em **valor de novidade e valor de arte relativo**.

O (a) **valor de antiguidade** é definido pelo autor como, de fato, àquele relacionado ao aspecto antigo do monumento (ou bem). O valor de antiguidade é aquele que "se exprime mais pelo efeito óptico da decomposição da superficial - a influência do tempo, pátina - o desgaste de ângulos e cantos, que revela, portanto, a inexorável e implacável ação de dissolução provocada pela natureza". (RIEGL, 2014, p. 51)

O (b) **valor histórico** está, segundo Riegl, contido na capacidade do bem em transmitir um "estágio evolutivo individual de um domínio qualquer da atividade humana" (p.55) e está diretamente ligado à sua integridade e à proximidade da condição atual do bem se comparado à quando foi criado, ou seja, seria inversamente proporcional às alterações sofridas ao longo do tempo.

O (c) **valor de memória ou rememoração intencional**, por sua vez, está na compreensão de que o monumento, desde a sua origem, teve a intenção de nunca permanecer ao passado, mas ao contrário, que fizesse parte "das gerações futuras, sempre presente e vivo" (RIEGL, 2014, p. 63). Dos três valores de rememoração apontados por Riegl, este é o que

---

<sup>4</sup> Do alemão "Kunstwollen".

tangencia os valores de contemporaneidade, devido ao seu caráter "atual". Como forma de esclarecer sucintamente as diferenças entre esses três valores, Riegl (2014, p.63) explica:

Enquanto o culto de antiguidade é fundado exclusivamente sobre a degradação e o valor histórico quer detê-la desde já, mas sem tocar a degradação que já se deu e que justifica seu direito de existência, o valor volúvel de comemoração pretende nada menos do que a imortalidade, o presente eterno, a essência incessante. (p. 63)

Ainda de acordo com o autor, o (d) **valor de uso** está relacionado à capacidade do bem de responder às necessidades materiais do homem, ao seu valor utilitário e à condição física que possibilita o desenvolvimento de uma "vida psíquica" ao monumento, ou seja, a capacidade do bem de abrigar atividades de modo a "dar vida" e perpetuar sua existência.

Já o (e) **valor artístico** está condicionado à capacidade do monumento de satisfazer as exigências do querer artístico moderno (RIEGL, 2014) e está "impregnado de subjetividade" (LACERDA, 2012, p.46). Por isso Riegl chama de (e.1) **valor artístico relativo** uma vez que essas exigências "não foram formuladas claramente e que, a rigor, nunca o serão, pois mudam constantemente de sujeito para sujeito e de momento para momento" (2014, p. 35). Enquanto o (e.2) **valor de novidade** é o exato oposto do valor de antiguidade. Para o autor, é o valor que reforça que o novo é belo e que o velho, marcado pelo tempo, é feio: "essa atitude milenar empresta à juventude uma superioridade incontestável sobre o que é velho, e ficou tão profundamente enraizada, que é impossível derrotá-la em algumas décadas." (RIEGL, 2014, p. 71).

Sendo assim, Riegl (2014) compreende que o monumento histórico não é estático, mas passivo e valorado conforme a percepção da sociedade atual, de modo que os valores estão mais ligados com o "querer da arte" e o contexto cultural moderno do que com o monumento em si. Suas contribuições correlacionam a preservação histórica à valoração crítica, e são determinantes nas reflexões acerca da compreensão do bem e como ponderar os valores conflitantes na prática da conservação, como afirma Cunha (2006):

A grande contribuição dessa obra do historiador da arte vienense reside no fato de se apresentarem, através dos diferentes tipos de valor atribuídos aos monumentos, decorrentes das distintas formas de percepção e recepção dos monumentos históricos em cada momento e contexto específicos, os contrastantes meios para sua preservação. E, ao indicar essas múltiplas possibilidades, impor ao sujeito da preservação a necessidade de fazer escolhas, as quais devem ser, necessariamente,

baseadas num juízo crítico. Dessa forma, o pensamento riegliano insere definitivamente as práticas da restauração no debate sobre a cultura, considerando-a deliberadamente como “ato de cultura”, antecipando-se às propostas defendidas a partir do segundo pós-guerra europeu pelo chamado “restauro crítico”, que tem nas figuras de Roberto Pane, Renato Bonelli e Agnoldomenico Pica seus protagonistas, e, paralelamente, a marca da contribuição teórica de Cesare Brandi.

Lacerda (2012) endossa a importância da compreensão dos valores patrimoniais para realizar intervenções em bens patrimoniais, assim como é enfática no tocante à presença dos atores sociais no processo de valoração e na quantificação desses valores, tendo em vista o caráter subjetivo e dinâmico ao qual o bem está submetido. Na busca por um conjunto de valores que contemple todos as percepções do bem, a autora traz algumas contribuições à classificação de Riegl, principalmente no tocante aos valores econômicos do bem.

Ao (b) **valor histórico**, a autora ressalta a importância enquanto "revelação de uma época, de seus modos de vida" de um tempo passado e que de modo algum pode ser reproduzido, de um "passado culturalmente destruído" (LACERDA, 2012, p.46). Reconhecer este valor é não é apenas compreende-lo como fragmento da história da sociedade presente, mas buscar conserva-lo também visando sua importância para as gerações futuras;

O (e) **valor artístico** é compreendido por Lacerda (2012) da mesma forma como Riegl define o (e.1) **valor artístico relativo**: a apreciação estética de percepção subjetiva, condicionada à compreensão do "querer da arte" atual, que pode variar de acordo com a cultura, a sociedade e o tempo;

Diretamente relacionado ao valor histórico, a autora aponta o (f) **valor cultural** como o elo de identidade social comum entre passado, presente e futuro. É o valor que se materializa - em crenças, costumes, vestimentas, etc - e que para ser compreendido isoladamente, é necessária a assimilação do conjunto (Eliot *apud* Kuper, 2002);

Juntamente com os valores culturais, estão os (g) **valores simbólicos** que "pressupõe uma competência imaginária que se exprime por uma capacidade de ver as coisas tais como elas não são, de vê-las diferentemente do que elas são" (LACERDA, 2012, p. 48). A autora exemplifica fazendo referência a um crucifixo, no qual um indígena pode ver apenas dois pedaços de madeira em formato cruciforme, enquanto o cristão o vê além da apresentação material e o percebe como um objeto de devoção.

O (h) **valor cognitivo**, por sua vez, correlaciona-se como todos os outros valores e se expressa na capacidade de transmitir conhecimento; no seu potencial didático e pedagógico do bem.

Ainda na classificação de Lacerda (2012), no (d) **valor de uso** reside o (i) **valor econômico** do bem, que pode estar contido ou ser potencializado pelos outros valores contidos nele. Enquanto o (j) **valor de opção** está relacionado ao valor de uso futuro, de possibilitar que as gerações futuras se beneficiem do bem e, segundo a autora, o não conhecimento desse valor podem levar a "intervenções físicas desastrosas".

Por último, a autora coloca o (k) **valor de existência**, fundamentado nos conceitos de singularidade e irrevestibilidade. Estando realmente contido no fato de do bem existir.

Ainda que a classificação de valores mude de acordo com o autor ou órgão responsável, não haverá, nas classificações existentes, categorias muito diferentes das apresentadas até então. Se partirmos as qualificações da UNESCO, na a Carta de Burra (2013), que vem sendo atualizada desde 1979, a *significância cultural* é definida a partir dos valores **estéticos, históricos, científicos e sociais** para as gerações passadas, presente e futuras. Assim como no Documento de Nara sobre Autenticidade (1994), onde os valores **artístico, histórico, social e científico** do monumento são citados sob o nome de *dimensões*.

Em *Assessing Values of Cultural Heritage*, Marta de La Torre (2002) propõe uma classificação semelhante à de Lacerda (2012), mas com algumas subcategorias nos valores econômicos.

**Tabela 1** - Autores e classificações de valores

Riegl (1903)		The Getty Conservation Institute (2002)		Lacerda (2012)	Carta de Burra (2013)
<b>Valores de rememoração</b>	antiguidade	<b>Valores socioculturais</b>	histórico	antiguidade	estéticos
	histórico		Cultural/simbólico	histórico	históricos
	comemorativo		social	artístico	científicos
<b>Valores de contemporaneidade</b>	uso		Espiritual/religioso	cultural	sociais
	arte relativo		estético	simbólico	
	novidade	uso	cognitivo		
		<b>Valores econômicos</b>	não-uso	econômico	
			opção	opção	
			existência	existência	
			legado		

Fonte: De La Torre, 2002. Editado pela autora.



A abordagem adotada nessa pesquisa compreende os *valores* são as qualidades conferidas aos *atributos* que conferem à obra uma importância patrimonial e os *atributos*, por sua vez, tomam forma e estão impressos nos *elementos* físicos ou imateriais do bem. Como forma de tentar abarcar a maior quantidade de *elementos* possível, Lira (2010) propõe a identificação desses a partir da seguinte classificação dos *atributos*: **espacialidade** - relação do bem com o entorno edificado, com a paisagem e áreas livres; **tipologia** - gabaritos, relação entre cheios e vazios, ornamentos e soluções arquitetônicas relativas à tipologia; **técnicas e materiais construtivos** - utilizados nas coberturas, esquadrias, revestimentos, ornamentos, estrutura; **pátina** - alterações em textura cores ou formas decorrentes da passagem do tempo; e **usos e práticas sociais** - relacionadas ao bem, sendo nele ou correlatos a ele.

Já o Documento de Nara sobre Autenticidade (1994), que é a peça fundamental no debate sobre autenticidade e sobre os *atributos*, os classifica em: **forma e o projeto, matéria e substância, o uso e a função, as tradições e as técnicas, a localização e o enquadramento, o espírito e o sentimento, e outros fatores internos e externos**. Sendo nessas dimensões as fontes de informação do bem, cuja compreensão por parte pela sociedade gera a atribuição de *valor*.

Lira (2010) traz uma proposta interessante principalmente para compreensão de *bens* em uma escala urbana. No entanto, visando estar alinhados com uma classificação mais universal dos atributos, a classificação utilizada na presente pesquisa será a do Documento de Nara sobre Autenticidade (1994).

Ainda que o documento se refira à *autenticidade*, os *atributos* devem também ser analisados do ponto de vista da *significância cultural* e da *integridade*: o que muda é apenas o ângulo sob o qual está sendo analisado o objeto. O próximo tópico desse capítulo será dedicado para o debate sobre essas definições e a sutis diferenças entre elas.

Em síntese, esse debate buscou esclarecer a o entendimento de que a atribuição de *valor* é feita por um determinado grupo de pessoas, situadas em uma determinada condição de tempo e lugar, o que confere a esse grupo uma série de filtros sobre os quais os *atributos* são avaliados. Sendo assim, não há um conjunto de indicadores definitivos: eles estarão sempre condicionados a valores que podem sofrer mudanças com o passar do tempo ou de um local para outro (LIRA 2009).

A compreensão dos *valores* e como eles se conectam aos *atributos* é fundamental para a compreensão e aplicação da ferramenta, uma vez que é essa a chave para a integração das

três noções balizadoras da preservação do patrimônio que serão explanadas a seguir (LIRA, 2020).

Diante das diferentes definições e classificações dos autores que embasam o referencial teórico dessa pesquisa, se faz necessário optar por um conjunto de valores a serem avaliados pelos atores sociais. Sendo assim, foram submetidos à validação dos especialistas, para posterior validação dos atores sociais, os valores de **antiguidade, histórico, artístico, cultural ou simbólico, social ou espiritual** e de **uso**. O resultado da validação dos especialistas e a classificação de valores utilizada para construção da DSIA são apresentados no capítulo 3 desse volume.

Seguiremos com o debate acerca dos conceitos de significância cultural, integridade e autenticidade para, com o embasamento teórico construído, partir para o capítulo 3 com a construção da DSIA, onde faremos a valoração dos atributos do Conjunto São Miguel.

### 1.3 Significância Cultural, Integridade e Autenticidade

A compreensão do que entendemos hoje por *significância cultural* vem sendo construída ao longo de três décadas pelos debates entre teóricos e pela Carta de Burra (2013). No primeiro momento, a *significância cultural* foi definida como os *valores estético, histórico, científico ou social, para as gerações presente, passadas e futuras*; (UNESCO, 1980) e os debates gerados na academia, a partir também das experiências práticas da conservação, levaram ao amadurecimento desse conceito.

Atualmente, *significância cultural* é entendida pela Carta de Burra (2013) como o conjunto de valores que podem ser mutáveis ao longo do tempo e com o uso, valores que estão contidos no *bem em si, na matéria, configuração, uso, associações, documentações, bem correlatos e objetos correlatos*, e que podem abarcar uma variedade de valores diferentes para indivíduos ou grupos (UNESCO, 2013).

Kerr (2013) refere-se à *significância cultural* como um conceito simples e básico para qualquer projeto de planejamento, uma vez que esse conceito tem por objetivo ajudar a identificar e avaliar os atributos que constituem um lugar de valor para nós e para a nossa sociedade. Sobre a importância prática da *significância cultural*, o autor explica:

Uma vez que o significado de um lugar é compreendido, decisões políticas informadas podem ser tomadas, o que permitirá que esse significado seja retido, revelado ou, pelo menos, prejudicado o menos possível. Uma compreensão clara da natureza e do nível de significância de um lugar não apenas sugerirá restrições à ação futura, mas também introduzirá flexibilidade ao identificar áreas que podem ser adaptadas ou desenvolvidas com maior liberdade. (KERR, 2013, p. 4)

Zancheti et. al (2009) define *significância cultural* como os valores identificados no presente e no passado, sendo, do ponto de vista sociocultural, derivada de muitos assuntos que vinculam uma infinidade de valores ao patrimônio cultural, dependendo assim, da intersubjetividade. De modo que, para que o julgamento da significância seja eficaz, este deve ser validado socialmente, **caso contrário espera-se que as ações de conservação seja a fonte de conflito entre as partes interessadas** e seja pouco centrada nos valores do bem de fato.

Em linhas gerais, a *significância cultural* é o conceito que visa identificar, descrever e explicar um conjunto de valores abstratos e mutáveis que conferem ao bem uma importância cultural, que a compreende como patrimônio. Esse conjunto de valores deve ser definido e embasado conforme a teoria da conservação vigente e na bibliografia disponível sobre o assunto, conforme capítulo anterior. Nessa pesquisa, o conjunto de valores utilizados passaram também por validação dos especialistas, conforme sugere a DSIA.

Compreendido o primeiro conceito dessa tríade, seguiremos para os conceitos de *autenticidade* e *integridade*, tendo em mente que eles não estão separados da *significância cultural*, mas a ela dão suporte.

O conceito de *autenticidade* entra no debate da conservação no ano de 1964, quando o termo é citado uma única vez na Carta de Veneza, fruto do congresso do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) realizado na cidade italiana. No entanto, a publicação sugere apenas que a restauração "fundamenta-se no respeito ao material original e aos documentos autênticos", sem maiores detalhes sobre sua definição. Em 1977, a UNESCO efetiva o termo *autenticidade* no debate internacional ao informar que passaria a exigir um "teste de autenticidade" dos bens a serem inseridos na lista de Patrimônio da Humanidade.

Como bem aponta Jokilehto (2006), até este momento a definição de autenticidade estava pautada nos aspectos tangíveis do bem, contido em quatro parâmetros: *design*, *material*, *técnica* e *configuração* e, foi apenas na Conferência de Nara (1994), que o conceito foi ampliado. Visando

abarcam diferentes cenários que, por razões culturais, não detinham a autenticidade necessariamente na matéria original:

O principal fator de atribuição de valores (...) [e] os julgamentos quanto à autenticidade devem estar relacionados à valorização de uma grande variedade de pesquisas e fontes de informação (...) [que] devem incluir aspectos de *forma e desenho, materiais e substância, uso e função, tradições e técnicas, localização e espaço, espírito e sentimento, e outros fatores internos e externos*. O emprego destas fontes de pesquisa permite delinear as dimensões específicas do bem cultural que está sendo examinado, como as *artísticas, históricas e científicas*. (ICOMOS, 1994)

Stovel (2004, p.3. Tradução nossa), por sua vez, define a *autenticidade* como a “medida do grau em que os valores de um bem patrimonial podem ser entendidos como verdadeiros, genuínos e confiáveis, expressos pelos atributos que carregam os valores”<sup>5</sup>. Sobre a identificação desse grau de legitimidade, Jokilehto (2008, p. 10) diz que esta é facilmente diagnosticada quando cada um de seus portadores são examinados independentemente uns dos outros. Diferente de quando todos os componentes são estudados simultaneamente, esse padrão fornece perda parcial de autenticidade em cada um deles (por exemplo, a autenticidade do material está intacta, mas a função mudou, há uma perda da forma original, etc.). O autor aponta que a análise tem um caráter relativo e pode aumentar a dissonância do todo, e que por isso é necessário encontrar o ponto antes do qual a autenticidade do monumento ainda não se perdeu e pode ser percebida tal como é. (DUSHKINA, 1995, p. 310)

A partir da convenção do patrimônio mundial de 1972, que culminou na criação da Lista do Patrimônio Mundial, foi necessário estabelecer parâmetros para a seleção dos bens com “valor excepcional e universal para a cultura da humanidade” (UNESCO, 2020). Para isso criaram-se as “Diretrizes Operacionais” em 1977, e o Teste de Autenticidade do Patrimônio passou a ser uma exigência para candidatura de um bem à lista: buscando avaliar as condições de autenticidade de seus atributos *forma e função, materiais e substância, uso e função, tradições e técnicas e localização e sítio*.

Os aspectos imateriais, como espírito e sentimento, tomaram ímpeto nas discussões sobre *autenticidade* com a conferência de Nara, impulsionada pelo debate acerca da compreensão ocidental versus oriental do que seria *autêntico*: no documento gerado a partir da

---

<sup>5</sup> Texto original: “measure of the degree to which the values of a heritage property may be understood to be truthfully, genuinely and credibly, expressed by the attributes carrying the values”

conferência, os aspectos imateriais são apontados como "importantes indicadores de caráter e sentido de lugar"<sup>6</sup> (UNESCO, 2019, p. 27, tradução nossa), mesmo que sejam de difícil aplicação prática.

Jokilehto (2008) ratifica, ainda, a sugestão do Guia Operacional da Unesco de que a *autenticidade* é um conceito relativo que deve ser sempre usado em relação à capacidade de atributos específicos de expressar ou transmitir claramente a natureza dos valores reconhecidos. Ou seja, para expressarem os valores, os atributos precisam ser autênticos: "a autenticidade está relacionada à verdade dos atributos, que são de natureza material e imaterial" (SILVA E ZANCHETI, 2012 p.10).

Em suma, a *autenticidade* está relacionada à capacidade de cada atributo de expressar os valores do bem em sua matéria, incluindo a autenticidade da ideia, da construção, e detalhes e da forma (OERS, 2003). A *autenticidade* e a *integridade* são qualificadoras dos atributos, mas, ainda que sejam conceitos que se complementam, são diferentes entre si e precisam ser avaliados separadamente.

A *autenticidade*, *significância cultural*, e *integridade* compõe esse grupo de três pilares que apoiam o sistema internacional de salvaguarda dos bens patrimoniais nas últimas décadas (AZEVEDO, PONTUAL e ZANCHETI, 2014). E esse terceiro termo ainda é citado superficialmente nas cartas patrimoniais da UNESCO. No Guia Operacional da UNESCO (2019, p. 88) temos a seguinte definição:

*A integridade* é uma medida da **inteireza** e **intacticidade** do patrimônio natural e/ou cultural e de seus atributos. Examinar as condições de integridade exige, portanto, avaliar até que ponto a propriedade: a) inclui todos os elementos necessários para expressar seu Valor Universal Excepcional; b) possui tamanho adequado para garantir a representação completa dos recursos e processos que transmitem o significado da propriedade; c) sofre de efeitos adversos do desenvolvimento e / ou negligência. Isso deve ser apresentado em uma declaração de integridade.<sup>7</sup> (Traduzido pela autora)

---

<sup>6</sup> Texto original: "important indicators of character and sense of place"

<sup>7</sup> Texto original: "Integrity is a measure of the wholeness and intactness of the natural and/or cultural heritage and its attributes. Examining the conditions of integrity, therefore requires assessing the extent to which the property: a) includes all elements necessary to express its Outstanding Universal Value; b) is of adequate size to ensure the complete representation of the features and processes which convey the property's significance; c) suffers from adverse effects of development and/or neglect. This should be presented in a statement of integrity."

A análise de Stovel (2007) apresenta também as definições do Parks Canada para "Integridade Comemorativa" na nova Política de Gestão de Recursos Culturais no início dos anos 90. Segundo Stovel, a "Integridade Comemorativa" proposta pelo Parks Canada descreve a saúde e inteireza de um monumento, sendo essa alcançada quando:

1) os recursos diretamente relacionados com os motivos da designação do sítio como sítio histórico nacional não estão prejudicados ou ameaçados; 2) as razões para a designação do sítio como sítio histórico nacional são efetivamente comunicadas ao público; e 3) quando os valores patrimoniais do local são respeitados em todas as decisões e ações que afetam o local.<sup>8</sup> (Parks Canada *apud* Jokilhto, 2007 p. 25. Tradução nossa).

Aqui o autor correlaciona os dois primeiros itens ao conceito de inteireza da Unesco, de estar ligado à capacidade da propriedade de transmitir seu significado tanto por meio de esforços de comunicação como por meio de sua realidade física. Enquanto o último é entendido por Stovel (2007) como compatível ao conceito de intacticidade da Unesco, que se refere ao estado da propriedade em relação às ameaças à sua existência, e quaisquer riscos no ambiente em torno da propriedade.

Na análise de Jokilehto (2006), a importância da candidatura de diferentes exemplares à Patrimônio Mundial foi realçada por uma análise aprofundada da *integridade sócio funcional* do bem à luz de seus valores. O autor define a *integridade sócio funcional* como relacionada à "identificação das funções e processos nos quais se baseou seu desenvolvimento ao longo do tempo, tais como aqueles associados à interação na sociedade, respostas espirituais, utilização de recursos naturais e movimentos de pessoas" (JOKILEHTO, 2006, p. 14).

Jokilehto (2006, p.14) afirma ainda que "a identificação espacial dos elementos que documentam tais funções e processos, ajuda a definir a *integridade estrutural* do local, referindo-se ao que sobreviveu de sua evolução ao longo do tempo". E por último, a terceira dimensão da integridade trazida pelo autor é a *integridade visual*, que Jokilehto define como a que ajuda os aspectos estéticos do local. Essas três dimensões seriam então, responsáveis por manter o sentido ao conjunto ambiental espacial da área. Jokilehto (2006, p.14) conclui dizendo que:

---

<sup>8</sup> Texto original: "Resources directly related to the reasons for the site's designation as a national historic site are not impaired or under threat; The reasons for the site's designation as a national historic site are effectively communicated to the public; and The site's heritage values are respected in all decisions and actions affecting the site." (Parks Canada: 1)"

São nessas dimensões de integridade que se pode basear o desenvolvimento de um sistema de gestão de forma a garantir que os valores associados não sejam prejudicados. Em muitos casos, não basta focar a área limitada do Patrimônio Mundial, mas sim levar em consideração um contexto territorial mais amplo. Foi o caso, por exemplo, do Vale de Noto, na Sicília, onde as oito áreas urbanas históricas foram integradas em um plano diretor de gestão territorial. O objetivo aqui era dar ênfase aos aspectos econômicos e funcionais da economia regional e ao uso relevante da terra, que não poderia ser administrado de forma adequada se apenas limitado aos sítios indicados para o Patrimônio Mundial.

Stovel (2007) faz referência à classificação de Jokilehto (2006) acerca das dimensões da integridade e ressalta que embora o autor já possuísse, à época, diversos materiais sobre o assunto, a classificação ainda não havia sido incluída no Guia Operacional vigente. Ainda que, até a data de publicação dessa dissertação, essa inclusão ainda não tenha sido feita por parte da Unesco, acredito que as reflexões do autor nos ajudam a entender o conceito de integridade, sua percepção e implicações na manutenção dos valores e longevidade do bem.

Com uma compreensão mais clara do que são cada um dos conceitos que formam esse pilar da conservação, observamos que as fronteiras entre eles é um grande desafio. Como peças de um quebra-cabeça que se encaixam uma à outra formando uma só imagem: uma vez a imagem formada, os limites das peças são quase imperceptíveis, mas até ele esteja montado, aqueles componentes são por vezes confundidos entre si. Assim, a *significância cultural*, *autenticidade* e *integridade* juntas compõem a leitura sobre a valoração do bem, mas ao contrário de um quebra-cabeça, a compreensão de um bem cultural não é imutável nem imparcial.

A *autenticidade* está relacionada à herança como um qualificador, enquanto a integridade é referida à identificação da condição funcional e histórica do bem, sendo assim esses dois conceitos podem ser vistos como complementares, mas um não substitui o outro (JOKILEHTO, 2006). O mesmo acontece com a *significância cultural* e a *autenticidade*, uma vez que nossa capacidade de entender *valores* está relacionada ao grau de veracidade das fontes de informação, das características originais e subsequentes do bem e ao seu *significado*: que são as bases necessárias para avaliar todos os aspectos da *autenticidade*, de acordo com o Guia Operacional da UNESCO.

Assim, a UNESCO define que a Declaração de Autenticidade deve avaliar o grau de *autenticidade* presente ou expresso por cada um desses atributos *significativos*.

Ao refletir sobre a natureza, especificidades e implicações de uma intervenção em bens de interesse cultural, Silva (2012) aponta para um encadeamento lógico para uma compreensão integrada dessas três noções: a **intervenção ocorre para resgatar, consolidar ou adicionar valores diversos** — valores que, nem sempre, podem continuar existindo simultaneamente. **As exigências de uso, forma e estética orientam a ação da conservação em direção à integridade, mas, em geral, ocorre redução da autenticidade do material.** (LIRA, 2020, p. 3. Grifo nosso).

Para fins metodológicos, serão consideradas, nessa pesquisa, as seguintes definições para cada conceito:

- *Significância cultural*: de acordo com Zancheti *et al.* (2009) - conjunto de valores contidos nos atributos, que conferem ao bem importância cultural;
- *Autenticidade*: a capacidade de atributos específicos - materiais e imateriais - de expressar claramente a natureza dos valores reconhecidos. Conforme Jokilehto (2006) e Silva e Zancheti (2012); e
- *Integridade*: condição funcional e histórica do bem e sua capacidade de transmitir seu significado tanto por meio de esforços de comunicação como por meio de sua realidade física. O estado do bem em relação às ameaças à sua existência, e quaisquer riscos no ambiente em torno da propriedade (inteireza e intacticidade). Com base na definição da Unesco (2019) e nas considerações de Stovel (2007).



CAPÍTULO 2 | MAYUMI &  
OS BLOCOS DA UNIDADE DE VIZINHANÇA SÃO MIGUEL

## 2.1 Mayumi Watanabe de Souza Lima

**Figura 1** – Mayumi de Souza Lima (1934 – 1994)



Fonte: Revista Habitare.

Disponível em <https://www.revistahabitare.com.br/arquitetura/mayumi-watanabe/>

As principais fontes de pesquisa sobre Mayumi e sua obra são Cássia Schroeder Buitoni (2009) cuja dissertação de mestrado pesquisa a produção da arquiteta com enfoque nos espaços educacionais, e Maribel Del Carmen Aliaga Fuentes (2017) que em sua tese de doutorado resgata as dissertações dos primeiros mestrados da UnB, parte importante história desta universidade e de Brasília nos anos 1960. Ainda que a produção acadêmica e literária sobre Mayumi esteja em passos iniciais, o acervo sobre a arquiteta foi doado pelo seu filho Mário Watanabe de Souza Lima à Fundação Perseu Abramo do Partido dos Trabalhadores - PT, e está no Fundo Mayumi Souza Lima do Centro Sérgio Buarque de Holanda de documentação e história política, onde está disponível para consulta pública.

Mayumi Watanabe de Souza Lima nasceu em Tóquio, no ano de 1934 e se mudou para o Brasil ainda criança. Mesmo que seu período de permanência em seu país natal tenha sido pequeno, o filho da autora afirma que suas raízes culturais e sociais foram marcantes tanto na sua formação, como na expressão em sua obra<sup>9</sup>. Os pais da arquiteta, Minoru Watanabe e Yuri Takao eram ambos envolvidos com organizações culturais de esquerda, sendo ele jornalista e

---

<sup>9</sup> Mário Souza Lima para Buitoni (2009) em 20/10/2008

caricaturista e ela funcionária de um teatro pertencente à Arte Proletária, segundo Buitoni (2009). O casal se mudou o Brasil com as duas filhas Sayumi e Mayumi, no ano de 1938, fugidos da perseguição do governo aos intelectuais marxistas.

A família Watanabe residiu em fazendas em Lins e Guaratinguetá, interior do Estado de São Paulo, até o início do ano de 1940 quando foram para capital paulista e fixaram residência. Ainda no início dessa década passaram a enfrentar algumas dificuldades no período da II Guerra Mundial: em 1942 o Brasil sai da neutralidade e se alia aos Estados Unidos (dos países *Aliados*), se opondo conseqüentemente *as potências do Eixo* - Alemanha, Itália e Japão. Com o corte das relações diplomáticas do Brasil com o Japão houve uma conseqüente cisão de contato dos imigrantes japoneses com seu país de origem: os jornais japoneses pararam de circular no país e houve um longo período de preconceito sofrido por serem oriundos de um país inimigo de guerra. Em 1952 o Tratado de Paz entre Brasil e Japão é assinado, e em 1956 Mayumi dá início ao seu processo de naturalização, mesmo ano em que ingressou na FAUUSP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) (BUITONI, 2009).

No final da década de 1950, a FAUUSP representava a excelência do ensino superior do país e seu histórico de ensino multidisciplinar "que propicia uma ampla formação estética e crítica, e contribui para novas formas de pesquisa, representação e expressão" (KOK, 2009) possibilitou a Mayumi envolver-se em atividades extracurriculares relacionadas à arquitetura e às ciências sociais, como ressalta Buitoni (2009, p.19):

Foi diretora de publicações do GFAU (Grêmio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), responsável pela publicação do jornal "Estudos", de 1956 a 1957. O jornal publicava em português textos traduzidos de revistas estrangeiras de arquitetura, trazendo para o âmbito da Universidade as discussões internacionais das ideias de importantes arquitetos e intelectuais. Frequentou na mesma época o curso de extensão universitária "Introdução às Ciências Sociais" na Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

No âmbito profissional, Mayumi estagiou com Vilanova Artigas de 1958 a 1959 e com Joaquim Guedes e Lina Bo Bardi, de 1959 a 1961; com os últimos trabalhou também como arquiteta após sua formatura em 1960, conforme aponta Fuentes (2013).

Em 1961, Mayumi abriu o escritório com seu colega do curso de arquitetura, Sérgio Souza Lima, com quem casou-se neste mesmo ano e teve uma vida de companheirismo na "atuação

profissional, na vida acadêmica e na militância política de esquerda”, segundo o filho do casal, Mário Souza Lima, em entrevista à Buitoni (2009).

Dentre os trabalhos desenvolvidos pelo escritório de Mayumi e Sérgio, entre agosto de 1961 a novembro de 1962, estão projetos para a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e detalhes e coordenação das obras do Museu de Arte Moderna de São Paulo, da arquiteta Lina Bo Bardi. Em 1962, Mayumi e Sérgio, com dois e um ano de formados respectivamente, por indicação de Vilanova Artigas – de quem também foram alunos – se mudam para a Capital Federal para cursar mestrado na recém-inaugurada Universidade de Brasília (FUENTES, 2017).

Em Brasília estiveram envolvidos com as pesquisas da pós-graduação, tutoria à graduação e atividades do CEPLAN, (Centro de Estudos Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico, atualmente Centro de Planejamento Oscar Niemeyer). Permaneceram na Capital Federal até 1965, quando houve a demissão coletiva de 223 professores da instituição, devido à interferência na Universidade com invasões e perseguição ao corpo discente e docente por parte do Governo Militar. Antes de partir, Mayumi e Sérgio - assim como os outros instrutores da pós-graduação - deixaram suas contribuições publicadas e parcialmente edificadas.

**Figura 2** – Mayumi de Souza Lima em sala de aula.



Disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/06/28/mayumi-watanabe-de-souza-lima-1934-1994/>

Ao retornar a São Paulo, Mayumi trabalhou na diretoria de planejamento do Fundo Estadual de Construções Escolares - FECE, onde desenvolveu programas-modelo para projetos de arquitetura para o ensino fundamental e estudos sobre os sistemas construtivos no estado de São Paulo (BUIIONI, 2009). De 1970 a 1971, lecionou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

de Santos, curso que ela e Sérgio também ajudaram a estruturar e onde explorou em sala de aula - e fora dela - a realidade das autoconstruções e habitações de interesse social (FERRO *apud* BUITONI, 2009). No final de 1970, Sérgio e outros colegas foram presos por suspeita de envolvimento com a explosão de uma bomba na embaixada norte americana, e permaneceram presos por um ano no Presídio Tiradentes: lá juntamente com Júlio Barone e Henrique Heck montaram um ateliê de desenho para os presos e ficaram conhecidos como "o grupo de arquitetos", conforme informações da Revista Teoria e Debate (2004) apresentadas por BUITONI (2009). Em 1971 Mayumi foi presa e torturada por um mês:

Mayumi não gostava de falar sobre o assunto e, apesar de sua postura contra o regime, não concordava com a opção pela luta armada. Foi presa provavelmente para pressionar o marido e os colegas de faculdade, mas não entregou ninguém. Naquele momento, a sociedade brasileira ignorava a existência de presos políticos e do uso da tortura pelos militares. Mayumi denunciou à família de Sérgio que o marido estava sendo torturado. A família demorou a buscar ajuda para tirá-lo da prisão (foi preciso que Mayumi mostrasse as próprias marcas de tortura para que eles acreditassem<sup>10</sup>). (BUITONI, 2009, p. 26).

Após esse episódio, Mayumi lecionou na FAU Santos por um curto período. A partir de 1972 a arquiteta passou a lecionar na FAU São José dos Campos, faculdade que iniciou suas atividades em 1970 com o auxílio de Mayumi, Sérgio e outros colegas da FAU Santos, que ajudaram a composição da grade curricular e estruturar o curso. Em 1974, Mayumi decidiu se afastar por estar em desacordo com os caminhos que a faculdade estava tomando, e, em 1976, a instituição fechou as portas.

De 1987 a 1993, Mayumi e Sérgio compuseram o corpo docente do Departamento de Arquitetura e Planejamento da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC-USP). E, em 1994, perdemos Mayumi após um acidente de carro. (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2020)

O casal Souza Lima demonstrava, "desde a ida a Brasília, (...) um grande compromisso com a transformação da realidade social do país através do fazer profissional" (BUITONI, 2009, p. 40). Sempre estiveram envolvidos com os movimentos de esquerda e ajudaram a formar o Partido dos Trabalhadores - PT nos anos 1980. Mayumi dedicou anos de sua carreira a projetos relacionados ao planejamento de unidades e equipamentos escolares públicos e foi diretora do

---

<sup>10</sup> Mário Souza Lima à BUITONI (2009), em 20/10/2008

Departamento de Edificações da Secretaria de Serviços e Obras - EDIF de 1989 a 1992, durante a primeira gestão petista de São Paulo.

O Conjunto São Miguel foi concebido durante o curto período em que o casal Souza Lima permaneceu em Brasília, e foi resultado de um concurso interno organizado por Oscar Niemeyer - sendo o projeto de Mayumi o vencedor para os blocos residenciais<sup>11</sup>. A obra dos jovens arquitetos mostra, no entanto, um conjunto de características e soluções projetuais coerente com o discurso vivido por Mayumi durante sua vida, assim como indica possíveis influências de Vilanova Artigas e outros personagens importantes da denominada "escola paulista". A obra destaca-se por formar um interessante contraste entre a produção dos protagonistas da "escola carioca" que moldaram Brasília de Norte a Sul, mas não só: seus atributos podem revelá-la como importante exemplar da nossa produção arquitetônica do século 20.

**Figura 3** - Mayumi de Souza Lima desenhando em prancheta.



Fonte: Revista Habitare. Disponível em: <https://www.revistahabitare.com.br/arquitetura/mayumi-watanabe/>

---

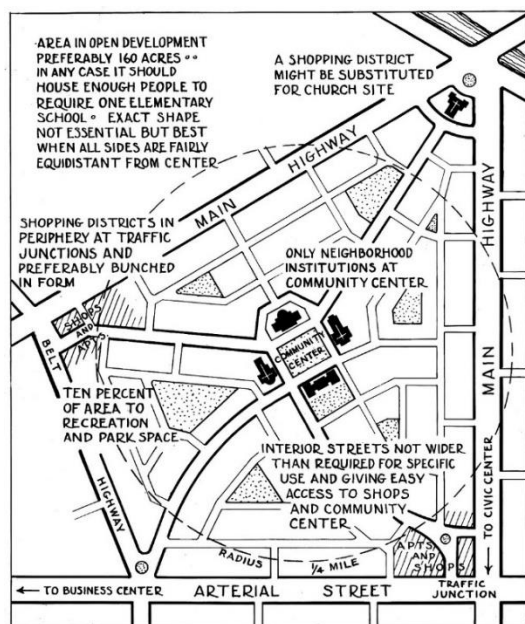
<sup>11</sup> Informação concedida por Maribel Aliaga Fuentes

## 2.2 A Unidade de Vizinhança São Miguel

### 2.2.1 Brasília & as superquadras

A concepção do conceito de Unidade de Vizinhança (UV) é atribuída a Clarence Perry (1872-1944), planejador urbano e sociólogo norte-americano, que publicou seu trabalho sobre as UV em 1929, em uma monografia de mais de 140 páginas para Associação de Plano Regional de Nova York e seus Arredores. Os princípios de Perry tiveram grande influência não apenas no planejamento das cidades dos Estados Unidos, mas também no planejamento mundialmente, a partir de meados do século 20 (BRODY, 2009). Em seu trabalho foram publicados diferentes diagramas de como as UV's poderiam estar dispostas e, em linhas gerais, esses eram seus princípios:

Figura 4 - Unidade de Vizinhança de Perry, 1929.



Fonte: Dover, Kohl & Partners Town Planning. Disponível em: <https://www.doverkohl.com/blog/tag/town+planning>

A Unidade de Vizinhança teria como elemento central a implantação de escolas locais com sua área envoltória constituindo praças como espaços de referência para o desenvolvimento das atividades comunitárias. Tratava-se, segundo Hall, de uma proposta urbana para a formação de ideais sociais de cooperação e associação na vida densa e fragmentada da cidade moderna. Tal proposta urbana teria ainda seu tamanho definido em função da área de abrangência da escola primária de um raio de aproximadamente 800m com acesso por caminhos de pedestres. Os serviços e comércios locais estariam localizados nas “esquinas” das diversas unidades de vizinhança onde as principais vias arteriais conformariam os limites de cada vizinhança e a malha interna viária facilitaria a circulação interna, mas desestimularia o tráfego direto de veículos. (ROLDAN, 2019, p. 8)

Ou seja, a Unidade de Vizinhança seria um setor urbano, parte de uma composição urbana maior, cuja população seria suficiente para o funcionamento de uma escola primária, de modo que as crianças não precisassem caminhar mais do que aproximadamente 800 metros, e de preferência sem cruzar nenhuma via de tráfego importante (Manfud *apud* Rego, 2017).

Aparte das críticas, debates e desdobramentos acerca da proposta de Perry, pretendemos com esse capítulo pincelar sobre a releitura de Lucio Costa sobre as Unidades de Vizinhança, ou Áreas de Vizinhança (AV) como ele chamava, e sua implementação no Plano Piloto de Brasília.

Lucio Costa, ao romper com a estrutura do quarteirão convencional, abrindo-o e transformando-o em um amplo bosque entremeado por blocos residenciais multifamiliares, de até seis pavimentos em pilotis livres, liberando o chão para uso público indistinto, concebeu uma nova maneira de morar em área urbana, estruturada no que ele denominou de escala residencial ou cotidiana. Essa proposta, passados 56 anos, não só foi assimilada e valorizada pela população, como se tornou um componente urbanístico indissociável da cidade. (REIS, 2015, p.10)

Como componentes da malha urbana, as Superquadras propostas por Lucio Costa ordenam sua estrutura de maneira harmônica e simétrica: estão dispostas de forma regular, linear arqueada, como grandes "quadriláteros verdes", contornados por alamedas de árvores que, segundo Costa (1991) tiveram por finalidade articular a escala residencial com a monumental e contribuir para o resguardo das quadras. Costa (1991) ressalta ainda a vantagem das densas massas arbóreas circundantes em preservar uma ordenação urbanística - camuflando possíveis variações de padrão, qualidade arquitetônica, densidade ou categoria das edificações - além de prover aos habitantes da superquadra agradáveis áreas sombreadas para passeio e lazer, o que atribui a elas um duplo sentido estético e utilitário. (FERREIRA; GOROVITZ, 2009).

O desenho das Superquadras na malha urbana e sua disposição como Área de Vizinhança denotam a intenção de Lucio Costa de fazer unidades independentes, mas conectadas: os serviços, com exceção do jardim de infância e da escola primária, são localizados às margens das Superquadras de modo que estejam acessíveis aos moradores das AVs mas possam ser acessados também diretamente pelas vias de interligação setorial.

Assim, Lucio Costa alterna a orientação desses conjuntos de serviços e dispõe as Superquadras de modo que estas se agrupem de quatro em quatro e estejam ligadas por um grande eixo de comércio e serviços. Assim, a quantidade de usuários em potencial é quadruplicada tornando mais propício a consolidação de equipamentos e estabelecimentos de maior porte. (FERREIRA; GOROVITZ, 2009).

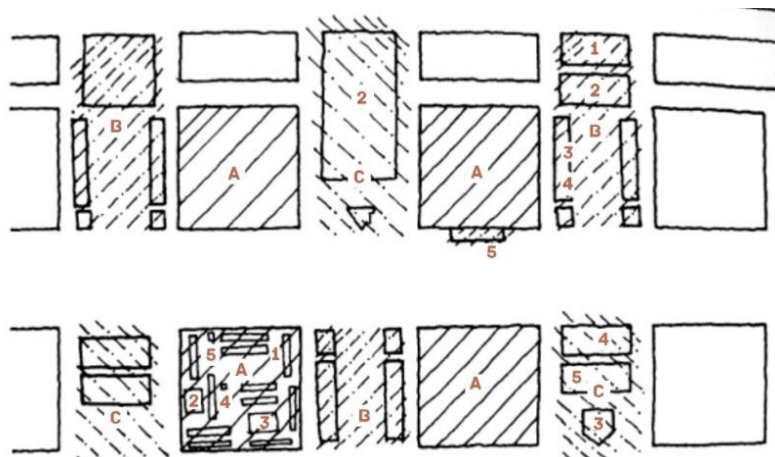


Estruturalmente, uma superquadra é um conjunto de edifícios residenciais sobre pilotis (que tem em Brasília, pela primeira vez, presença urbana contínua) ligados entre si pelo fato de terem um acesso comum e de ocuparem uma área delimitada – no caso, um quadrado de 280 X 280 metros, a ser cercado dos quatro lados com renques de árvores de copa densa, e uma população de 2.500 a 3.000 pessoas. (...) (COSTA, 1985b, p. 326)

Considerando 500 habitantes por hectare, o módulo de 280 x 280 metros forma uma Superquadra, envolta de uma faixa verde, com cerca de 15% de taxa de ocupação e edificações de três a seis pavimentos sob pilotis (IPHAN, 2015). A disposição das Superquadras foi feita da seguinte maneira (Figura 5):

- As alas de comércio local são rebatidas em relação à entrada das quadras;
- Quatro Superquadras formam uma Área de Vizinhança e o centro da área de vizinhança é o encontro dos comércios locais das 2 Superquadras, a entrequadra entre outras 2 superquadras cujo acesso é viável pelas vias de interligação setorial;
- Oito Áreas de Vizinhança, ou 32 Superquadras, compõe a asa. As AVs enfileiradas formam o segmento identificados pelas centenas ímpares, e espelhadas pelo eixo residencial, as centenas pares;
- As asas Norte e Sul são espelhadas a partir do Eixo Monumental. (Ferreira e Gorovitz, 2009)

**Figura 5** - Unidade de vizinhança (quatro superquadras). **A. Superquadras:** 1 – blocos de apartamentos, 2 – Jardim de infância, 3 – Escola de ensino fundamental, 4 – prédio da administração (planejado), 5 – Banca de jornal; **B. Setor Comercial Local:** 1 – Serviços públicos (biblioteca, escola de artes, etc.), 2 – Supermercado de bairro, 3 – Comércio varejista (pesado); 4 – Comércio varejista (leve); 5 – Estação de serviço; **C. Entrequadra:** 1 – Igreja, 2 – Escola Parque, 3 – Cinema, 4 – Clube, 5 – Esportes;



Disponível em: <<https://hitarq.wordpress.com/2012/10/08/aula-16-brasilia-1960/>>

Como bem aponta a Superintendência do IPHAN (RIBEIRO, REIS e PINTO, 2015) na cartilha "Superquadra de Brasília", na maior parte das cidades brasileiras o espaço público é delimitado pelo parcelamento de lotes ou derivado de um processo histórico de ocupação territorial, sendo esse destinado, a grosso modo, ao sistema viário e algumas praças e largos. "Em Brasília, essa lógica é invertida: é o espaço público que condiciona e limita o espaço privado. Nas superquadras os edifícios residenciais são construídos sobre projeções, onde o pavimento térreo é de uso público. Aqui reside, portanto, um valor importante a ser preservado" (p. 35)

As Superquadras de Brasília proporcionam uma forma particular de viver, com identidade própria e em constante movimento. A vida urbana de Brasília nasceu e se desenvolveu juntamente e através das Superquadras, ocupadas cada qual a sua maneira, a seu tempo e com suas características particulares. Foram nas Superquadras que Brasília desenvolveu uma comunidade com símbolos, valores e expressões próprias (REIS, 2015).

É evidente que a superquadra ao longo de seus 56 anos passou por profundas mudanças, pois, como nos ensinou Willi Bolle<sup>12</sup>, a cidade só pode ser entendida como uma imensa aglomeração de escrita, na qual **cada geração se apropria de seus espaços e deixa as suas marcas e aportes para as gerações posteriores, não só em termos físico-construtivos, mas, sobretudo, em termos socioculturais.** São esses aspectos que definem e afirmam a identidade de um lugar e com os quais seus moradores se identificam. (REIS, 2015, p. 11. Grifo nosso)

## 2.2.2 FAUnB & CEPLAN

Juscelino Kubitschek, o idealizador de Brasília, além de ter sido responsável por construir a cidade, foi também quem a fez sair do papel com princípios e forma bem diferentes da cidade de Vera Cruz, projetada pela equipe de José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque para ser a nova Capital Federal. E em consonância com seu ideal *desenvolvimentista*, JK tinha "Educação como Desenvolvimento" como uma das metas para alcançar os "50 anos em 5"<sup>13</sup>. Deste modo, a UnB

---

<sup>12</sup> Willi Bolle é professor titular de Literatura na Universidade de São Paulo. Fez o doutorado em Literatura Brasileira (na Universidade de Bochum/Alemanha) com uma tese sobre a técnica narrativa de Guimarães Rosa, e a livre-docência em Literatura Alemã (na USP) com uma tese sobre Walter Benjamin e a cultura da República de Weimar. Suas pesquisas tratam da Modernidade no Brasil e na Alemanha, na intersecção da Literatura com a História (extraído de lattes.cnpq.br)

<sup>13</sup> Plano de Metas do governo JK, com 31 metas para o desenvolvimento da infra-estrutura de energia e transportes além dos setores de alimentação, indústria de base e educação.

nasce quase que junto com Brasília, "em parte, como resposta à vocação definida para a nova capital, a qual deveria se impor como um polo de irradiação cultural e intelectual do país." (CAVALCANTE, 2015, p. 63).

**Figura 6** - Esplanada dos ministérios, 1959.



Fonte: Rossetti, 2009. Disponível em:  
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.111/34>

Em 21 de abril de 1960 Brasília foi inaugurada, e em 15 de dezembro de 1961 o então presidente João Goulart sancionou a Lei nº 3.998, que "autoriza[va] o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências" relacionada à fundação da Universidade - que é definida como "instituição de ensino superior de pesquisa e estudo em todos os ramos do saber e de divulgação científica, técnica e cultural" (BRASIL, 1961). Ou seja, a universidade da Nova Capital foi implementada e direcionada às ciências técnicas, diferente das universidades com laços positivistas do início dos anos 30, conforme aponta Rodrigues (2001).

O Plano Orientador da UnB foi concebido por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro e publicado em janeiro de 1962, prevendo a inauguração da Universidade em 1964 com oito Institutos Centrais a serem subdivididos em departamentos. No entanto, como consta no próprio Plano e nas publicações do Correio Braziliense, a essa época a universidade já estava em funcionamento e estavam abertas as inscrições para o vestibular dos "cursos-tronco" que iniciariam naquele mesmo ano, para que não se atrasasse o início das atividades acadêmicas na Capital Federal, e assim, entre outras razões:

Permitir a organização progressiva dos centros de assessoramento aos poderes públicos em problemas de planejamento, que impliquem pesquisas e documentação, cientificamente produzidas; [e] fixar, em Brasília, uma equipe de professores e pesquisadores que, além das funções docentes, possam colaborar na programação das diversas unidades da Universidade. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 43)

Considerando as possibilidades de convocar docentes qualificados e de oferecer estrutura para que o ensino e as pesquisas relativas a esses primeiros cursos de desenvolvessem com devida qualidade, foram definidos três "cursos-tronco": direito, economia e administração; arquitetura e urbanismo; e letras brasileiras, contendo literatura e jornalismo.

**Figura 7** - Cartão postal com vista aérea do Congresso e Ministérios, 1962



Fonte: Roberto de Magalhães Golveia, leiloeiro oficial. Disponível em: <<https://www.rmgouvealeiloes.com.br/peca.asp?ID=904177#simple1>>

As aulas desses iniciaram em 9 de abril de 1962, com 413 estudantes de graduação e alunos de pós-graduação vindo de outras instituições do país, foram ministradas no 9º andar no Ministério da Saúde, onde também funcionava a administração, enquanto a reitoria estava provisoriamente instalada no Ministério da Educação e Cultura (VULCÃO, 2008).

À época, a Asa Norte era quase inabitada: embora algumas edificações estivessem erguidas, a primeira superquadra concluída foi a SQN 312, em 1966, "em uma época na qual a região era muito mais uma extensão de terra vermelha do que um bairro residencial". (RODRIGUES, 2015)

Uma cidade sendo erguida, um campus universitário a ser construído, cursos já em andamento e uma nova proposta de ensino e pesquisa nascendo na nova capital: assim a cidade que nasceu como consolidação da arquitetura moderna nacional se fez laboratório vivo, inovador e em construção, para o primeiro curso de arquitetura e urbanismo da Capital Federal, que tinha o propósito de ser molde de novas orientações técnico-profissionais e de núcleos de pesquisa de alto padrão (CAVALCANTI, 2015).

Sendo assim, o curso teria Brasília como objeto de estudos, tanto do ponto de vista urbanístico como arquitetônico, e o projeto do campus seria o "campo de treinamento", a ser desenvolvido principalmente pela equipe de professores e alunos de pós-graduação. E com esse intuito foi instituído o Ceplan: para realizar o planejamento físico e o projeto das edificações do *Campus* Universitário, além de subsidiar a prática profissional de alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2020).

Como a pesquisa fazia parte do fundamento da instituição, havia uma categoria do corpo docente, a dos instrutores, que era integrada por estudantes de pós-graduação (...) No caso específico da Faculdade de Arquitetura, esses instrutores, além das atividades de ensino e pesquisa, desenvolviam atividades de projeto no Ceplan (CAVALCANTE, 2015 p. 87 e 88).

O Ceplan foi criado em maio de 1962 e teve como primeiro coordenador o arquiteto Oscar Niemeyer, que convidou João Filgueiras Lima, "Lelé" para a direção executiva. Em entrevista a Guimarães (2001), Lelé afirmou que além dessa atribuição, Niemeyer o convidou também para ser coordenador do curso de pós-graduação e para assumir o curso de técnica da construção. Todos os projetos de Lelé para a UnB foram desenvolvidos dentro do Centro de Planejamento durante seu período de permanência na universidade, que perdurou desde a fundação em 1962 até 1965, quando o arquiteto se juntou ao pedido de demissão coletivo em decorrência da ditadura militar.

A contribuição de Lelé na UnB perpassa também as salas de aula e a produção acadêmica: era coordenador da pós-graduação quando Mayumi e os arquitetos envolvidos no projeto do Conjunto São Miguel eram *instrutores* no curso arquitetura. Esses estudantes se diferenciava pelo trânsito entre pesquisa e docência: os pós-graduandos ficavam responsáveis por ministrar uma disciplina para a graduação e, no caso da arquitetura, exerciam prática profissional dentro do Ceplan. Mayumi foi responsável pelo curso de Física Aplicada às Construções no 1º semestre de 1963, o curso de Técnica de Edificações I e II no 1º e 2º

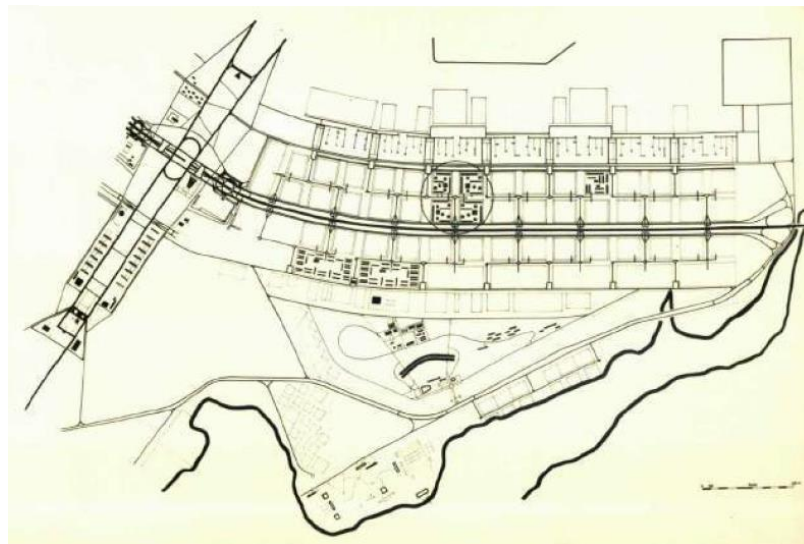
semestres de 1964 e o de Iluminação e Instalação Elétrica no 1º semestre de 1965. No 2º semestre de 1963, ela cumpriu estágio docente em Teoria da Arquitetura - TA II (FUENTES, 2017).

Nesse mesmo ano, Lelé viajou para o Leste Europeu e União Soviética a fim de conhecer as novas tecnologias e métodos empregados na produção em série de prédios industrializados. À época com menos de 30 anos, esse evento dá destaque ao início dos seus estudos no que viria a ser um grande diferencial na obra de Lelé: a racionalização e industrialização da arquitetura (GUERRA; MARQUES, 2015). As aspirações de Lelé que estavam - se não influenciadas - em consonância com o espírito inovador de Brasília e de seus arquitetos idealizadores, vão de encontro também aos princípios que nortearam o Conjunto São Miguel.

Esse é o berço de concepção da unidade de vizinhança. O entusiasmo inovador da recém-inaugurada Capital Federal reflete seus ideais na estrutura física e pedagógica da universidade idealizada para ser referência na produção intelectual do país. Os jovens vindos de diferentes estados chegam a Brasília para compor a primeira turma de instrutores do curso de arquitetura e urbanismo de uma universidade em construção, e ali atuam no ensino, pesquisa e desenvolvimento de projetos sob a orientação de Lelé e influência do laboratório vivo que era a Brasília dos anos 1960. Nesse grande canteiro de obras, 12 jovens arquitetos estiveram envolvidos nos estudos para concepção o projeto do Conjunto São Miguel que ajudaria a consolidar Brasília e elevaria a Asa Norte ao nível da Asa Sul, com um projeto de alto nível e com técnica construtiva pioneira no Brasil (MENDES, 1965).

### 2.2.3 A Unidade de vizinhança São Miguel

Figura 8 - Implantação da Unidade de Vizinhança São Miguel.



Fonte : Galvis. 1965.

O acordo para a construção da Unidade de Vizinhança São Miguel foi firmado após oito meses de constante esforço do Presidente da Comissão de Transferência do Ministério das Relações Exteriores, Wladimir Murtinho: as negociações se arrastavam "entre marchas e contramarchas" de interesses conflitantes em conturbado momento político. (CORREIO BRAZILIENSE, 1965).

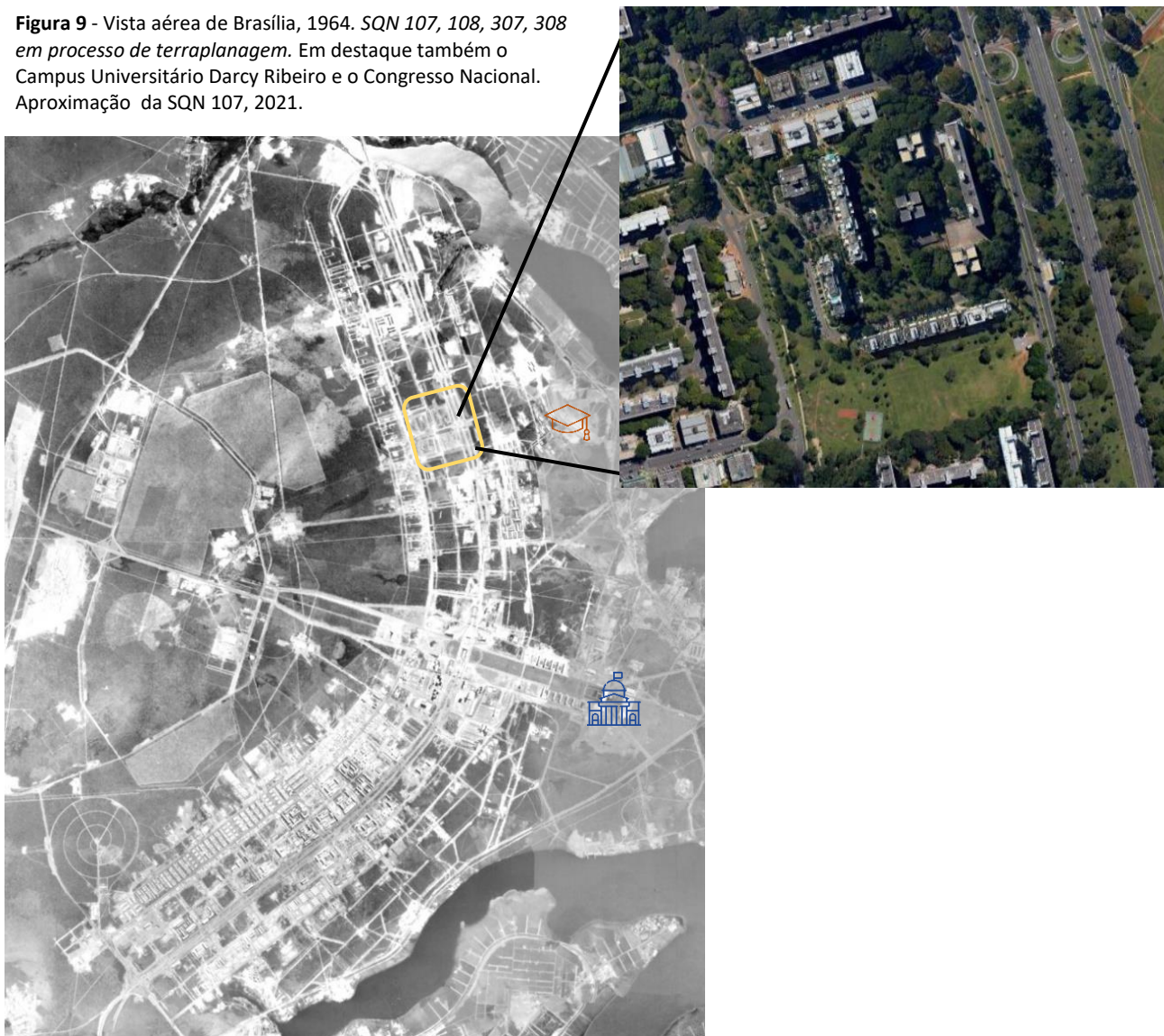
As negociações se iniciaram no governo de João Goulart e se concretizaram já no Governo Militar durante o mandato de Castelo Branco, de modo que o golpe militar não esteve ligado apenas ao nascimento do Conjunto São Miguel, mas principalmente ao seu desfecho.

O contrato que autorizou a construção da unidade de vizinhança foi firmado em 3 de julho de 1964, com assinatura do Ministro das Relações Exteriores - Vasco Leitão da Cunha, o reitor Zeferino Vaz, o engenheiro José Luiz Pinto Coelho - presidente da NOVACAP, o Ministro da Educação - Flávio Suplicy e Plínio Cantanhede, então prefeito do DF.

Também em parceria com o MRE, Milton Ramos elaborou o projeto do Conjunto São Jorge para as SQN 407 e 408. No entanto, com a desistência do MRE, o acordo foi reafirmado com a Novacap, Corpo de Bombeiros e Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, também para auxiliar na transferência dos órgãos envolvidos para a nova capital. O projeto foi

executado parcialmente: foram construídos a escola classe – também com painéis de Athos Bulcão – todos os blocos da SQN 408 e alguns blocos da SQN 407.

**Figura 9** - Vista aérea de Brasília, 1964. SQN 107, 108, 307, 308 em processo de terraplanagem. Em destaque também o Campus Universitário Darcy Ribeiro e o Congresso Nacional. Aproximação da SQN 107, 2021.



Fonte: Geoportal, disponível em: <https://www.geoportal.seduh.df.gov.br/geoportal/>; Google Maps, 2021.  
Editado pela autora.

A origem do nome da unidade de vizinhança ainda permanece incerta. Informações do Correio Braziliense (1964) apontam que este havia sido dado em razão da "igrejinha", que existia no local, sob o bome do. Em conversa com a professora Maribel Fuentes, ela informou que no



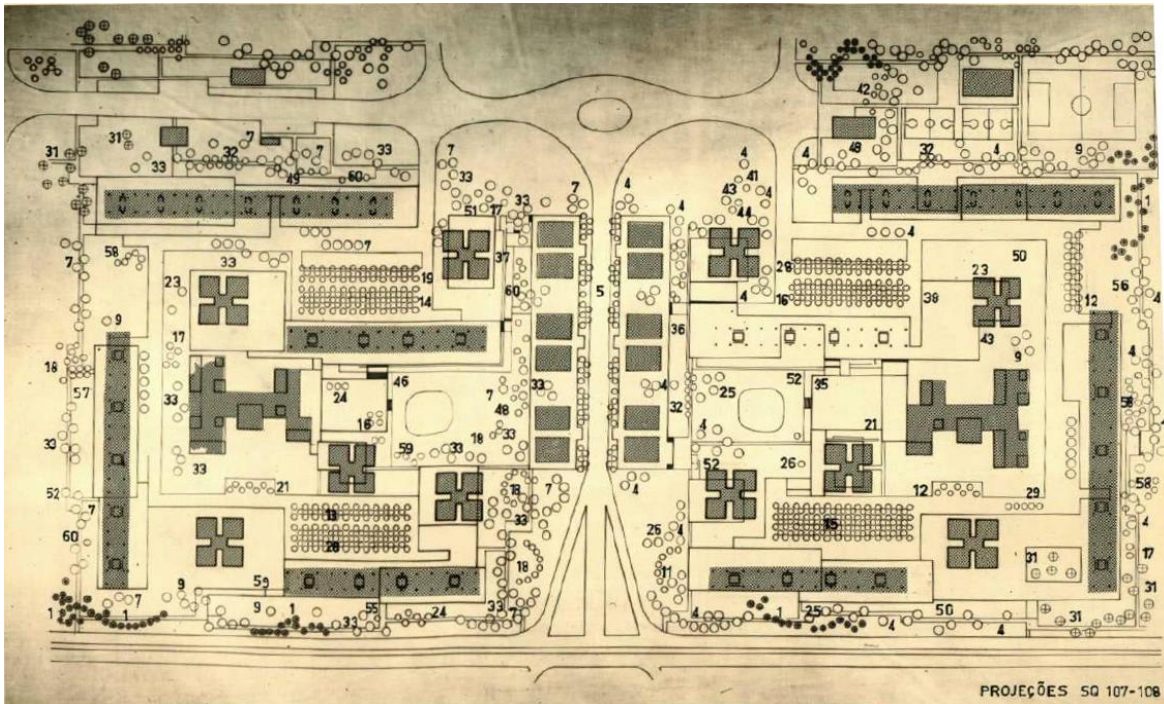
livro "O Cerrado de Casaca" de Manuel Mendes, o autor afirma que o nome do Conjunto havia sido dado por Vladimir Murtinho, por ser o Arcanjo São Miguel o padroeiro dos diplomatas. No entanto, de acordo com a fé e tradição da Igreja Católica, esse título é dado ao Arcanjo São Gabriel, enquanto São Miguel é venerado como o defensor do povo de Deus e padroeiro da Igreja. Por outro lado, não se pode constatar a existência da Igreja no local, que parece controversa pela população rarefeita e quase inexistente na Asa Norte, que não tinha nenhum bloco construídos nas Superquadras onde a Igreja estaria localizada.

Em linhas gerais, o Conjunto São Miguel foi previsto para as superquadras 107, 108, 307 e 308 a norte de Plano Piloto (SQN) (ver Figura 9 e Figura 10), terrenos pertencentes à Fundação Universidade de Brasília e bastante próximos do Campus Universitário Darcy Ribeiro. A UV foi aclamada como a obra que permitiria a consolidação de Brasília como Capital Federal, por ser protagonista na transferência do MRE para a cidade: projetada para aproximadamente 10 mil habitantes sendo estes "funcionários do Ministério das Relações Exteriores, diplomatas nacionais e estrangeiros e delegações de países amigos" (SUPERQUADRA, 1964, p. 8), assim como a funcionários da universidade indicados pela reitoria. Como é descrito nos jornais da época, seria o maior conjunto de obras em pré-moldados já construído no Brasil (MENDES, 1965) e contaria com "arrojadas" soluções de arquitetura e de urbanismo, contando com grandes espaços de praça e ajardinados com "paisagismo elaborado", edifícios em "torre", escolas, comércio e piscinas públicas.

Isso posto, o engenheiro Armando Buchmann, chefe da Divisão de Obras da NOVACAP, em entrevista a França (2001) afirma que conforme a cláusula segunda todos os planos, projetos e plantas, desenhos e especificações dos edifícios seriam preparados pelo Ceplan. Ainda de acordo com os jornais, a Fundação Universitária - que era proprietária dos terrenos - teria a posse dos imóveis e seria responsável pelos aluguéis das unidades habitacionais, cujos valores seriam definidos pela Junta Supervisora (SUPERQUADRA, 1964). Mais detalhes do acordo firmado entre as partes permanecem incertos, uma vez que o Convênio na íntegra não é de conhecimento dos pesquisadores até o presente momento.

*"O êxito desse convênio agora assinado tornará Brasília a Capital de fato da pátria Brasileira"*  
(Leitão da Cunha *apud* SUPERQUADRA, 1964, n. 1166, p. 8)

Figura 10 – Projeções das SQN 107 e 108.



Fonte: Galvis, 1965.

A "superquadra dos funcionários do Itamaraty" aparece recorrentemente nos tabloides da década de 60 e era apontada como uma peça fundamental para transição do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro para o Distrito Federal e, como consequência econômica direta, traria um "afluxo de mais de 80 bilhões de cruzeiros, em moeda forte" para a nova Capital. A matéria afirmava ainda que "graças a construção dos apartamentos na Asa Norte irá estabelecer-se indispensável equilíbrio entre as condições de vida das duas Asas do Plano Piloto" (SUPERQUADRA, 1964), uma vez que àquela época não havia nenhuma superquadra concluída na porção norte do Plano, que era popularmente conhecida como "Asa morte" (FUENTES, 2017) pela falta de vida urbana.

Considerando a filosofia pedagógica da universidade de Brasília, o planejamento de Unidade de Vizinhança São Miguel ficou a cargo dos alunos da pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, como estágio de capacitação profissional no Centro de Planejamento (GALVIS, 1965), sob supervisão do então presidente do Ceplan, Oscar Niemeyer. De acordo com matéria do Correio Braziliense publicada na edição 1161 de 1964, estavam envolvidos também o arquiteto do MRE, Olavo Rodia de Campos, e o Serviço de Planejamento da Prefeitura do DF. No entanto, acredita-se que essas contribuições tenham sido a nível de consulta, uma vez que

as unidades habitacionais serviriam também ao MRE e executadas pela Prefeitura do DF e todos os demais documentos consultados até então, atribuem a autoria do projeto de fato aos doze jovens arquitetos instrutores. Os estudos e projetos dos alunos da pós-graduação resultaram em dissertações defendidas entre 1964 e 1965, que guardam a história de "um passado que não se construiu" (FUENTES, 2017), ou melhor dizendo, que teve sua construção interrompida.

A pesquisa da professora Maribel Aliaga Fuentes é uma fonte de pesquisa primordial para essa pesquisa. Sua documentação, viabilizada através de um pouco de sorte e muito zelo, merece destaque por trazer à tona esse passado que estava esquecido até a publicação de sua tese.

No ano de 2012, durante a greve de professores e funcionários da UnB, a professora teve acesso à Biblioteca Central da universidade em condições muito particulares, que a permitiram explorar com tranquilidade a sessão dedicada aos livros de arquitetura. Nessa oportunidade, por um feliz acaso, segundo a autora, a dissertação de Mayumi, datada de 1964 foi encontrada perdida nas prateleiras da biblioteca (ver Tabela 2 na página a seguir). Com as poucas informações dispostas por Fuentes e pelas bibliotecárias que a auxiliaram, mais 10 dissertações do mesmo período foram encontradas, distribuídas no catálogo geral e nas coleções restritas, sendo a maioria delas sem etiqueta ou classificação atualizada às novas regras da biblioteca. Portanto, para todos os efeitos esses trabalhos "não existiam", o que acarretou também em danos na sua conservação, tornando-os "quase ilegíveis e de difícil manuseio" (FUENTES, 2017, p. 9).

Atualmente as dissertações estão devidamente catalogadas no setor de obras raras, além de terem sido digitalizadas e disponibilizadas por Fuentes em sua tese "Os primeiros mestrados da FAU/UnB: de um passado que não se construiu" defendida em 2017. Sendo agora acessíveis ao público geral e a qualquer interessado em explorar as aspirações ideológicas de um Brasil no ápice do seu potencial desenvolvimentista.

**Tabela 2 - Mestrandos e Orientadores da turma de Mayumi.**

Mestrandos				Orientadores			
Formação/ano	Nome	Título	Vínculo UnB	Orientador	Ano/formação		
'ROORKEE	1963	Shyam Sunder Janveja		A investigação dos trabalhos de Le Corbusier, Lúcio costa e Oscar Niemeyer	Adalberto Acioli	-	
	1952	Elvin Mackay Dubugras		Notas sobre a arquitetura do século XVIII em Pilar De Goiás	ICA-FAU	Alcides da Rocha Miranda	1932
FNA	1962	Armando de Andrade Pinto		Valores arquitetônicos		Edgar Graeff	1947
	1963	Geraldo Nogueira Batista		Um estudo do comércio local de Brasília	NOVACAP	Jaime Zettel	1956
FAUR	1962	Geraldo José Santana		Centro de educação elementar: anteprojeto das escolas de uma área de vizinhança de Brasília		Glauco Campello	1959
FNA	1962	Márcia Aguiar Nogueira Batista		Escolas primárias			EBNA
EA-UFGM	1962	Philomena Chagas Pereira		Alguns dados para o clima para edificação em Brasília			
FA-UFRGS	1962	Alfonso Leiva Galvis		Paisagismo da área de vizinhança São Miguel - Brasília	CEPLAN		
FAU-USP	1960	Mayumi Souza Lima		Aspectos da habitação urbana: projeto de habitação coletiva para a unidade de vizinhança São Miguel		João Filgueiras Lima (Lelé)	1955
FAU-USP	1961	Sérgio Souza Lima		Algumas considerações sobre o texto de Lucio Costa			
FNA	1961	Luiz Henrique Gomes Pessina		Aspectos gerais da pré-fabricação: estudo de cronograma de obra com pré-fabricados			
FA-UFRGS	1961	Fernando Lopes Burmeister		Uma área de vizinhança em Brasília			

**Legendas**

Estudos Teóricos	Defesa Territorial	Proposta projetual	Tecnologia
------------------	--------------------	--------------------	------------

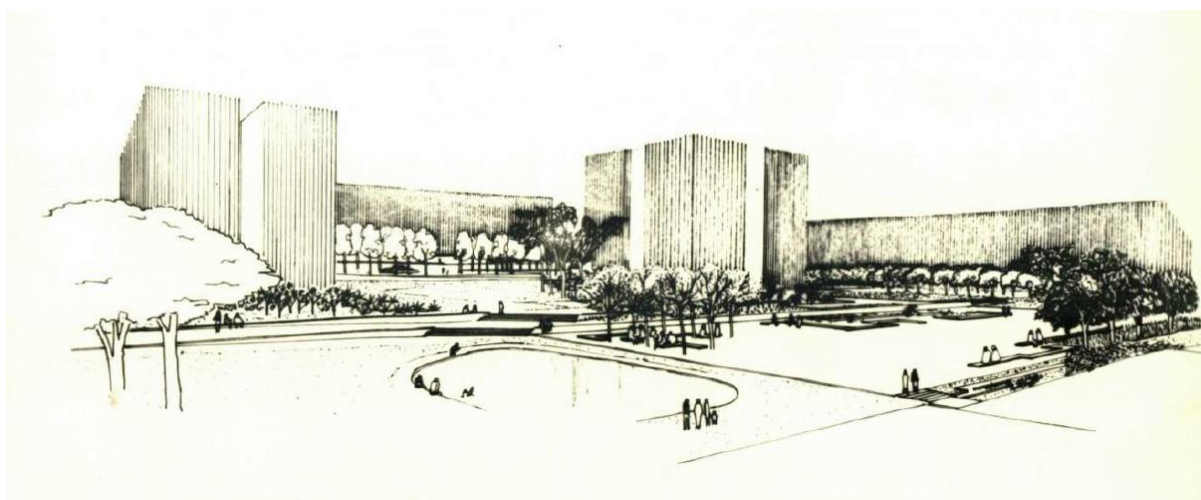
Fonte: FUENTES (2017). Editado pela autora.

Isso posto, após apresentar o contexto no qual o Conjunto São Miguel foi concebido e como essa história foi resgatada, entraremos nos detalhes do seu projeto, com foco nos blocos residenciais de Mayumi, que são as únicas testemunhas edificadas. Como o objetivo dessa pesquisa é a aplicação da DSIA nos blocos do Conjunto São Miguel, algumas informações sobre a obra serão melhor apresentadas ao debatermos seus *atributos*, no capítulo 3.

## 2.3 O PROJETO

O projeto de urbanismo da AV, coordenado por Fernando Burmeister, resultou da síntese dos projetos que participaram do concurso interno entre os professores que cursavam mestrado. Sergio e Mayumi de Souza Lima, com a participação de Oscar Kneipp, conceberam os edifícios de apartamentos, Geraldo Santana e Marcia Aguiar N. Batista elaboraram o projeto das escolas e Afonso Leiva, o projeto de paisagismo (FERREIRA; GOROVITZ, 2009, p. 62)

**Figura 11** – Desenho em perspectiva da Unidade de Vizinhança São Miguel.



Fonte: GALVIS, 1965

Como já mencionado, o Conjunto São Miguel (*Figura 11*) seria a primeira unidade de vizinhança da Asa Norte. Desenvolvida dentro da academia, buscava-se uma estreita relação entre teoria e concepção de projeto, em todos os projetos complementares da UV. No entanto, com o atraso da obra e falta interesse do próprio MRE, o convênio foi desfeito e a construção da São Miguel interrompida por intervenção militar: a equipe envolvida - entre eles o engenheiro e professor Ernesto Walter e o arquiteto Sérgio Souza Lima - conseguiu concluir três edifícios-torre, já o edifício-lâmina, que também estava em execução, foi completamente modificado por um engenheiro do regime militar e nenhum dos demais projetos puderam ser executado. (FERREIRA; GOROVITZ, 2009; FUENTES, 2017)

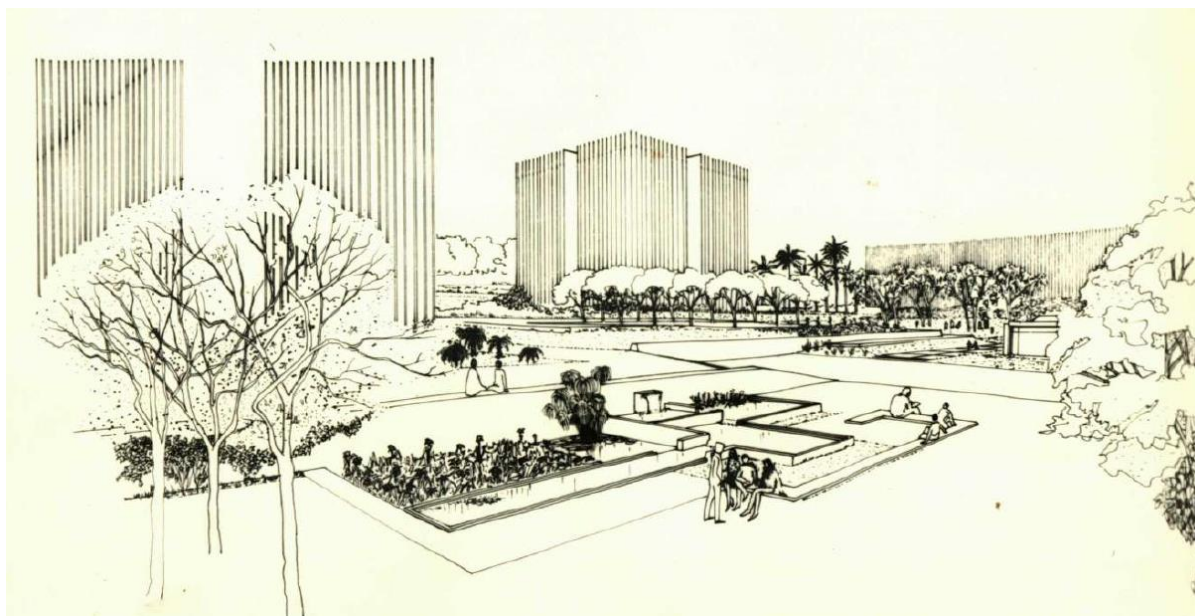
Responsável pelo paisagismo, Alfonso Leiva Galvis propôs um projeto com platôs e uma sequência de desníveis no terreno da UV (*Figura 12*), fazendo uso de espelhos d'água e canais

como forma de amenizar o clima seco de Brasília; e de uma vegetação com espécies típicas do Cerrado, de rápido crescimento e copas robustas, que pudessem gerar boas sombras.

A ideia de que o som é fundamental num jardim levou-me a propor uma serie de canais comunicados por pequenas cascatas de diferentes alturas, correndo ao longo dos prédios e formando fontes no interior das quadras, cada uma com um tratamento particular. Assim a água deslizando e caindo suavemente faria o fundo sobre o qual ouvir as nossas vozes, sobre o que compor-se-ão os sons habituais das superquadras (GALVIS, 1965, p.31)

O instrutor propôs ainda uma iluminação intimista, quase como a de um vilarejo (ALIAGA FUENTES, 2017), seguindo as orientações do Plano Piloto "que sugere que a iluminação no interior das quadras seja recolhida e íntima, e propõe que a iluminação seja feita com pontos baixos e luminárias cegas do lado do edifício, evitando o ofuscamento. Esta composição visaria propiciar o colóquio e o namoro caseiro" (FUENTES, 2017, p. 245) enquanto o centro da quadra seria iluminado indiretamente pela iluminação das fontes e piscinas.

**Figura 12** - Desenho em perspectiva da Unidade de Vizinhança São Miguel.



Fonte: Galvis, 1965.

Além disso, o projeto conta com pequenas praças nos caminhos entre os prédios (*Figura 11*) e as escolas e a priorização dos pedestres é feita também através da pavimentação do piso:

placas de concreto de 97x97cm, sem meio fio, sendo a diferenciação entre área de veículos e pedestres feita apenas pela largura do revestimento. Hoje as placas de concreto ainda podem ser encontradas nos pilotis e arredores das edificações.

No tocante às residências, as soluções arquitetônicas adotadas por Mayumi são pautadas no conteúdo da 1ª e 2ª parte de sua dissertação, onde aborda questões relacionadas ao problema habitacional urbano, suas origens, características e relação com infraestrutura. Mayumi faz uma crítica ao crescimento desordenado advindo do capitalismo e da Revolução Industrial desde o cenário internacional (1ª parte) até seus desdobramentos no Brasil (2ª parte).

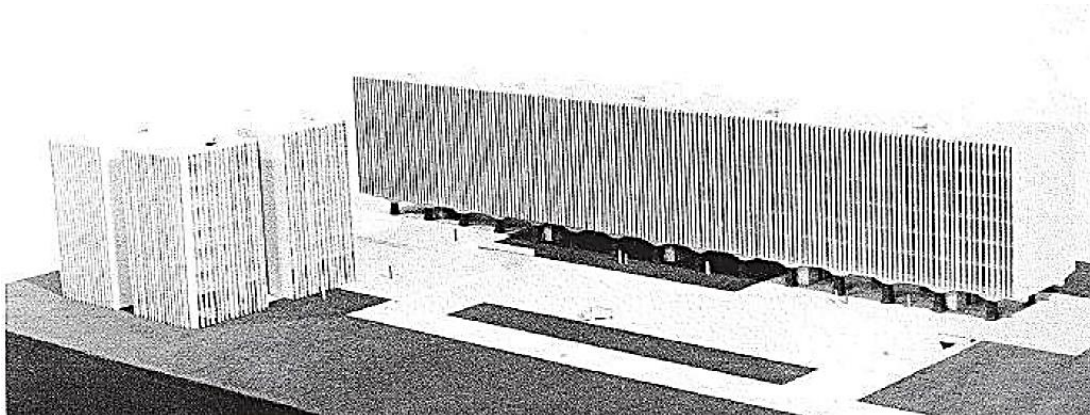
A terceira parte concentra seu olhar em Brasília e ressalta a importância do conceito de ocupação do solo da superquadra. Lembra que somente esta solução não basta para tornar a sociedade mais justa. Ressalta também a importância da capital para o processo de desenvolvimento da indústria nacional de construção.

Cita Oscar Niemeyer que ao se referir a Brasília afirma que está teria 'uma importância didática sem precedentes, estabelecendo princípios e conceitos que até hoje não se tem definido' (Niemeyer *apud* LIMA, p. 45).

Especificamente para a habitação, o Plano Piloto possibilitaria aplicar o que ela chama de conceito correto de habitação coletiva. **Retoma o discurso de que a intervenção sobre o valor atribuído a determinadas quadras colaborara com certa graduação social.** (FUENTES, 2017, p. 320. Grifo nosso).

À vista disso, Mayumi projeta as unidades habitacionais em duas tipologias base - A e B - que se diferenciam unicamente em função de sua área e pequenas variações de programa (LIMA, 1965). Os apartamentos estariam distribuídos em duas tipologias de blocos, que de acordo com a arquiteta, seriam os blocos longos (ou lâmina), que definiriam amplos espaços e valorizariam um elemento novo: as "torres", como ela as nomeia (*Figura 13 - Maquetes dos edifícios torre e lâmina.. Seriam, ao todo, quatro lâminas e cinco torres por superquadra, totalizando 16 e 20 unidades de cada, respectivamente. Mayumi prevê uma vaga de garagem por apartamento, com exceção das unidades de maior área, as quais destina duas vagas - sendo todas no subsolo e interligadas.*

**Figura 13** - Maquetes dos edifícios torre e lâmina.



Fonte: LIMA, 1965.

**Tabela 3** - Tipologias de apartamentos

Tipo	Área	Quantidade	Descrição
A2	126 m <sup>2</sup>	192	Hall de entrada, 2 quartos, estar, jantar, banheiro, lavabo, cozinha, quarto e banheiro de empregada, área de serviço, terraços
A'2	144,30 m <sup>2</sup>	96	2 quartos, estar e jantar, escritório, rouparia, banheiro, lavabo, copa e cozinha, quarto e banheiro de empregada, área de serviço, lavanderia, terraços
A3	192,30 m <sup>2</sup>	240	3 quartos sendo 1 com banheiro privado, estar, jantar, escritório, rouparia, 2 banheiros, lavabo, copa e cozinha, quarto e banheiro de empregada, área de serviço, terraços
A4	273 m <sup>2</sup>	48	4 quartos sendo 1 com banheiro privado, estar, jantar, escritório, rouparia, 2 banheiros, lavabo, copa e cozinha, quarto e banheiro de empregada, área de serviço, terraços
A'4	192,30 m <sup>2</sup>	96	4 quartos sendo 1 com banheiro privado, estar, jantar, escritório, rouparia, 2 banheiros, lavabo, copa e cozinha, quarto e banheiro de empregada, área de serviço, terraços
B2	79,90 m <sup>2</sup>	192	2 quartos, 1 banheiro, sala de estar e jantar, cozinha, quarto e banheiro de empregada, área de serviço, lavanderia, terraços
B3	126 m <sup>2</sup>	192	Hall de entrada, 3 quartos mais 1 reversível, banheiro, cozinha, estar, área e banheiro de serviço, terraços
B4	130,8 m <sup>2</sup>	480	4 quartos, estar e jantar, banheiro, rouparia, cozinha, área e banheiro de serviço
Zelador		56	2 quartos, sala, cozinha e banheiro
Total		1588	

Fonte: LIMA, 1965. Editada pela autora.

De acordo com Mayumi, o projeto das habitações coletivas teve participação de Sérgio Souza Lima - de acordo com informações de Aliaga Fuentes, é atribuída a ele a execução da obra - e as soluções projetuais foram definidas considerando-se:

- Atendimento às necessidades diversificadas da população - aproximadamente 10.000 habitantes, em que se incluem membros do corpo diplomático, embaixadores,



professores, e funcionários, de diversas graduações - conservando-se, porém, as mesmas facilidades de serviço e tratamento;

- Valorização dos elementos - blocos e torres - na nova conceituação do terreno;
- Utilização de elementos pré-moldados;
- Condições específicas de Brasília, com o uso generalizado de veículos, excesso de luminosidade, etc. (LIMA, 1965, p. 51).

BA arquiteta ressalta ainda que a solução estrutural em ambas as tipologias permitiu a flexibilidade das plantas dos apartamentos, pelo uso de divisórias leves facilmente reorganizáveis, e que a todos os blocos longos e torres foram dados os mesmos tratamentos de fachada, com proteção à luminosidade excessiva e simplificação das esquadrias.

Sobre o piso térreo, assim como Galvis (1965), Mayumi afirma que procurou maior integração com o projeto paisagístico através de grandes áreas e pequenos desníveis que vão além das projeções dos prédios, visando um uso efetivo por parte dos moradores da UV (LIMA, 1965).

Maiores detalhes sobre as soluções e elementos construtivos serão abordados no capítulo seguinte sob a ótica dos atributos e seus valores. E, para mais informações sobre os outros projetos complementares não explanados nesse trabalho, mas também de grande contribuição, recomendamos a consulta da tese de doutorado da professora Maribel Aliaga Fuentes (2017), que fez uma leitura criteriosa de todos as dissertações relacionadas ao Conjunto São Miguel, encontradas e publicadas por ela como anexo de tese.

## CAPÍTULO 3 | CONSTRUÇÃO DA DSIA

### 3.1 DSIA – Declaração de Significância Cultural, Integridade e Autenticidade

Como mencionamos na introdução, o método utilizado no presente trabalho é derivado da ferramenta desenvolvida pelas professoras Virgínia Pitta Pontual e Flaviana Barreto Lira dentro da disciplina de Planejamento Urbano e Regional V do curso de Arquitetura e Urbanismo UFPE (FERRAGUT; PONTES, 2018), para avaliar a valoração de bens de interesse cultural por parte dos diferentes atores sociais com eles envolvidos. A partir disso, visando compreender de forma integrada os três conceitos que são balizadores da conservação de bens culturais, *significância cultural*, *integridade* e *autenticidade*, LIRA (2020) desenvolveu a DSIA, que tem como principal premissa a elaboração de um documento com diretrizes para ação projetual e/ou gestão da conservação do bem.

Figura 14 - Etapas e produtos da DSIA. Fonte: Mayara Tabosa, 2021.



Fonte: Elaboração própria, 2021.

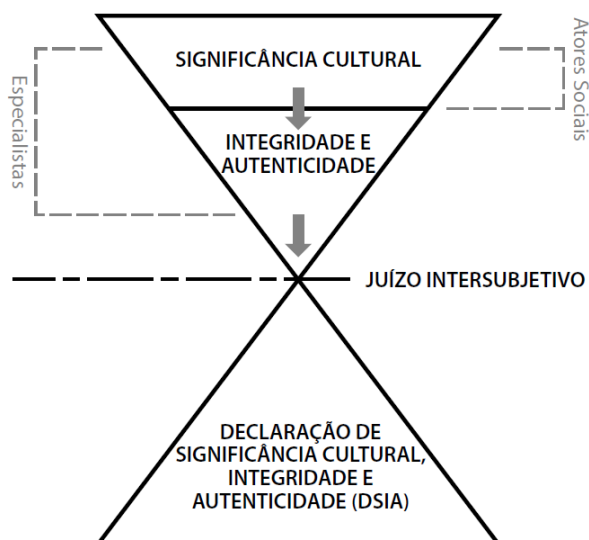
A aplicação da ferramenta se inicia com o conhecimento da obra a partir de observação, fontes primárias e secundárias, cujo bom desenvolvimento será definidor nas etapas seguintes. Propõem-se com a utilização da ferramenta que as informações sejam sistematizadas em quatro

(4) fichas de consulta: três (3) para avaliação da significância cultural e uma para avaliação do grau de autenticidade e integridade dos atributos, sendo essa última exclusiva para consulta aos atores sociais que são especialistas na conservação do patrimônio cultural. Por fim, as informações são sistematizadas, quantificadas em números absolutos que, após passar pelo juízo intersubjetivo, culminam na redação da DSIA. Para esclarecer a definição de *juízo intersubjetivo*, Lira (2020) se referencia em Muñoz Viñas (2004) que o entende da seguinte forma:

[...] um objeto pode cumprir diversas funções para diversas pessoas, e as funções simbólica e historiográfica são apenas algumas delas. Essas funções são determinadas pelos sujeitos, mas os sujeitos não são 'o sujeito'. A subjetividade de que se fala é definitivamente *intersubjetividade*: os valores são o fruto de um acordo tácito entre sujeitos para os quais cada objeto significa algo (MUÑOZ VIÑAS, 2004, p. 154, grifo do autor, tradução LIRA, 2020)

O *juízo intersubjetivo* é aquele que permitirá a "negociação, equilíbrio e, por fim, consenso" (LIRA, 2020, p.17) entre os atores sociais consultados acerca da significância cultural do bem e de suas condições de integridade e autenticidade, através de uma leitura criteriosa e especializada dos dados coletados, de modo a culminar na DSIA - a síntese e operacionalização do processo, que contém diretrizes balizadoras para a conservação do bem.

Figura 15 - Analogia da ampulheta - DSIA



Fonte: LIRA, 2020.

De acordo com a proposta de Lira (2020) e as aplicações posteriores da ferramenta, como em Dutra (2018) e Tabosa (2018), as fichas foram distribuídas e as consultas foram realizadas

na seguinte ordem: Ficha 1 - organização das imagens que representam os atributos por ordem de afinidade; ficha 2 - atribuição de valores para cada uma das imagens, conforme definição disposta na ficha de consulta; ficha 3 - apresentação das mesmas imagens das fichas anteriores, solicitando que o participante as defina ou expresse sua perspectiva sobre elas em uma frase sucinta; e, por último, a ficha 4, destinada aos especialistas - as imagens são apresentadas e é requerido que eles indiquem o grau de integridade e autenticidade do bem, considerando os conceitos apresentados e suas expertises.

**Tabela 4** - Fichas propostas pelo método x fichas aplicadas na pesquisa.



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Para a elaboração de fichas de consulta mais consistentes, os valores e elementos da edificação previamente selecionados passaram por uma validação de especialistas através da aplicação de método Delphi, como sugere a ferramenta. Em suma, o método Delphi orienta a consulta de especialistas em duas ou mais rodadas (rounds), até que se alcance um consenso nas questões apresentadas, como forma de chegar a um resultado validado e objetivo. Sobre o método, Wright e Giovinazzo (2000) esclarecem:

É, essencialmente, uma consulta a um grupo limitado e seletivo de especialistas que através de sua capacidade de raciocínio lógico, da sua experiência e da troca objetiva de informações, procura chegar a opiniões conjuntas sobre as questões propostas. Nesta situação, as questões de validade estatística da amostra e dos resultados não se aplicam (WRIGHT e GIOVINAZZO, 2000, p. 64).

Para obter resultados mais sólidos através do Delphi, faz-se necessário que os especialistas escolhidos fiquem no anonimato e sejam de diferentes localidades (ou com diferentes perfis de atuação) dentro do nicho em questão. Sobre a importância do anonimato, Wright e Giovinazzo (2000) explicam:

O anonimato das respostas e o fato de não haver uma reunião física reduzem a influência de fatores psicológicos, como, por exemplo, os efeitos da capacidade de persuasão, a relutância em abandonar posições assumidas e a dominância de grupos majoritários em relação a opiniões minoritárias (WRIGHT; GIOVINAZZO, 2000, p. 55).

Os resultados da aplicação do método Delphi serão abordados no subitem 3.2.

No tocante à aplicação dos questionários, diante das complicações causadas pela pandemia da COVID-19 e o isolamento social requerido no tempo em que se desenvolveu esta pesquisa, algumas mudanças foram realizadas. Também é importante ressaltar que, *a priori*, a ferramenta foi desenvolvida e aplicada primordialmente em espaços urbanos, cujas especificidades diferem de um bem arquitetônico. Isso posto, ao preparar as fichas para consulta aos atores sociais, optamos por inverter a ordem das fichas, deixando a *ficha 3* em primeiro e a *ficha 2*, da atribuição de valores, por último. A opção por essa inversão de ordem se deu pela percepção, a partir de aplicações já realizadas da ferramenta, que se corria o risco de perder a espontaneidade e intuitividade do respondente se ele fosse solicitado a falar uma frase sucinta sobre cada elemento depois de já ter tido contato com a ficha referente à valoração.

Também se optou por excluir a *ficha 1*, uma vez que a adaptação das fichas de consulta ao meio digital se fez necessária e não encontramos, até o momento, uma ferramenta que possibilitasse a dinamicidade requerida nessa ficha, permitindo que o ator social organizasse as imagens apresentadas de forma intuitiva. Tal exclusão também se deu em razão da quantidade de elementos avaliados no conjunto arquitetônico, o que permitiu tornar a consulta menos extensa e aumentar a probabilidade de adesão à pesquisa por parte dos atores sociais.

Portanto, com a exclusão da *ficha 2* e a inversão das fichas, ficamos com a *ficha 1 para breve frase sobre os elementos*, *ficha 2 para atribuição de valores* e *ficha 3 para avaliação do grau de integridade e autenticidade*, esta última aplicada apenas aos especialistas. Para adaptar à ferramenta utilizada, o Google Formulários, as fichas foram organizadas em sequência, no mesmo link, contendo 22 imagens em cada uma das fichas de avaliação da significância cultural.

A *ficha 3*, sobre integridade e autenticidade, teve os elementos analisados agrupados em três categorias, como forma de facilitar a leitura dos profissionais sobre a autenticidade e integridade do conjunto. Desse modo, os quantitativos sobre significância serão extraídos da *ficha 2*, e a *ficha 1* fornece mais um indicativo de compreensão da obra por parte dos atores sociais, sendo esse um meio de expressão livre capaz de extrair considerações importantes da comunidade sobre o bem.

As fichas elaboradas inicialmente, de acordo com a proposta e aplicações anteriores da ferramenta, encontram-se no Apêndice 02 – Fichas de consulta elaboradas de acordo com a proposta inicial da ferramenta desse trabalho, enquanto as fichas adaptadas e utilizadas na aplicação do método Delphi encontram-se mais adiante nesse texto.

Por fim, foi considerando o caráter de "interdependência e indissociabilidade" (LIRA, 2020, p. 4) existente entre os atributos e entre os três conceitos que são balizadores para a conservação e gestão do patrimônio cultural, que a DSIA tomou forma, e o resultado da aplicação da ferramenta pode ser visto a seguir.

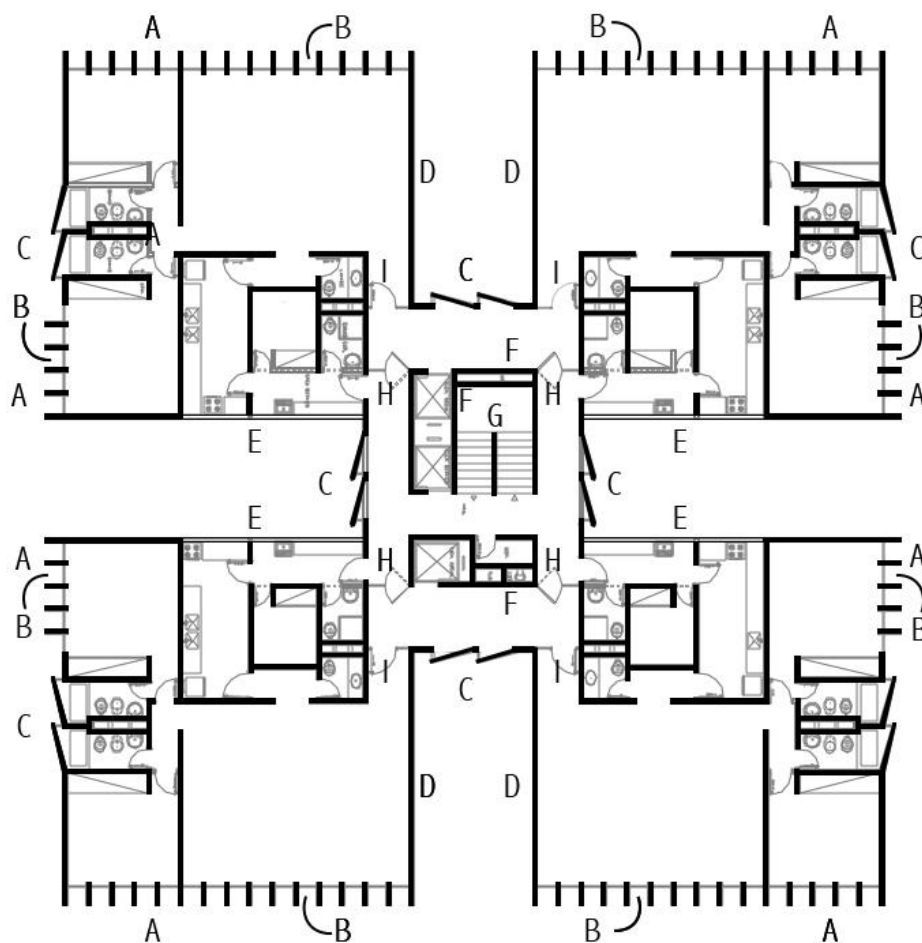
### 3.1.1 Elementos identificados

Assim como propõe o Documento de Nara sobre Autenticidade (1994), optamos em fazer a leitura do Conjunto São Miguel a partir dos seus atributos, conforme classificação sugerida e ordem apresentada no documento: a. forma e desenho, b. materiais e substância, c. uso e função, d. tradições e técnicas, e. localização e espaço, f. espírito e sentimento, g. bem como outros fatores internos. Isso porque, como aponta Lira (2009, p.137) "o que se pode constatar é que os artefatos da arquitetura e do urbanismo só podem ser adequadamente compreendidos quando se tem como ponto de partida uma visão integradora, baseada no que Zevi (1996) chama 'interpretação espacial'", ou seja, os elementos que compõem esses atributos só podem ser julgados com a medida do espaço, que é tridimensional, utilitário e composto por dimensões indissociáveis.

A leitura da obra partirá dos seus atributos e, dentro deles, serão detalhados os elementos da obra, elementos relacionados e como estes expressam os atributos. Diante da complexidade do processo e visando conseguir avaliar todos os atributos do bem - ou ao menos o maior número possível - e como eles se manifestam, foi elaborada uma lista de verificação com os elementos da edificação a serem analisados.

A aplicação da lista de verificação é sugerida em paralelo, quando da leitura e compreensão dos atributos da obra, como forma de auxiliar o analista no processo, tentando minimizar, tanto quanto seja possível, que algum elemento passe despercebido e deixe de ser valorado ou preservado. Para sua construção, foram utilizadas como referência as estruturas propostas pela Norma de Desempenho - NBR 15575 e a Norma de Avaliação de bens de patrimônio histórico e artístico - NBR 14653-7. A lista de verificação está no apêndice 01 desse documento, com a síntese de todos os elementos da obra. A ficha encontra-se no Apêndice 01 – Lista de verificação das características do edifício

**Figura 16** - Planta baixa pavimento tipo. **A** – Montantes em concreto/brises-soleil; **B** – Janelas máximo-ar; **C** – Janelas de giro; **D** – Empenas cegas; **E** – Janelas basculantes; **F** – Painéis de azulejos de Athos Bulcão; **G** – Porta de entrada dos apartamentos; **H** – Porta dos corredores; **I** – Piso em marcopiso preto.



Fonte: LIMA, 1965. Editada pela autora.



### a) Forma e o desenho

A solução estrutural das torres de Mayumi reflete-se nas fachadas Norte e Sul (Figura 18) da edificação, expressa pelos **montantes em concreto armado aparente** (A) espaçados a 75cm, um importante balizador para outros atributos da edificação nos âmbitos privado, público e entorno imediato. No âmbito interno, é a solução de projeto que possibilita a **planta livre** das unidades habitacionais.

Figura 17 - Fachada sul e entorno imediato, bloco I



Fonte: Acervo Oscar Luís Ferreira

Embora Mayumi e Sérgio estivessem abertamente alinhados com as ideologias do movimento moderno, esta não era uma associação meramente formal, mas pautada no cenário brasileiro. Mayumi fala em diversos momentos sobre a diversidade de habitantes da Unidade de Vizinhança - funcionários de diferentes níveis dos órgãos envolvidos - e o objetivo dos projetistas de promover igualdade e liberdade no usufruto tanto das unidades habitacionais em si, como na unidade de vizinhança.

Portanto, concretizar a planta livre naquele momento, na recém-inaugurada Brasília, requereu grande esforço do Ceplan para que a obra fosse construída nos moldes da modernidade ainda de difícil acesso, mesmo para a Capital Federal. Diante do impasse em executar a obra em pré-moldados, as unidades habitacionais dos blocos (F, G e I) foram feitas em concreto moldado *in loco*, com acabamento aparente.

Os pilares de concreto armado aparente, tal qual foram projetados, cumprem também nas fachadas o importante papel de **brises soleil** (A), protegendo as áreas internas da luminosidade excessiva de Brasília e garantindo o conforto térmico das unidades habitacionais, preocupação externada por Mayumi em sua dissertação. Entre os pilares, os painéis de vidro que compõem a fachada contam com **esquadrias com abertura máximo-ar** (B) em estrutura metálica, que seguem a modulação dos montantes e estão presentes nas fachadas Norte e Sul e parte das fachadas Leste e Oeste (Figura 18).

A solução projetual usada por Mayumi permitiu que **nenhuma unidade habitacional dividisse parede com seus vizinhos**. A **projeção quadrada** das edificações tem os apartamentos divididos nas quatro extremidades, em quatro módulos com as paredes descoladas, unidos por um bloco central de circulação horizontal e vertical (Figura 16). As quatro faces do bloco de circulação central e as fachadas Leste e Oeste (Figura 18) - onde se localizam os banheiros - tem, em todos os pavimentos, **duas esquadrias a 90°** (C, Figura 18) da vedação, com duas folhas, sendo uma fixa e outra de giro. Essas esquadrias vencem a altura dos pés direitos e ficam pouco perceptíveis por estarem na face de uma sacada de concreto que se estende do piso do primeiro pavimento até a base da laje do último pavimento.

**Figura 18** – Bloco G, fachada leste. No primeiro plano vemos as janelas basculantes dos quartos e as janelas de giro dos WCs. No segundo plano, as janelas de giro dos corredores e, na parte interna da fachada, as vedações do quarto, cozinha e área de serviço.



Fonte: Acervo Oscar Luís Ferreira. Edição própria.

Na parte interna das fachadas Norte e Sul correspondente às unidades habitacionais, duas **empenas cegas** (D) vão da base ao topo da edificação. Enquanto nas fachadas Leste e Oeste as paredes externas contam com **esquadrias** compostas de 22 folhas de cozinha e serviço (E, Figura 19). Seguindo o alinhamento da janela, dois **vãos** se abrem aos **pilotis**, garantindo a permeabilidade do fluxo, luz e ventilação entre os pilotis dos quatro módulos da edificação. (

Figura 20;

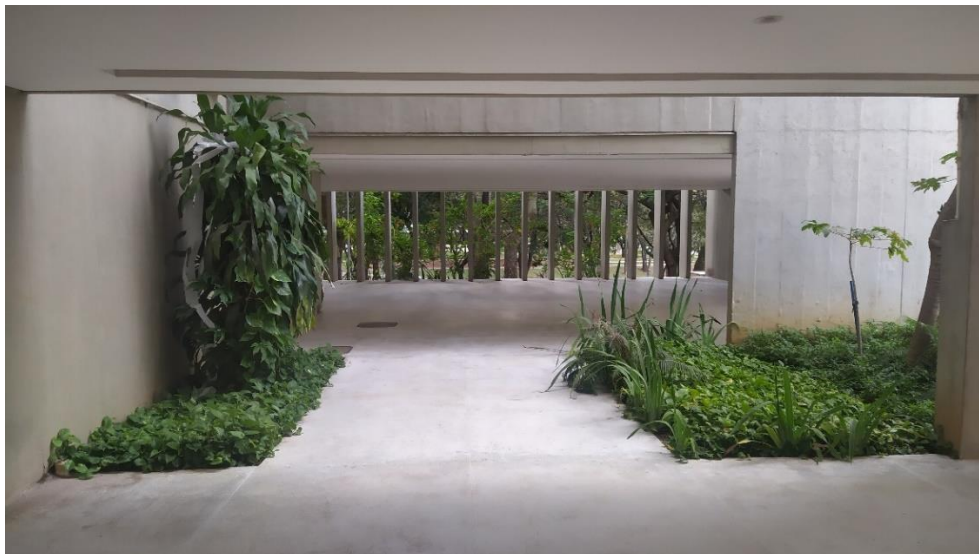
Figura 26)

**Figura 19** - Janelas basculantes, cozinha e área de serviço.



Fonte 1: Acervo Oscar Luís Ferreira.

Figura 20 – Espaço sob pilotis, bloco G.



Fonte : Acervo Oscar Luís Ferreira

Sobre o piso térreo, Mayumi declara ter buscado "uma melhor integração com o plano paisagístico, possibilitando o seu uso efetivo pelos habitantes, através de grandes áreas, separadas por pequenos desníveis, independente das projeções dos prédios" (LIMA, 1965, p. 54). Essa independência das projeções dos prédios se materializa com a **continuidade do piso** abaixo e em volta do pilotis, sem diferenciação no tratamento ou desnível ao acesso e uso de alguns canteiros ajardinados (

Figura 20), esses sim, com algum desnível, dispostos também abaixo e ao redor das projeções, dando a mesma linguagem de tratamento nessas áreas, como forma de reforçar o caráter público e a liberdade dos usuários de usar esses espaços. Os jardins também têm a finalidade de manter o usuário afastado de áreas de maior desnível de maneira mais agradável que guarda-corpos convencionais.

Os jardins são vestígios do projeto de Mayumi e Fernando Burmeister. Foram previstos jardins internos que, ainda que não seja possível precisar se as espécies previstas para esses espaços ainda sejam (ou se um dia já foram) as previstas pelos arquitetos, resistem em duas das edificações.

Os prédios de Mayumi para a SQN 107 são os primeiros de **projeção quadrada** no plano piloto, e até hoje uns dos únicos, o que já lhes confere uma característica muito peculiar. A solução estrutural utilizada nas edificações permite também **pilotis** diferente de qualquer outro

do plano: a uniformidade da fachada, decorrente dos montantes longilíneos projetados para terem 75cm de distância entre si que concedem um espaço livre e público, mas reservado, quase um refúgio diante do barulho urbano. As empenas cegas que delimitam parte do pilotis e a projeção quadrada dos módulos habitacionais que estão sobre ele acabam gerando mais espaço de penumbra que são contrastados com a luz dos jardins internos e dos vãos por entre os **brises** (A), contando também com a rica arborização externa.

Ao falar sobre os pilotis, área tão particular a Brasília, é importante apontar algumas especificidades do seu lugar no espaço urbano:

Para o parcelamento do solo e a locação de edifícios, o Código [de Obras e Edificações do Distrito Federal] introduziu um artifício inédito na legislação urbanística brasileira em vigor até hoje: a ‘projeção’. (...) No caso específico dos blocos residenciais de superquadras, o Código de 1960 concedia aos proprietários de projeções – diferentemente do que ocorre com lotes ou frações ideais – o direito de construção apenas ‘acima’ do andar térreo, cuja superfície deveria permanecer aberta, como servidão pública franqueada aos transeuntes (FICHER et al, 2009).

Ainda de acordo com o Código, regulamentado pela Lei nº 6.138, de 26 de abril de 2018, "a área de pavimento em pilotis situado em lote deve ser igual à área do pavimento imediatamente superior".

A escolha pela garagem no subsolo é outra característica importante no que se refere à **mobilidade e acessibilidade** em torno das edificações. O subsolo integrado, onde está alocada a garagem das edificações, define a área de jardim e praça do térreo, além de configurar o embasamento das edificações e criar o patamar onde essas se assentam, definindo o uso do terreno.

**Figura 21** - Bloco de circulação vertical revestido com painel de Athos Bulcão, bloco G



Fote de Patrick Gosner. Fonte: INVENTÁRIO, 2018

O acesso ao interior dos edifícios é através de uma **porta de vidro** que permite a visualização do elevador e dos **painéis de azulejos de Athos Bulcão** (F) que revestem externamente as paredes das circulações verticais, e também internamente as **escadas** (G). O projeto inicial das edificações não contava com guarita, apenas com a porta de vidro, de uso privado dos moradores. No entanto, diante da violência urbana e de uma série de assaltos que ocorreram ao longo dos anos, os condomínios implementaram **coberturas** e **portarias** na entrada das edificações, cada um à sua maneira. (Figura 22,

Figura 23,

Figura 24)

**Figura 22 - Portaria, blocos F**



**Figura 23 - Portaria, blocos G**



**Figura 24 - Portaria, bloco I**



Fonte: Acervo Oscar Luís Ferreira

As artes plásticas, em especial os painéis de azulejos, estiveram fortemente ligados à arquitetura do século 20 no Brasil. Em Brasília, os desenhos de Athos Bulcão estão presentes no imaginário popular e são símbolo da cidade, por compor as mais diversas obras de arquitetura da Capital Federal. Sobre essa **integração das artes plásticas e arquitetura**, Lucio Costa é enfático ao dizer que "nesses raros momentos felizes, densos de plenitude, a obra de arte adquire um rumo preciso e unânime: arquitetura, escultura, pintura, formam um só corpo coeso, um organismo vivo de impossível desagregação" (COSTA, 1995, p. 109. Grifo nosso.)

Figura 25 - Blocos de circulação vertical revestido com painel de Athos Bulcão, blocos F e I.

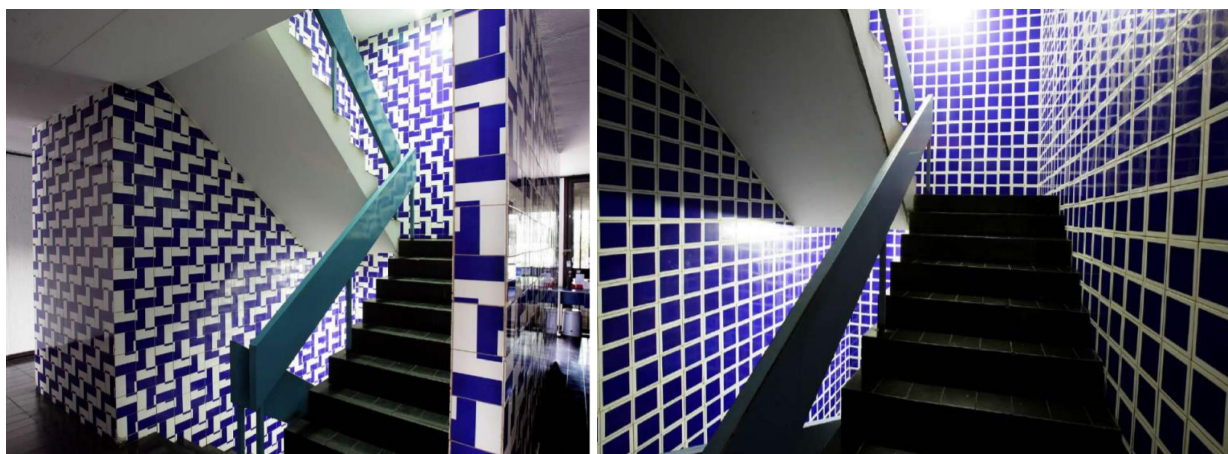


Foto de Patrick Gosner. Fonte: INVENTÁRIO, 2018

Sendo assim, a utilização dos **painéis azulejares de Athos (F)** não se dá por um motivo meramente formal, mas como uma busca dos arquitetos da época, em especial os arquitetos latino-americanos, de alcançar a obra de arte total<sup>14</sup>, através das artes plásticas regionais, com expressão da cultural local. Desse modo, essas são parte integrante do conjunto arquitetônico.

Ainda com relação ao revestimento, no bloco G é possível observar que há **forros de gesso** nos pilotis (

---

<sup>14</sup> *Gesamtkunstwerk*, ou obra de arte total, tem as suas raízes ideológicas no Romantismo novecentista e, desde então, tem vindo a ser um conceito recorrente na prática artística moderna e, posteriormente, pós-moderna. Traduz-se, essencialmente, na procura de uma «verdade» da arte decorrente dos seus modos de integração ou imersão, e que segundo um princípio de totalidade estética, assevera, de igual forma, a ideia de uma complementaridade necessária entre a arte e a vida, entre a arte e a própria sociedade: a ideia da *Gesamtkunstwerk* é, então, simultaneamente artística, social, política e, sobretudo, moral. (CASTANHEIRA, 2013, p.8)



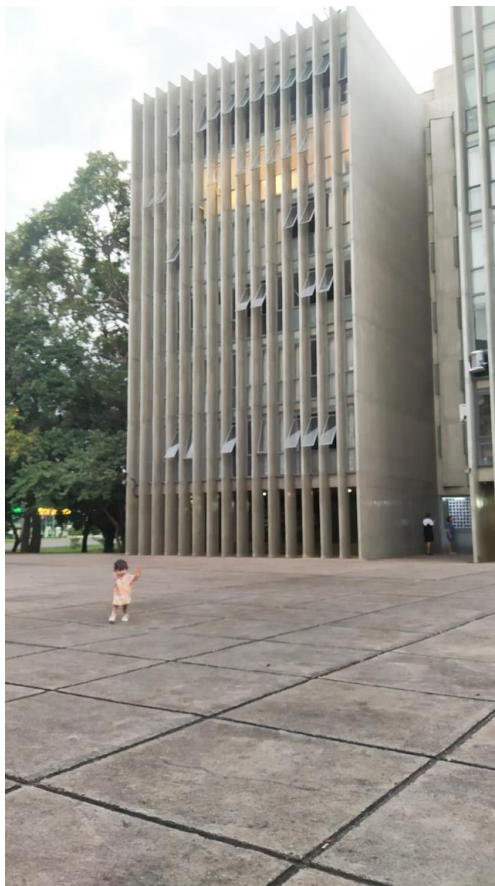
Figura 26) e na área comum do pavimento térreo. No entanto, essa se trata de uma adição recente cuja data não pôde ser precisada até o presente momento.

**Figura 26** - Bloco G, fachada leste



Fonte: Acevo Oscar Luís Ferreira

**Figura 27** – Bloco I, fachada norte e entorno



Fonte: Acervo Oscar Luís Ferreira. Edição nossa.

A **pavimentação externa** se estende do entorno imediato e reveste também toda a área sob pilotis. No interior da edificação, ele se repete com o revestimento do piso que vai da área comum aos apartamentos de forma contínua, sem nenhum desnível ou mudança de paginação ou tonalidade (Figura 27), estando alinhando com o princípio de **racionalização** da edificação.

Os corredores possuem **portas em estrutura metálica e vidro** (H) e o acesso aos apartamentos é feito por **portas pivotantes de madeira, inteiriças e com bandeira**, (I, Figura 28) que vencem todo o pé direito. No interior das unidades habitacionais, os **montantes** fazem a proteção de controle da luminosidade e radiação solar, enquanto as esquadrias entre eles garantem a entrada de luz natural, o controle da ventilação e a permeabilidade visual para o entorno arborizado. Enquanto visto de fora, o edifício expressa uma linguagem "brutalista", pesada e maciça, o seu interior, no entanto, se abre à paisagem de maneira delicada e convidativa.

A **racionalização** na obra de Mayumi é uma característica viabilizada pela técnica construtiva: a **planta livre** possibilitada pelos montantes de concreto, as **esquadrias que vencem os vãos e a distância entre os montantes** de modo a dispensar complementos e simplificar o projeto dando uma noção de continuidade, através também das linhas restas da fachada e da **uniformidade dos revestimentos de piso**.

Figura 28 - área de circulação, com vista para a porta de entrada de um apartamento, bloco F.



Foto de Eduardo Finotti. Fonte: Revista Habitare, 2017. Disponível em <<https://www.revistahabitare.com.br/arquitetura/mayumi-watanabe/>>

## b) Matéria e substância

O uso do concreto pré-moldado aparente é apontado pela arquiteta como uma das decisões balizadoras do projeto. A escolha por esse material de construção foi também uma forma de priorizar a busca pelo desenvolvimento da indústria da construção civil nacional, ainda muito limitada devido à falta de mão de obra especializada e de uma rede viária escassa ou até mesmo inexistente. Essas limitações acabavam implicando a escolha dos arquitetos por sistemas de construção mais tradicionais, mesmo na inovadora Capital Federal.

Coincidindo com o desenvolvimento industrial, especialmente dos materiais de construção, os arquitetos brasileiros passam a formular habitação urbana e coletiva, dentro de uma perspectiva coerente com a sociedade industrial, numa nova implantação e organização espacial, na expressão plástica, assimilando - para condições do país - as conquistas de estrutura independente e consequente planta livre (LIMA, 1965, p. 26).

Figura 29 - Empenas cegas, bloco F



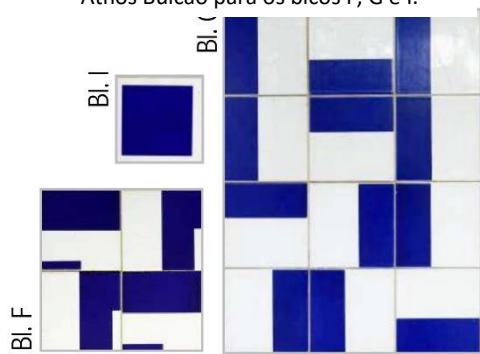
Fonte: Acervo Oscar Luís Ferreira

No entanto, diante de diversos impasses para que se construísse uma usina de pré-moldados nas proximidades da obra, a projeto acabou sendo **moldado *in loco*** e mantido em seu estado **aparente**. O concreto aparente, com marcas das fôrmas a mostra, é o principal

material construtivo em todas as fachadas da edificação, e está presente nas áreas comuns e privadas. Não há registros bibliográficos ou imagéticos, até o presente momento, que indiquem a existência do revestimento por pintura nas paredes internas da edificação quando foi construída. Há áreas de circulação que com **pintura branca** revestindo as paredes, assim como áreas sociais e privadas que estão em **concreto aparente**.

Os **painéis azulejares de Athos Bulcão** (F) revestem toda prumada externa e interna da circulação vertical (elevadores e escadas) desde o subsolo até o quinto andar, com exceção do bloco F que teve o revestimento das paredes do subsolo removido. Foram feitos em três padrões diferentes, sendo um para cada bloco, mas utilizando as mesmas cores e dimensões: branco e azul cor nº 52 na escala cromática de Athos, e dimensões de 15x15cm. Retomando o pensamento de Lucio Costa apresentando anteriormente nesse texto, o arquiteto continua:

**Figura 30** - Padrões dos revestimentos de Athos Bulcão para os blocos F, G e I.



Fonte: IPHAN, 2018. Foto de Patrick Grosner.  
Editado pela autora.

[...] poderemos alcançar, como os antigos, com a ajuda da simetria, formas superiores de expressão, contando para isso com a indispensável colaboração da pintura e da escultura, não no sentido regional e limitado do ornamento, mas em um sentido mais amplo. Os grandes painéis de parede, tão comuns à arquitetura contemporânea são um verdadeiro convite à expansão pictórica, aos baixos-relevos, à estatuária como expressão plástica pura, integrada ou autônoma. (COSTA, 1995, p. 115)

Ou seja, Lucio Costa entende que a presença das artes plásticas na arquitetura é um verdadeiro convite à "expressão plástica pura", o que indica uma afinidade do discurso do arquiteto com o Neoplasticismo<sup>15</sup>, que muito influenciou a arquitetura moderna. De acordo com esse movimento artístico, "o belo é o verdadeiro contemplável" (BOLLAND apud MONDRIAN, 2008, p. 76) expresso por Mondrian através de traços ortogonais, cores primárias e contraste entre cinza, branco e preto. No discurso de Lucio Costa, o arquiteto relaciona a busca pela

<sup>15</sup> Neoplasticismo foi uma filosofia artística que buscava a renúncia à representação naturalística em favor de um vocabulário formal simplificado consistindo principalmente de linhas retas, planos retangulares e cores primárias. Articulado pela primeira vez por Piet Mondrian na revista *De Stijl* (O Estilo), o Neo-plasticismo (a nova arte plástica) foi uma resposta à devastação provocada pela Primeira Guerra Mundial, oferecendo uma maneira de alcançar uma harmonia visual na arte que poderia fornecer um projeto para restaurar a ordem e o equilíbrio da vida cotidiana. (MoMA, 2021, tradução nossa).

verdadeira arte à "pureza das formas, a nitidez dos contornos, a perfeição do acabamento" (COSTA, 1995, p.115) e à rejeição dos ornamentos.

De acordo com Elgar (1973), se buscou uma nova estética baseada em puras relações de linhas e tons puros porque só as relações puras entre elementos construtivos puros poderiam conduzir à verdadeira beleza. Sendo assim, uma série de arquitetos do movimento moderno, incluindo Mayumi com o Conjunto São Miguel, expressaram através da "**verdade dos materiais**" o caminho para a verdadeira beleza. Revelar a verdade, a pureza dos elementos construtivos em linhas retas, jogo de volumes, racionalização das formas e integração com as artes plásticas e a **composição de cores e acabamentos**, podem sugerir também uma conformidade com o ideal neoplasticista. Uma linguagem similar pode ser vista em projetos de arquitetos como Vilanova Artigas, Ruy Othake e Lina Bo Bardi.

A escolha do **revestimento cerâmico preto** (Figura 28) em todas os pisos internos e **esquadrias metálicas para as janelas** também são parte da composição plástica da obra.

**Figura 31** - Esquadrias vistas do interior de apartamento do Conjunto São Miguel.



Fonte: Revista Arquitetura e Construção, 2017. Disponível em  
<[https://arquiteturaeconstrucao.abril.com.br/apartamentos/reforma-da-cara-nova-a-apartamento-dos-anos-60-em-brasilia/](https://arquiteturaeconstrucao.abril.com.br/apartamentos/reforma-da-cara-nova-a-apartamento-dos-anos-60-em-brasil/)>

### c) Uso e a função

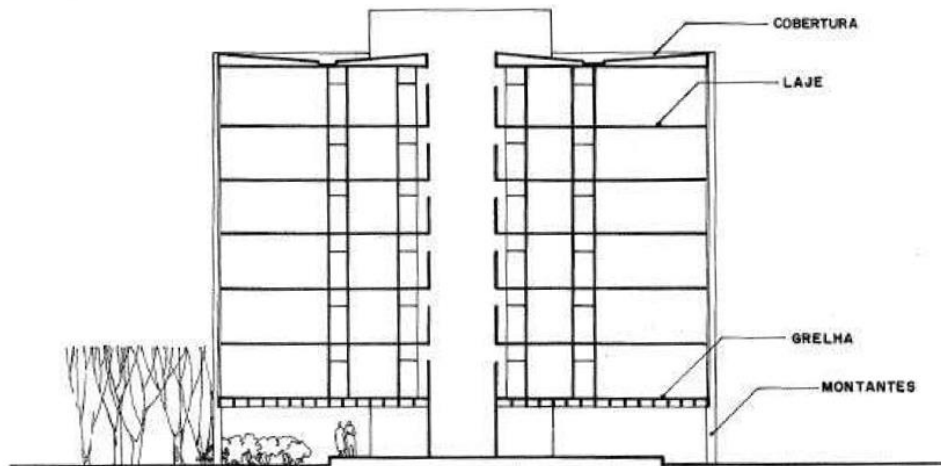
Como abordado no capítulo anterior, os blocos foram concebidos para abrigar os funcionários da UnB e - principalmente - do Itamaraty, de modo a viabilizar a transferência do MES para a nova Capital Federal. Ainda que não tenham sido utilizados para este fim devido aos acontecimentos políticos da época, sempre tiveram a finalidade de **habitação**. Por muitas décadas pertenceram à UnB, até que todas as suas unidades habitacionais foram vendidas para proprietários privados.

Os **pilotis** da edificação, conforme Código de Obras e Edificações do Distrito Federal, configuram um **espaço urbano de uso público livre**. Conforme a portaria nº 166 do IPHAN, esses espaços fazem parte de "uma maneira inovadora de viver, própria de Brasília" e não devem dispor de qualquer guarda-corpo ou qualquer barreira física ou visual, salvo em risco de quedas, quando podem ser implementados seguindo algumas especificações. No caso dos pilotis dos blocos de Mayumi, a arquiteta optou por, em vez de colocar guarda-corpo em locais de maior desnível, colocar **canteiros ajardinados** que assegurassem aos usuários uma distância segura das áreas de risco.

### d) Tradições e técnicas

A estrutura dos blocos foi idealizada em **lajes perfuradas com faces lisas apoiadas nos montantes externos** e nas **paredes estruturais das áreas de serviço**. O espaçamento entre os montantes é de 75cm, e esses descarregam seus esforços diretamente na fundação, com vigas transversais dispostas com mesmo distanciamento. No primeiro piso, uma **grelha de concreto armado moldada *in loco*** recebe também os esforços das paredes divisórias. Diante da possibilidade de avaliar todos os elementos da estrutura no desenvolver dessa pesquisa, considerou-se a descrição fornecida por Mayumi em sua dissertação e reiterada por Fuentes (2017).

Figura 32 - Esquema estrutural dos blocos F, G e I.



Fonte: Lima, 1965

Seguindo as diretrizes traçadas pelo Ceplan, previu-se a construção de uma usina de pré-moldagem, no setor industrial do plano piloto, o que permitiu o projeto atender ao fator tempo e acabamento uniforme, contribuindo ainda para o desenvolvimento dos processos industriais de construção (LIMA, 1965, p. 50).

Mayumi é enfática ao afirmar que "é necessário que a estabilidade desta indústria torne possível, em larga escala, a introdução de métodos e processos racionais de produção - a mecanização de operação e pré-fabricação - como pré-requisitos indispensáveis e de planejamento eficiente, em seus diversos níveis" (LIMA, 1965, p.28). Ainda no debate sobre a questão da industrialização na construção civil e os problemas acerca da habitação social no Brasil, diz que este "é da responsabilidade do Estado, e sua intervenção deve ser no sentido de formular o problema em sua totalidade; disciplinar as atividades no campo da habitação; estimular todas as iniciativas que procuram sua solução e suprir diretamente as deficiências que se manifestam" (LIMA, 1965, p. 29).



A **planta livre** dos apartamentos não seria possível sem o avanço tecnológico próprio daquele momento. Ainda que já estivesse sendo usada desde o início do século em países Europeus, por exemplo, no Brasil a autora aponta como pioneiro o edifício Ester de Álvaro Vital Brazil, datado de 1935/38 em São Paulo (Figura 33). Mas explica que essa solução só foi mais amplamente empregada mais de 10 anos depois, após a Segunda Guerra, a começar no Rio de Janeiro com o edifício Nova Cintra (1948) do Parque Guinle, de Lucio Costa; seguido do Prudência e do Louveira, ambos em São Paulo e de 1950, de Rino Levi e Artigas, respectivamente; e do Pedregulho de Affonso Reidy, também do mesmo ano de 1950, no Rio de Janeiro. (LIMA, 1965)

**Figura 33** - Edifício Ester, projeto arquiteto Álvaro Vital Brazil.



Fonte: ArchDaily Brasil.

O fato de o projeto ter também um caráter acadêmico permitiu uma certa "ousadia" muitas vezes podada pela iniciativa privada: a Universidade foi pioneira no uso de pré-fabricados ainda em 1961, sob comando de Lelé que, como já foi colocado, era diretor executivo do centro responsável pelo planejamento do *Campus*. Lelé também orientou cinco das doze dissertações relacionadas ao projeto do Conjunto São Miguel, incluindo a de Mayumi,

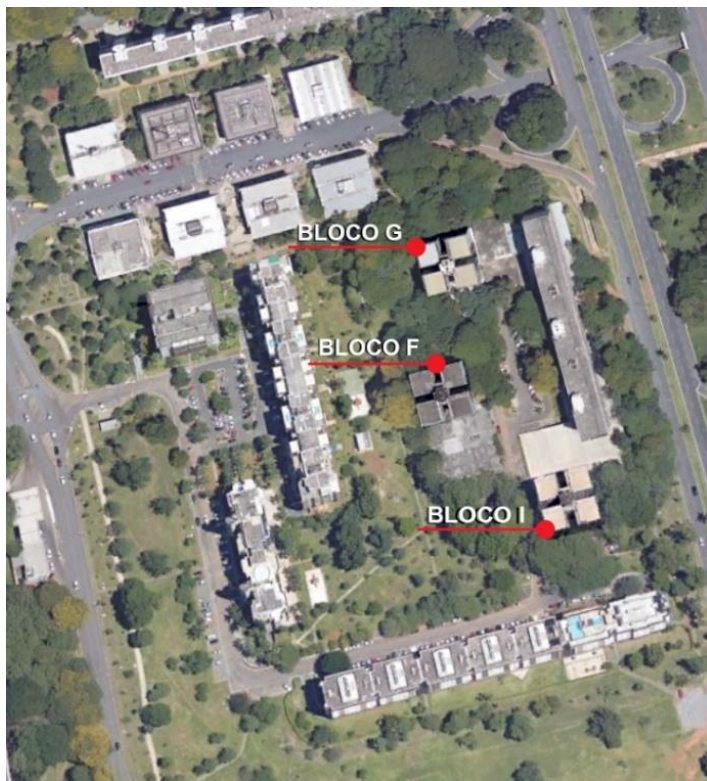
Em consonância com a planta livre das unidades habitacionais, viabilizada pela solução estrutural que descarrega seus esforços nos montantes externos, as divisões internas dos apartamentos foram feitas com materiais leves, de modo a facilitar as mudanças que viessem a ser necessárias a cada morador. Sendo assim, foram especificadas **placas de concreto leve, armários e painéis**.

#### e) Localização e o entorno

Conforme estabelecido no CUB para as superquadras 100, 200 e 300, os blocos multifamiliares são de gabarito uniforme, de até seis pavimentos sobre piso térreo em pilotis com altura máxima de 23 metros, contados da cota de soleira até o limite da laje de cobertura do sexto pavimento, acrescida de no máximo 4 (quatro) metros para caixas d'água, casas de máquinas e

demais elementos técnicos (PORTARIA IPHAN, 2016). A Portaria nº 166 afirma ainda que essas superquadras, juntamente com as 400, foram implantadas em meio a “**abundante vegetação arbórea**”, distribuídas ao longo do Eixo Rodoviário, via arterial arqueada contínua em sentido norte-sul, ladeada pelos Eixos L e W”.

Figura 34 - SQN 107, delimitada a leste pelo ERW (eixinho) Norte, e a Oeste pela W1.



Fonte:

ALIAGA FUENTES, Maribel.; DIAS COELHO, Luiza; TABOSA, Mayara. 2019

As edificações são de **projeção quadrada isolada no lote e circundadas por amplas áreas livres com piso de concreto e vasta arborização**. Outros equipamentos urbanos importantes nas proximidades da obra, são a **quadra poliesportiva, parque infantil e subestação de energia**.

A superquadra faz parte da **Área de Preservação 6 da ZP1A** (PORTARIA IPHAN, 2016), tem acesso único individualizado para automóveis pela via W1 e possui taxa máxima de ocupação de 15% da área total da superquadra. Está próxima ao CLN 107 (Comercio Local Norte) com serviços e comércios diversificados, ocupado edificações de até três pavimentos.

A **mobilidade e acessibilidade** foi priorizada pelos arquitetos por meio, também, da localização das garagens no subsolo, de modo a aumentar a área de livre circulação para pedestres.

**Figura 35** - Fachadas e entorno, vista Sudoeste do bloco F.



Fonte: Acervo Oscar Luís Ferreira

#### **f) Espírito e o sentimento**

Em conversa informal com uma moradora de um dos blocos, ela informou que ficou na lista de espera para adquirir uma das unidades habitacionais que ainda estavam em posse da UnB. A moradora afirmou ainda que muitos condôminos dos blocos são arquitetos, fotógrafos ou profissionais relacionados às artes, e que esses haviam escolhido os blocos do Conjunto São Miguel por terem de fato uma afinidade com as obras.

Esse atributo é de difícil definição, mas com a informação inicial de que há um vínculo dos moradores locais com a edificação, espera-se conseguir mais informações das relações e sentimentos que envolvem os blocos F, G e I da SQN 107 a partir da aplicação da ferramenta de consulta.

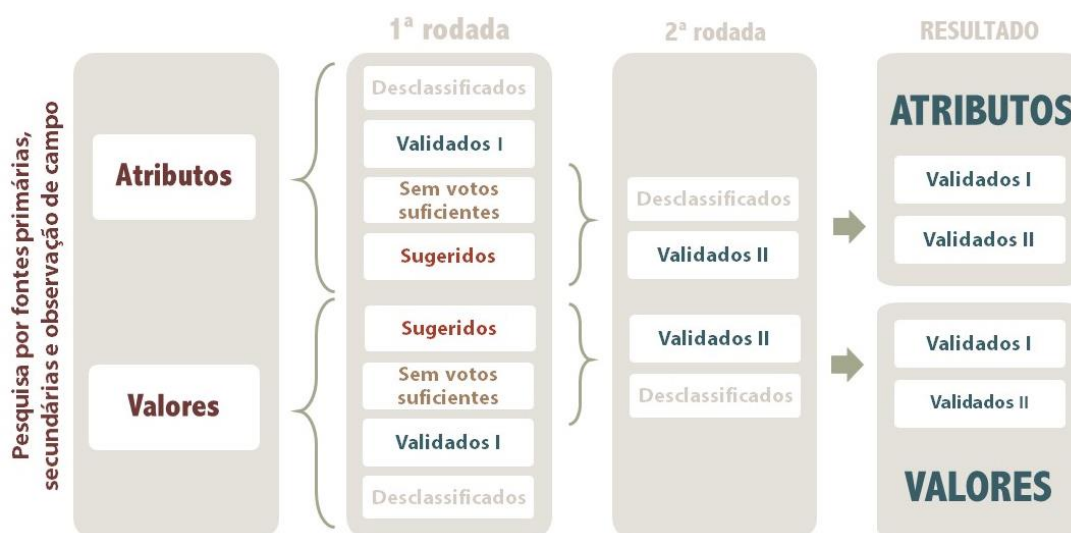
### 3.2 Validação: classificação de valores e atributos identificados

Após pré-definir a classificação de valores a ser utilizada na pesquisa e identificar os atributos patrimoniais da obra, aplicamos o método Delphi, com o objetivo de validar tanto os atributos como os valores em potencial junto aos especialistas.

O método de pesquisa Delphi é realizado por meio de questionários estruturados, aplicados a especialistas, de forma intensiva e intercalada, em no mínimo 2 rounds. Os principais benefícios da técnica de grupo focal para as pesquisas exploratórias estão em: i) auxiliar na formulação de hipóteses, (...) ajudando a expressar proposições de pesquisa; ii) auxiliar na identificação de conceitos relevantes de uma pesquisa, (...), atuando na definição operacional de um conceito na identificação e testagem de novas ideias de pesquisa. (MUNORETTO; CORREIA E CUNHA, 2013, p. 1)

Sendo assim, montou-se um questionário com uma primeira rodada de perguntas para verificar se eles estariam de acordo com os valores e atributos apresentados. Havia ainda a possibilidade de sugestão de algum valor ou elemento que achassem pertinentes. Com os resultados da primeira consulta, foi montada uma segunda e última rodada, com os itens da rodada anterior que não atingiram a pontuação necessária para validação nem a pontuação mínima para serem descartados, além dos novos elementos sugeridos pelos especialistas na etapa anterior.

Figura 36 - Aplicação do método Delphi: validação dos atributos e valores.



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Depois da aplicação do método Delphi, foram montadas as fichas para avaliação da significância cultural e do grau de integridade e autenticidade dos elementos. As imagens das fichas de consulta serão apresentadas mais à frente neste capítulo.

### 3.2.1 Consulta aos especialistas: a validação dos valores e atributos

O conjunto de valores e de elementos identificados no capítulo 2 foram organizados em fichas de consulta para que os especialistas pudessem avaliar sua pertinência e sugerir novas opções não mencionadas. A primeira ficha foi dividida em uma pergunta para validação da classificação dos valores, com possibilidade de adição de algum valor que o especialista compreendesse ser necessário a avaliação pelos atores sociais. O mesmo foi feito com os elementos, que foram divididos nas subcategorias “externo & entorno”, “desdobramentos internos & áreas comuns” e “histórias e conexões”.

Na segunda e última rodada de consulta, foram postos novamente para validação os itens que tiveram entre 40% a 60% dos votos na rodada anterior, juntamente com as sugestões dadas pelos especialistas na primeira rodada, de modo a verificar se estas seriam inseridas na consulta aos atores sociais. Para facilitar a compreensão e o preenchimento, os itens adicionados pelos especialistas foram identificados com dois asteriscos (\*\*) e todos os itens validados na rodada anterior tiveram sua porcentagem de votação indicada.

Os itens que tiveram setenta por cento ou mais ( $\geq 70\%$ ) de votos na primeira rodada foram considerados validados e, sendo assim, não constaram nas opções apresentadas nessa segunda rodada, mas foram descritos no enunciado para fins de contextualização. Os valores e atributos que tiveram quarenta por cento ou menos ( $\leq 40\%$ ) dos votos, foram considerados invalidados e retirados das fichas.

**Figura 37** - Ficha de consulta aos atores sociais - validação dos valores/1ª rodada de perguntas.

Para a avaliação da significância cultural da obra apresentada, você concorda com a classificação de valores estabelecida abaixo? Marque os valores com os quais concorda e, caso entenda necessário, sugira valores não mencionados que, na sua opinião, devem ser avaliados na consulta aos atores sociais. \* 1 ponto

**Uso:** está relacionado à capacidade do bem de responder às necessidades materiais do homem, ao seu valor utilitário;

**Econômico:** expressa o potencial do bem na economia

**Histórico:** capacidade do bem em transmitir um "estágio evolutivo individual de um domínio qualquer da atividade humana" (Riegl, 2013, p.55)

**Antiguidade:** relacionado ao aspecto antigo do monumento (ou bem)

**Artístico:** está condicionado à capacidade do monumento de satisfazer as exigências do querer artístico moderno (RIEGL, 2014)

**Cultural:** elo de identidade social comum entre passado, presente e futuro. É o valor que se materializa - em crenças, costumes, vestimentas, etc.

**Simbólico:** pressupõe uma competência imaginária que se exprime por uma capacidade de ver as coisas tais como elas não são, de vê-las diferentemente do que elas são" (LACERDA, 2012, p. 48)

LACERDA, Norma. Valores dos Bens Patrimoniais. In: LACERDA, Norma & ZANCHETTI, Sílvia (orgs.). Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e métodos. Olinda: CECI, 2012.

RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos. Lisboa: Edições, v. 70, 2013.

Caso entenda necessário, sugira aqui valores não mencionados que, na sua opinião, deveriam ser avaliados na consulta aos atores sociais.

Sua resposta \_\_\_\_\_

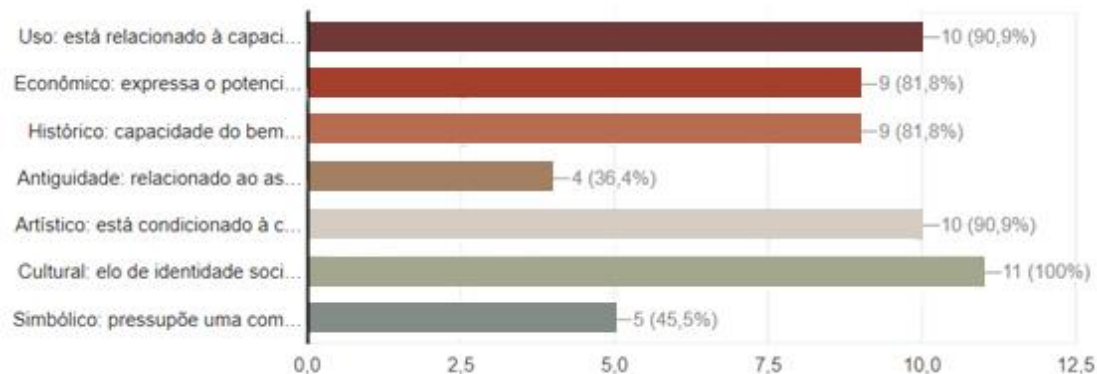
Fonte 2: Elaboração própria, 2021.

A primeira rodada contou com a participação efetiva de 11 especialistas e a segunda rodada obteve resposta de 10 especialistas. A classificação de valores apresentada para os especialistas foi a seguinte:

- **Uso:** está relacionado à capacidade do bem de responder às necessidades materiais do homem, ao seu valor utilitário;
- **Econômico:** expressa o potencial do bem na economia
- **Histórico:** capacidade do bem em transmitir um estágio evolutivo individual de um domínio qualquer da atividade humana" (RIEGL, 2013, p.55)

- **Antiguidade:** relacionado ao aspecto antigo do monumento (ou bem)
- **Artístico:** está condicionado à capacidade do monumento de satisfazer as exigências do querer artístico moderno (RIEGL, 2014)
- **Cultural:** elo de identidade social comum entre passado, presente e futuro. É o valor que se materializa - em crenças, costumes, vestimentas, etc;
- **Simbólico:** pressupõe uma competência imaginária que se exprime por uma capacidade de ver as coisas tais como elas não são, de vê-las diferentemente do que elas são" (LACERDA, 2012, p. 48).

Gráfico 1 – 1ª rodada de consulta aos especialistas: avaliação da classificação de valores.

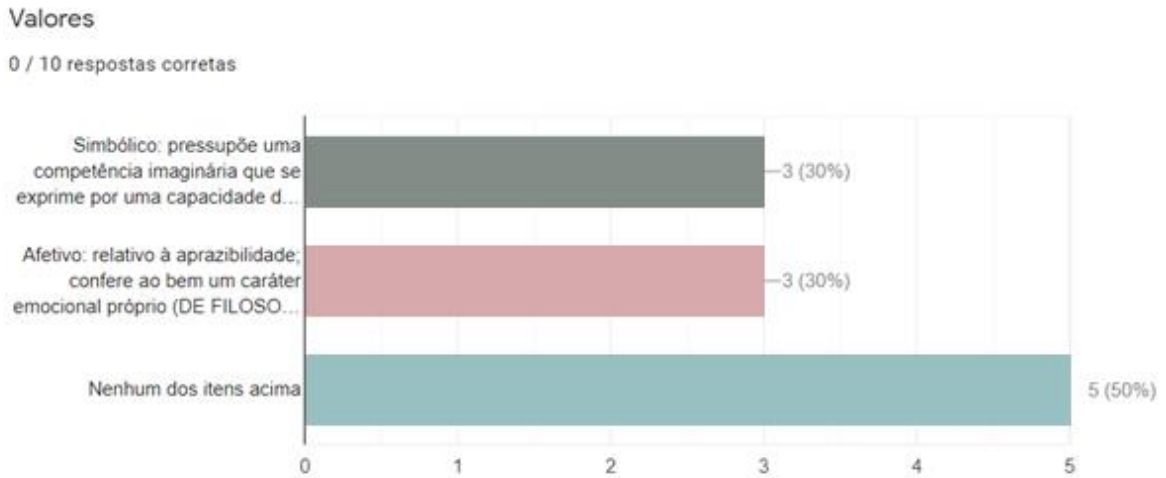


Fonte: Elaboração própria, 2021.

O *valor de antiguidade* foi descartado pelo baixo reconhecimento dos especialistas e dois novos foram sugeridos: "significado, contexto, todos os moradores têm mais de 15 anos no edifício e certamente mais de 30 em BsB" e "valor afetivo, valor de referência geográfica (ponto de referência)". Com relação aos itens sugeridos, o "*significado*" foi incorporado ao item dos elementos relativos a *histórias & conexões*, e o *valor afetivo* foi posto para validação dessa forma:

- **Afetivo:** relativo à apazibilidade; confere ao bem um caráter emocional próprio (BLACKBURN, 1997)

**Gráfico 2** - 2ª rodada de consulta aos especialistas: avaliação da classificação de valores



Fonte: Elaboração própria, 2021

Ambos os valores, *simbólico* e *afetivo*, não foram validados pelos especialistas na segunda rodada de perguntas. Sendo assim, a classificação validada para consulta aos atores sociais foi a de valores de **uso, econômico, histórico, artístico e cultural** (Tabela 5).

**Tabela 5** - Tabela síntese dos valores validados pelos especialistas

VALORES SUGERIDOS	1ª RODADA RESULTADO	VALORES VALIDADOS
Uso	<b>Uso</b>	<b>Uso</b>
Econômico	<b>Econômico</b>	<b>Econômico</b>
Histórico	<b>Histórico</b>	<b>Histórico</b>
Antiguidade	Antiguidade	Antiguidade
Artístico	<b>Artístico</b>	<b>Artístico</b>
Cultural	<b>Cultural</b>	<b>Cultural</b>
Simbólico	Simbólico	Simbólico
	Afetivo	Afetivo

Validados Postos para validação novamente Sugeridos Desclassificados

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Os elementos da categoria *externo & entorno* foram apresentados aos especialistas e validados por eles da seguinte forma:

- **Mobilidade urbana** - foi priorizada pelos arquitetos por meio, também, da localização das garagens no subsolo, de modo a aumentar a área de livre circulação para pedestres. O



entorno dos prédios foi calçado com placas de concreto de 90x90cm, com intuito de propiciar espaços livres para usufruto dos moradores da unidade de vizinhança;

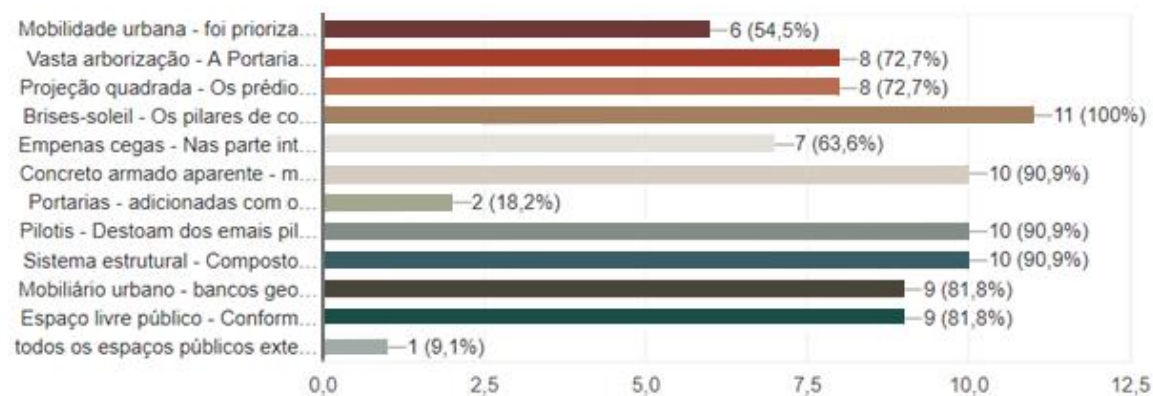
- **Vasta arborização** - A Portaria nº 166/2016 do IPHAN afirma ainda que essas superquadras, juntamente com as 400, foram implantadas em meio a “abundante vegetação arbórea, distribuídas ao longo do Eixo Rodoviário, via arterial arqueada contínua em sentido norte-sul, ladeada pelos Eixos L e W”;
- **Projeção quadrada** - Os prédios de Mayumi para a SQN 107 foram os primeiros blocos residenciais de projeção quadrada no plano piloto, e até hoje alguns dos únicos. A planta do pavimento tipo tem os apartamentos dispostos nas quatro extremidades, de modo que se configuram como quatro módulos independentes, unidos por um bloco central de circulação horizontal e vertical;
- **Brisas-soleil** - Os pilares de concreto tal qual foram projetados cumprem também nas fachadas o importante papel de brise-soleil, controlando a incidência solar e a intensa luminosidade de Brasília no interior dos apartamentos;
- **Empenas cegas** - Na parte interna das fachadas Norte e Sul, se dão do solo ao topo da edificação;
- **Concreto armado aparente** - moldado in loco, com formas de madeira visíveis em todas as fachadas e também em algumas partes internas. É o principal material construtivo da edificação, amplamente utilizado na sua forma aparente durante século 20;
- **Portarias** - adicionadas com o decorrer do tempo, em detrimento da violência urbana. O projeto original não contava com portaria, apenas com uma porta de vidro translúcido que dava diretamente ao elevador. Cada unidade habitacional fez sua portaria independente, com marquises, cores e dimensões próprias;
- **Pilotis** - Destoam dos demais pilotis dos blocos residenciais do CUB: com a uniformidade da fachada, decorrente dos montantes longilíneos com 75cm de distância, a planta livre, projeção quadrada, jardins internos, concreto aparente, continuidade do piso circundante e mobiliário integrado;
- **Sistema estrutural** - Composto por lajes em concreto armado que transferem esforços tanto para vigas, paredes cortina em concreto armado aparente e para pilares em concreto armado aparente estes últimos espaçados a cada 0,75m e que compõem as fachadas Norte e Sul da edificação;

- **Mobiliário urbano** - bancos geométricos de concreto espalhados nos pilotis e nos arredores das edificações são também abertura de ventilação para o subsolo, onde está localizada a garagem dos edifícios;
- **Espaço livre público** - Conforme a portaria nº 166 do IPHAN, os pilotis fazem parte de "uma maneira inovadora de viver, própria de Brasília". Tal como previsto em lei e como proposto no projeto original, os pilotis dos blocos em questão são abertos ao público e bastante frequentados.

**Gráfico 3** - 1ª rodada de consulta aos especialistas: avaliação dos elementos 'externo & entorno'

### Externo & entorno

11 respostas



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Foram validados todos os atributos, com exceção do referente às *portarias*, que foi descartado pela baixa quantidade de votos, e do referente às *empenas cegas* e à *mobilidade urbana*, que foram colocados para validação na segunda rodada da consulta. Conforme a sugestão de que "todos os elementos públicos externos criam ambiência do conjunto" o item sobre a mobilidade urbana foi alterado para:

- **Mobilidade urbana e entorno imediato** - todos os espaços públicos do entorno compõem a ambiência do conjunto e a mobilidade urbana foi priorizada pelos arquitetos através, também, da locação das garagens no subsolo visando aumentar a área de livre circulação para usufruto dos moradores e frequentadores da superquadra. O entorno dos prédios foi calçado com placas de concreto de 90x90cm, conforme projeto original da UV. (54,5% - editado conforme sugestão de especialista).

Na segunda rodada de perguntas foram validadas as *empenas cegas* e desconsiderada a *mobilidade urbana e entorno imediato* (Gráfico 3). Foram reconhecidos, portanto, os seguintes elementos: **vasta arborização, projeção quadrada, brises-soleil, empenas cegas, concreto armado aparente, pilotis, sistema estrutural, mobiliário urbano e espaço livre público**, conforme dados da Tabela 6.

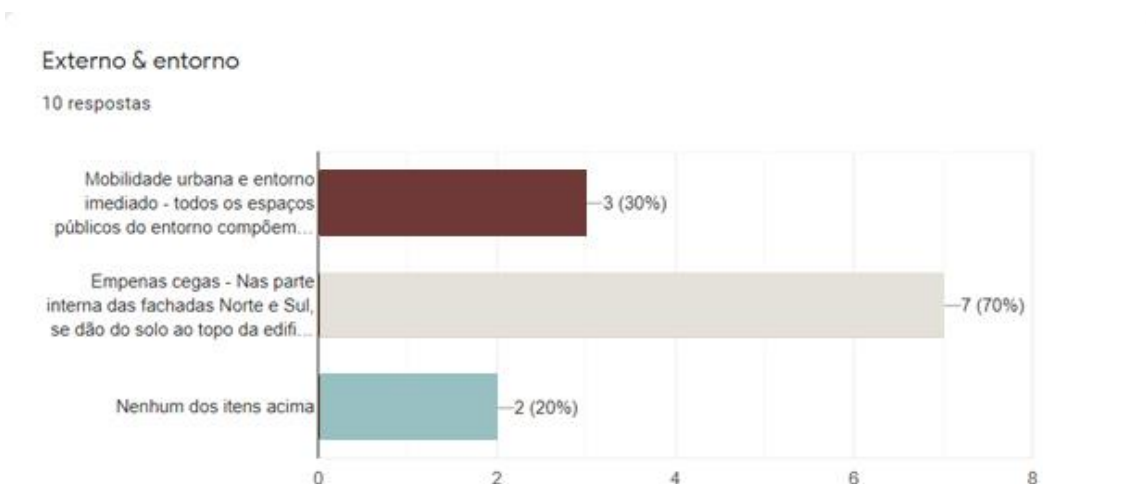
**Tabela 6** - Tabela síntese atributos "externo & entorno" validados pelos especialistas

ATRIBUTOS LEVANTADOS	1ª RODADA RESULTADO	ATRIBUTOS VALIDADOS
Mobilidade urbana	<b>Mobilidade urbana e entorno imediato</b>	Mobilidade urbana e entorno imediato
Vasta arborização	<b>Vasta arborização</b>	<b>Vasta arborização</b>
Projeção quadrada	<b>Projeção quadrada</b>	<b>Projeção quadrada</b>
Brisés-soleil	<b>Brisés-soleil</b>	<b>Brisés-soleil</b>
Empenas cegas	<b>Empenas cegas</b>	<b>Empenas cegas</b>
Concreto armado aparente	<b>Concreto armado aparente</b>	<b>Concreto armado aparente</b>
Portarias	<b>Portarias</b>	<b>Portarias</b>
Pilotis	<b>Pilotis</b>	<b>Pilotis</b>
Sistema estrutural	<b>Sistema estrutural</b>	<b>Sistema estrutural</b>
Mobiliário urbano	<b>Mobiliário urbano</b>	<b>Mobiliário urbano</b>
Espaço livre público	<b>Espaço livre público</b>	<b>Espaço livre público</b>

Validados
  Postos para validação novamente
  Sugeridos
  Desclassificados

Fonte: Elaboração própria, 2021.

**Gráfico 4** - 2ª rodada de consulta aos especialistas: avaliação dos elementos 'externo & entorno'



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Os elementos da categoria *desdobramentos internos & áreas comuns* foram apresentados conforme definições abaixo, e a validação dos especialistas pode ser vista em seguida.

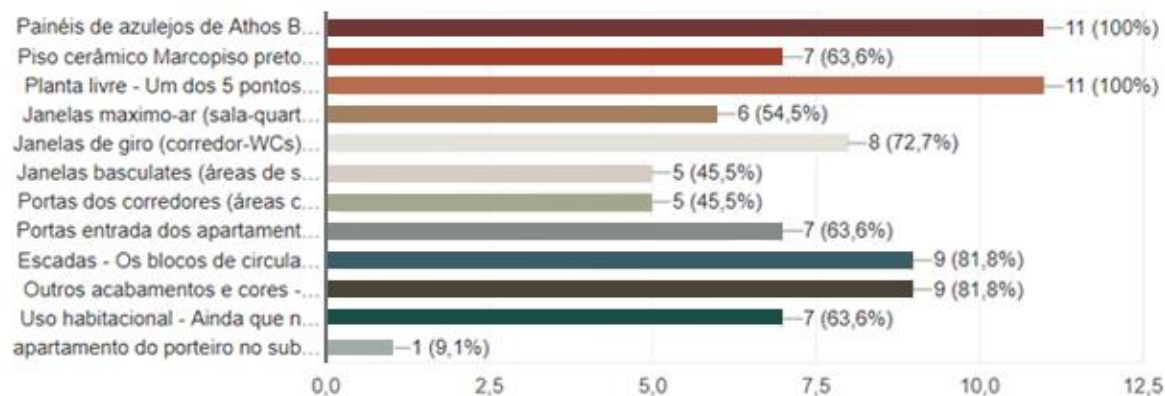
- **Painéis de azulejos de Athos Bulcão** - Revestem toda prumada externa e interna da circulação vertical (elevadores e escadas) desde o subsolo até o quinto andar, com exceção do bloco F que teve o revestimento das paredes do subsolo removido. Foram feitos em três padrões diferentes, sendo um para cada bloco, mas utilizando as mesmas cores e dimensões: branco e azul cor nº 52 na escala cromática de Athos, e dimensões de 15x15cm;
- **Piso cerâmico Marcopiso** preto fosco, 15x30 cm;
- **Planta livre** - Um dos 5 pontos da Nova Arquitetura, viabilizado pelo avanço tecnológico pós-revolução Industrial. No Brasil, como aponta Mayumi, poucas eram as edificações multifamiliares com essa característica devido à falta de uma estrutura viária necessária para a difusão das novas tecnologias;
- **Janelas máximo-ar** (sala-quartos) - Alocadas nos painéis de vidro que fazem a vedação entre montantes. Compostas de estrutura metálica preta e folha de vidro translúcido, fazem o controle de circulação de vento nas salas e quartos;
- **Janelas de giro** (corredor-WCs) - Estão à um ângulo próximo 90º das paredes dos banheiros dos apartamentos e das áreas comuns de circulação vertical. São inteiriças, de estrutura metálica e vidro, com uma folha fixa inferior e uma folha de giro superior;
- **Janelas basculantes** (áreas de serviço) - Podem ser observadas nas reentrâncias das fachadas Norte e Sul e, assim como as demais, é feita de estrutura metálica em vidro, com 22 folhas móveis, quadradas, dispostas em 2 linhas;
- **Portas dos corredores** (áreas comuns) - Feitas em estrutura metálica e vidro, estão localizadas nas áreas comuns de circulação vertical;
- **Portas entrada dos apartamentos** - O acesso aos apartamentos é feito por portas pivotantes de madeira, com bandeira, que vencem todo o pé direito do pavimento;
- **Escadas** - Os blocos de circulação vertical são revestidos interna e externamente por painéis de Athos Bulcão. Os degraus são de cerâmica preta e corrimãos de madeira pintados também na cor preta;

- **Outros acabamentos e cores** - A predominância do cinza (concreto aparente), do branco (pintura/painéis de azulejos), preto (metais), transparência (vidro) e azul (painéis de azulejos) sugerem, juntamente com outros aspectos, uma afinidade com o Neoplasticismo, que muito influenciou na arquitetura moderna. De acordo com esse movimento artístico, "o belo é o verdadeiro contemplável" (BOLLAND apud MONDRIAN, 2008, p. 76) expresso por Mondrian através de traços ortogonais, cores primárias e contraste entre cinza, branco e preto. No discurso de Lucio Costa, o arquiteto relaciona a busca pela verdadeira arte à "pureza das formas, a nitidez dos contornos, a perfeição do acabamento" (COSTA, 1995, p.115) e à rejeição dos ornamentos;
- **Uso habitacional** - Ainda que não tenham sido utilizados para transferência do pessoal do Itamaray, devido aos acontecimentos políticos da época, sempre tiveram a finalidade de habitação. Por muitas décadas pertenceram à UnB, até que todas as suas unidades habitacionais foram vendidas para proprietários privados.

**Gráfico 5** - 1ª rodada de consulta aos especialistas: avaliação dos elementos 'desdobramentos internos & áreas comuns'

#### Desdobramentos internos & áreas comuns

11 respostas

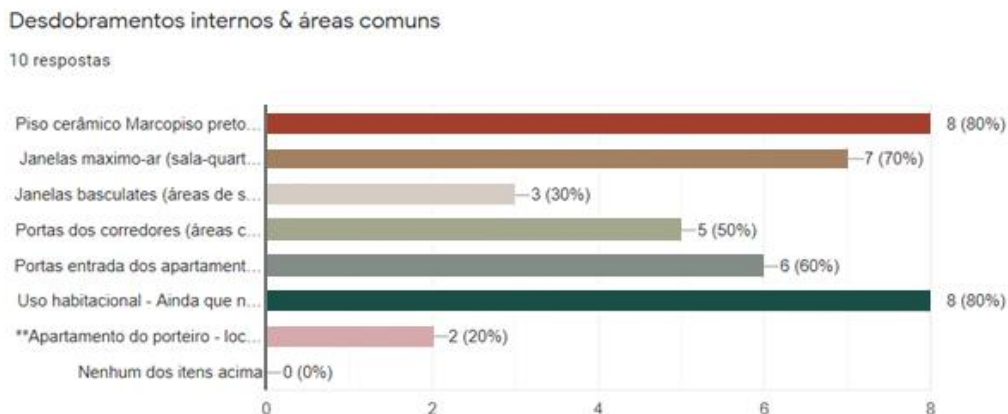


Fonte: Elaboração própria, 2021.

Seis dos onze elementos apresentados foram postos novamente para validação na segunda rodada, enquanto os outros cinco foram considerados validados pelos especialistas, depois de obtidos mais de 70% dos votos. Para melhor esclarecer a escolha dos elementos e auxiliar na avaliação dos especialistas, algumas informações foram adicionadas em cada um dos

itens e um novo e importante elemento sugerido foi o apartamento do zelador, cuja validação foi realizada também na última rodada do questionário.

**Gráfico 6** - 2ª rodada de consulta aos especialistas: avaliação dos elementos 'desdobramentos internos & áreas comuns'



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Com os resultados da última rodada de consulta, foram validados os seguintes elementos dos atributos de *desdobramentos internos & áreas comuns*: **painéis de azulejos de Athos Bulcão, piso cerâmico Marcopiso, planta livre, janela máximo-ar, janelas de giro, porta dos corredores, portas das entradas dos apartamentos, escadas, outros acabamentos e cores e uso habitacional**, como pode ser visto na *Tabela 7*.

**Tabela 7** - Tabela síntese dos elementos dos "desdobramentos internos & áreas comuns" validados pelos especialistas

ATRIBUTOS LEVANTADOS	1ª RODADA RESULTADO	RESULTADO FINAL
Painéis de azulejos de Athos Bulcão	<b>Painéis de azulejos de Athos Bulcão</b>	<b>Painéis de azulejos de Athos Bulcão</b>
Piso cerâmico Marcopiso	<b>Piso cerâmico Marcopiso</b>	<b>Piso cerâmico Marcopiso</b>
Planta livre	<b>Planta livre</b>	<b>Planta livre</b>
Janelas máximo-ar	<b>Janelas máximo-ar</b>	<b>Janelas máximo-ar</b>
Janelas de giro	<b>Janelas de giro</b>	<b>Janelas de giro</b>
Janelas basculantes	<b>Janelas basculantes</b>	Janelas basculantes
Portas dos corredores	<b>Portas dos corredores</b>	<b>Portas dos corredores</b>
Portas entrada dos apartamentos	<b>Portas entrada dos apartamentos</b>	<b>Portas entrada dos apartamentos</b>
Escadas	<b>Escadas</b>	<b>Escadas</b>
Outros acabamentos e cores	<b>Outros acabamentos e cores</b>	<b>Outros acabamentos e cores</b>
Uso habitacional	<b>Uso habitacional</b>	<b>Uso habitacional</b>
	<b>Apartamento do zelador</b>	<b>Apartamento do zelador</b>

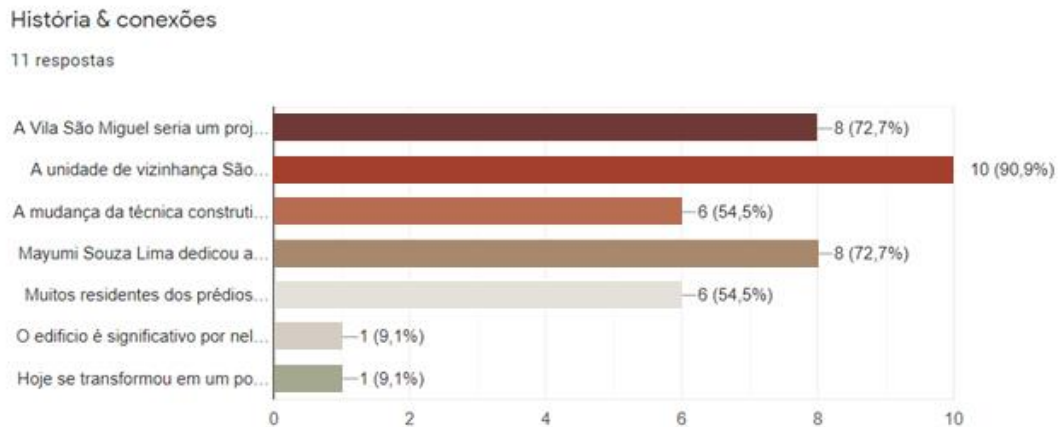
Validados Postos para validação novamente Sugeridos Desclassificados

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Na última pergunta do questionário, referente aos elementos que compõe os atributos relacionados a *histórias & conexões*, esses foram os resultados obtidos:

- O Conjunto São Miguel seria um projeto de grande porte, com proposta de habitação igualitária para funcionários de diferentes níveis do Itamaraty e da UnB, continha escola no padrão da ONU, piscina comunitária e projetos paisagístico e urbano: seria o maior complexo de pré-fabricados já construídos no Brasil e que, de acordo com os jornais da época, elevaria a Asa Norte ao nível da Asa Sul, além de ter importante papel político pelo seu caráter de abrigar o pessoal do Itamaraty, que estaria sendo transferido do Rio de Janeiro. De acordo com a bibliografia, o bloco H da SQN 107 começou a ser construído de acordo com o projeto inicial da superquadra, mas a obra foi passada para um engenheiro da Marinha, que teria dado continuidade à construção. O projeto não foi construído em sua totalidade devido à Ditadura Militar e os blocos F, G e I são as únicas testemunhas dessa obra;
- A unidade de vizinhança São Miguel foi fruto da proposta pedagógica de Darcy Ribeiro, na qual a categoria de "instrutores" estava envolvida em pesquisa, docência e projeto (no caso dos pós-graduandos em arquitetura) e foi concebida dentro do contexto acadêmico-profissional do Ceplan;
- A mudança da técnica construtiva, da pré-fabricação em concreto armado para a utilização do concreto armado aparente moldado in loco, foi fruto das condições pouco desenvolvidas da construção civil do Brasil nos anos 1960, que não viabilizou a construção dos edifícios conforme proposto inicialmente;
- Mayumi Souza Lima dedicou a maior parte da sua vida profissional no Estado de São Paulo, onde morou desde a infância e para onde retornou após deixar Brasília. Lá trabalhou em órgãos públicos e esteve envolvida em diversos projetos escolares e de equipamentos infantis. O Conjunto São Miguel é um exemplar raro de sua produção no que se refere à programa de necessidades, porte, natureza e é, ainda, o único projeto que se tem conhecimento ser de sua autoria na cidade de Brasília;
- Muitos residentes dos prédios são profissionais ligados às artes: fotógrafos, designers, arquitetos. O que sugere um reconhecimento das edificações por parte da sociedade.

**Gráfico 7-** 1ª rodada de consulta aos especialistas: avaliação dos elementos da categoria 'histórias & conexões'



Fonte: Elaboração própria, 2021.

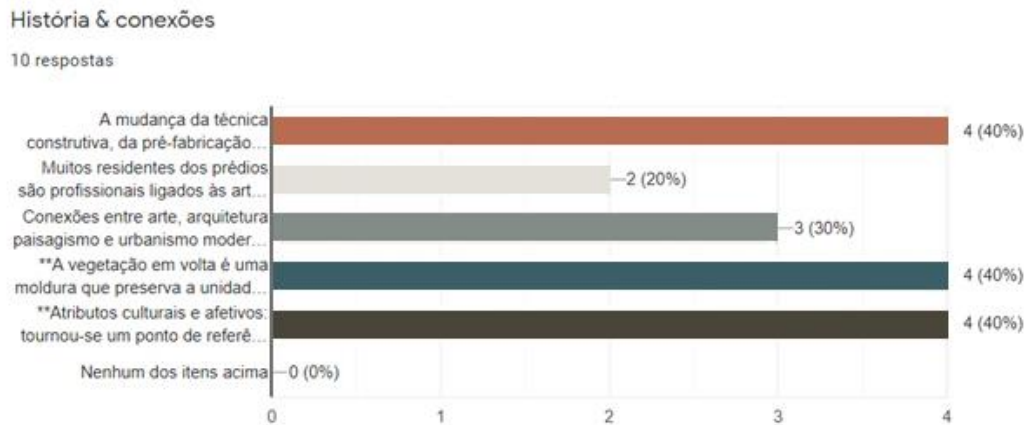
Foram postos para validação na segunda rodada de perguntas os itens sobre a *mudança da técnica construtiva* e do *reconhecimento do valor cultural da edificação devido ao perfil dos moradores das edificações* e novos itens foram sugeridos: "o edifício é significativo porque nele podemos ver as conexões existentes entre arte, arquitetura, paisagismo e urbanismo moderno de um momento de grandes transformações sociais e econômicas do Brasil" e "hoje se transformou em um ponto icônico da cidade e atrai diversas tomadas de fotos e filmes de divulgação, casamentos, etc". Seguindo as sugestões dos especialistas, foram acrescentados os seguintes itens:

- Muitos residentes dos prédios são profissionais ligados às artes: fotógrafos, designers, arquitetos. A maioria dos moradores tem mais de 15 anos no edifício e certamente mais de 30 em BsB. O que sugere um reconhecimento das edificações por parte da sociedade. (54,5% - editado conforme sugestão de especialista);
- Conexões entre arte, arquitetura paisagismo e urbanismo moderno de um momento de grandes transformações econômicas e sociais no Brasil;
- A vegetação em volta é uma moldura que preserva a unidade, vegetação que cresceu e que agora ultrapassou os edifícios e com eles compete. Mas proporciona um verde envolvente, denso, vibrante, colorido, seguro e resfriado, muito atrativa a vida natural (pássaros e insetos). - Item sugerido por especialista;



- Atributos culturais e afetivos: tornou-se um ponto de referência e se transformou em um ponto icônico da cidade e atrai diversas tomadas de fotos e vídeos de divulgação, casamento e etc. - item sugerido por especialista.

**Gráfico 8** - 2ª rodada de consulta aos especialistas: avaliação dos elementos da categoria 'histórias & conexões'



Fonte: Elaboração própria, 2021.

No entanto, todos os elementos da categoria *histórias & conexões* apresentados para validação na segunda rodada foram desclassificados (*Gráfico 8*), sendo validados apenas os atributos relacionados à **proposta projetual e contexto da concepção do Conjunto São Miguel, a relação do Conjunto São Miguel com a proposta pedagógica de Darcy Ribeiro e por ser um importante exemplar da obra de Mayumi**, como visto na *Tabela 8*.

**Tabela 8** - Tabela síntese atributos "histórias & conexões" validados pelos especialistas

ATRIBUTOS LEVANTADOS	1ª RODADA RESULTADO	RESULTADO FINAL
O Conjunto São Miguel seria um projeto de grande porte (...)	<b>O Conjunto São Miguel seria um projeto de grande porte (...)</b>	<b>O Conjunto São Miguel seria um projeto de grande porte (...)</b>
A UV São Miguel foi fruto da proposta pedagógica de Darcy Ribeiro (...)	<b>A UV São Miguel foi fruto da proposta pedagógica de Darcy Ribeiro (...)</b>	<b>A UV São Miguel foi fruto da proposta pedagógica de Darcy Ribeiro (...)</b>
A mudança da técnica construtiva (...)	<b>A mudança da técnica construtiva (...)</b>	A mudança da técnica construtiva (...)
Mayumi Souza Lima e a UV São Miguel	<b>Mayumi Souza Lima e a UV São Miguel</b>	<b>Mayumi Souza Lima e a UV São Miguel</b>

Residentes e o reconhecimento da UV	Residentes e o reconhecimento da UV	Residentes e o reconhecimento da UV
	Conexões entre arte, arquitetura paisagismo e urbanismo (...)	Conexões entre arte, arquitetura paisagismo e urbanismo (...)
	A vegetação em volta (...)	A vegetação em volta (...)
	Atributos culturais e afetivos	Atributos culturais e afetivos

Validados
  Postos para validação novamente
  Sugeridos
  Desclassificados

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Com os valores e atributos validados pelos especialistas (através das fichas do Apêndice 3), as fichas de consulta aos atores sociais foram montadas e aplicadas. O resultado da última etapa de consulta da ferramenta será discutido no item a seguir.

### 3.2.2 Consulta aos atores sociais

#### 3.2.2.1 Atores sociais e amostras

A interação dos atores sociais com o universo do bem patrimonial é diretamente relacionada à conservação do bem e a possibilidade da preservação do seu legado para as gerações futuras (ZANCHETTI; HIDAKA, 2014). A afirmação das recentes vertentes teóricas de que a valoração, ou a *significância cultural*, é uma construção social, corrobora o princípio da indissociabilidade entre o bem e seu contexto cultural, de modo que a identificação da comunidade para com o bem é possivelmente o mais importante fator para sua salvaguarda.

De acordo com a definição de Souza (1984, p.12). “um determinado indivíduo é um ator social quando ele representa algo para a sociedade (para o grupo, a classe, o país), encarna uma ideia, uma reivindicação, um projeto, uma promessa, uma denúncia” podendo ser também, uma classe social, categoria social ou instituições como sindicatos, partidos políticos jornais, emissoras de televisão, igrejas e outras. No âmbito patrimonial, os atores ou grupos sociais (*stakeholders*) são aqueles envolvidos, de alguma forma, com o bem e sua preservação.

Considerando que os grupos e atores sociais se apropriam de formas diferentes do bem e, assim, estabelecem com ele diferentes relações e conexões (LIRA, 2014), as categorias de *stakeholders* utilizadas nessa pesquisa foram:

1. MORADORES: aqueles que residem nas edificações e possuem estreitos laços com a obra. Sendo aqui divididos em antigos, que residem a mais de 5 anos no conjunto, ou residentes novos, com menos de 5 anos no local. São provavelmente os mais importantes e com potencial interesse em manter o lugar em bom estado de conservação;
2. VIZINHOS: grupo social que é direta e indiretamente afetado pelo bem, principalmente considerando o contexto das Superquadras de Brasília, onde os blocos residenciais formam um conjunto, com Prefeitura de Superquadra, muitas vezes atividades e eventos locais, além dos vizinhos (e transeuntes em geral) terem livre circulação nos espaços públicos da quadra. Foram divididos em vizinhos antigos ( $\geq 5$  anos) e vizinhos novos ( $\leq 5$  anos);
3. FUNCIONÁRIOS: também divididos entre antigos ( $\geq 5$  anos de atuação no conjunto) e novos ( $\leq 5$  anos de trabalho) e assim como os outros dois grupos, possuem laços estreitos com a edificação a partir de uma outra perspectiva. O conhecimento dos funcionários acerca de áreas de acesso restrito, práticas de manutenção ou situações particulares, por exemplo, podem ser fundamentais para a conservação do bem;
4. FREQUANTADORES (OU VISITANTES): podem ser ligados a atividades e grupos sociais diversos: frequentadores do comércio local, pedestres, proximidade com residentes da superquadra, turistas ou estiverem utilizando o espaço para produção de fotos e vídeos - como acontecesse recorrentemente nas proximidades do Conjunto São Miguel, por exemplo;
5. ESPECIALISTAS: podendo ser internos - quando se enquadram também em algum dos grupos sociais acima citados e possuem uma relação mais próxima com o objeto - ou externos, com conhecimento geral sobre a conservação do patrimônio, podendo ser gestores ou envolvidos de órgãos de salvaguarda ou profissionais liberais. Nessa pesquisa foram considerados também como especialistas engenheiros e arquitetos com conhecimento sobre o lugar.

As diferentes experiências e percepções dos grupos sociais para com o lugar estudado irão permitir uma compreensão mais completa da *significância cultural* do bem para aquela comunidade.

Assim como Tabosa (2018), essa pesquisa utilizou os princípios de Gaskell (2015) para determinar a quantidade de amostras coletadas que, segundo o autor, o número limite máximo de entrevistas a serem realizadas por cada pesquisador deve estar entre 15 a 25. Segundo Gaskell (2015), esse número é definido a partir de dois princípios: i. o número limitado que as versões da realidade podem ter e ii. o tamanho do *corpus* da transcrição das entrevistas. Relativo ao primeiro ponto, o autor afirma que embora as experiências possam parecer pessoais, estas são interpretações de um interesse comum em um meio social específico sendo, portanto, fatos de processos sociais que são compartilhados por esses grupos e, por esse motivo, há uma limiar na variedade de percepções dentro de um mesmo grupo social.

Sobre a extensão do *corpus*, Gaskell (2015) ressalta a importância de possibilitar uma leitura criteriosa das entrevistas, sendo necessário recorrer também à recordação do entrevistador sobre as circunstâncias em que ocorreram as entrevistas, uma vez que há perda de informação ao transcrevê-las (TABOSA, 2018).

Diante das limitações impostas pela pandemia da COVID-19 e a adaptação das fichas de consulta para o meio digital, bem como os prazos necessários para conclusão de todas as etapas as quais esse trabalho se propôs a cumprir, alguns desafios surgiram durante a consulta aos atores sociais. Como o contato pessoal com os entrevistados não foi possível, acabou-se por dificultar a adesão da comunidade, que, em sua maioria, não deu retorno do contato realizado para participação da pesquisa. Isso pode ter se dado pelo delicado momento que estamos vivendo, principalmente no tocante à rápida e intensa adesão aos meios digitais para as mais triviais atividades cotidianas. Além disso, não há dúvida sobre a maior "frigidez" que o meio virtual propicia, quando em comparação ao contato humano presencial.

**Gráfico 9 - Perfil dos atores sociais participantes da consulta**



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Alcançar grupos sociais como visitantes e funcionários também foi desafiador pela falta de intermédio ou ponte de acesso a eles, principalmente com os funcionários, uma vez que não foi possível conseguir qualquer contato direto que possibilitasse a aplicação do questionário.

Sendo assim, a pesquisa conseguiu atingir quinze (15) respostas, divididas por entre os grupos sociais representados no Gráfico 9.

### 3.2.2.2 Método de análise

A consulta aos atores sociais propõe e possibilita diversos cruzamento de dados cujas informações podem direcionar e embasar também várias possibilidades quanto à abordagem do estudo e leitura dos dados.

**Figura 38 - Ficha 1 – Frase.** Consulta aos atores sociais para avaliação da significância cultural, coleta de dados qualitativos.

Imagem 01 - Vasta arborização



Escreva uma frase sucinta que expresse o elemento especificado na Imagem 01, conforme a sua percepção. \*

Sua resposta

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Os dados são obtidos através do juízo quantificado - valores numéricos coletados através da aplicação das *fichas 2 e 3* - associado ao juízo qualitativo - *ficha 1* – que busca interpretar "o conteúdo dos discursos ou a fala cotidiana dentro de um quadro de referência, onde a ação e a ação objetivada nas instituições permitem ultrapassar a mensagem manifesta e atingir os significados latentes." (MINAYO; SANCHES 1993, p. 246).

Sarapioni (2004) diz que *métodos quantitativos* (números) são objetivos e generalizáveis; têm realidade estática e são perspectiva externa dos dados (*outsider*), hipotético-dedutíveis, orientados à verificação e à busca da magnitude e causa dos fenômenos sociais através de procedimentos controlados. Enquanto *métodos qualitativos* (narrativas) são subjetivos e não generalizáveis; com realidade dinâmica, sendo exploratórios, descritivos, indutivos, partindo de perspectiva interna dos dados (*insider*), orientados ao descobrimento.

Desse modo, buscaremos, a partir da perspectiva interna que a *ficha 1* alcança, dar subsídio para a compreensão dos dados hipotético-dedutíveis gerados pelas questões de múltipla escolha aplicadas no questionário de consulta, uma vez que "a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o aspecto de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão" (BAUER; GASKELL, 2008, p. 15).

A estruturação das *fichas de consulta* foi baseada na proposta do método desenvolvido por Lira e Pontual (2020), aplicado também por Dutra (2028) e Tabosa (2018). No entanto, é importante ressaltar que essa estruturação foi feita com base nas recomendações de Gaskell (2008) para entrevistas individuais e em grupo, e na análise de conteúdo, com base em Bardin (2008).

A análise de conteúdo (AC) é apresentada pela autora como uma forma de tratamento ou abordagem de pesquisas qualitativas e quantitativas, que se divide em três etapas: i, pré-análise, ii, exploração do material e iii. tratamento dos resultados.

A pré-análise é a etapa inicial da pesquisa quando são realizados os levantamentos de documentos, levantamento de hipóteses e organização dos objetivos. A autora estabelece que na *pré-análise* seja feita uma pesquisa exaustiva sobre o assunto, com amostras que representem o universo na sua totalidade e que sejam adaptadas ao objetivo da pesquisa. A *exploração do material* é, de fato, o que o nome da etapa sugere: uma análise do material coletado na etapa anterior e aplicação das diretrizes traçadas na pré-análise, de modo que são apresentados através de figuras, diagramas e outros recursos, na última etapa que consiste no *tratamento dos resultados*.

**Figura 39** - Ficha 2 – Valoração. Consulta aos atores sociais para avaliação da significância cultural, coleta de dados qualitativos.

Imagem 03 - BRISES-SOLEIL: Os pilares de concreto tal qual foram projetados cumprem também nas fachadas o importante papel de brise-soleil, controlando a incidência solar e a intensa luminosidade de Brasília no interior dos apartamentos.



Associe à imagem 03 os valores que, de acordo com a sua percepção, podem ser observados no elemento representado. \* 1 ponto

- Uso: está relacionado à capacidade do bem de responder às necessidades materiais do homem, ao seu valor utilitário;
- Econômico: expressa o potencial do bem na economia
- Histórico: capacidade do bem em transmitir um "estágio evolutivo individual de um domínio qualquer da atividade humana" (Riegl, 2013, p.55)
- Artístico: está condicionado à capacidade do monumento de satisfazer as exigências do querer artístico moderno (RIEGL, 2014)
- Cultural: elo de identidade social comum entre passado, presente e futuro. É o valor que se materializa - em crenças, costumes, vestimentas, etc.
- Nenhum

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Os capítulos introdutórios dessa pesquisa condensam as informações coletadas sobre a UV São Miguel, bem como o referencial teórico que embasou os temas abordados, de modo que seguem o que Badin (2008) classificou como *pré-análise*. A utilização das ferramentas de

consulta aos atores sociais é a ferramenta metodológica de *exploração do material*, pois busca, através dos dados quantitativos e qualitativos coletados através da valoração dos atributos a avaliação de suas condições de integridade e autenticidade, confrontar as hipóteses e viabilizar os objetivos traçados na *pré-análise*.

Nessa etapa da pesquisa, os dados qualitativos da *ficha 2* são transformados em dados quantitativos, e a perspectiva *insider* dos dados qualitativos da *ficha 1* busca orientar a natureza e compreensão dos dados da *ficha 2*. O grande desafio dessa *exploração* consiste em realizar uma boa leitura dessas informações e orientá-la para a etapa seguinte.

Por fim, o *tratamento de dados* foi materializado em gráficos que sintetizam as informações coletadas e sistematizadas de forma pertinente aos objetivos da pesquisa. O trabalho é concluído com a elaboração da DSIA, que compila os valores atribuídos ao bem, analisa suas condições de integridade e autenticidade a partir da avaliação dos especialistas, e aponta diretrizes gerais de conservação.

### 3.2.3 SIGNIFICÂNCIA CULTURAL: exploração do material e tratamento de dados

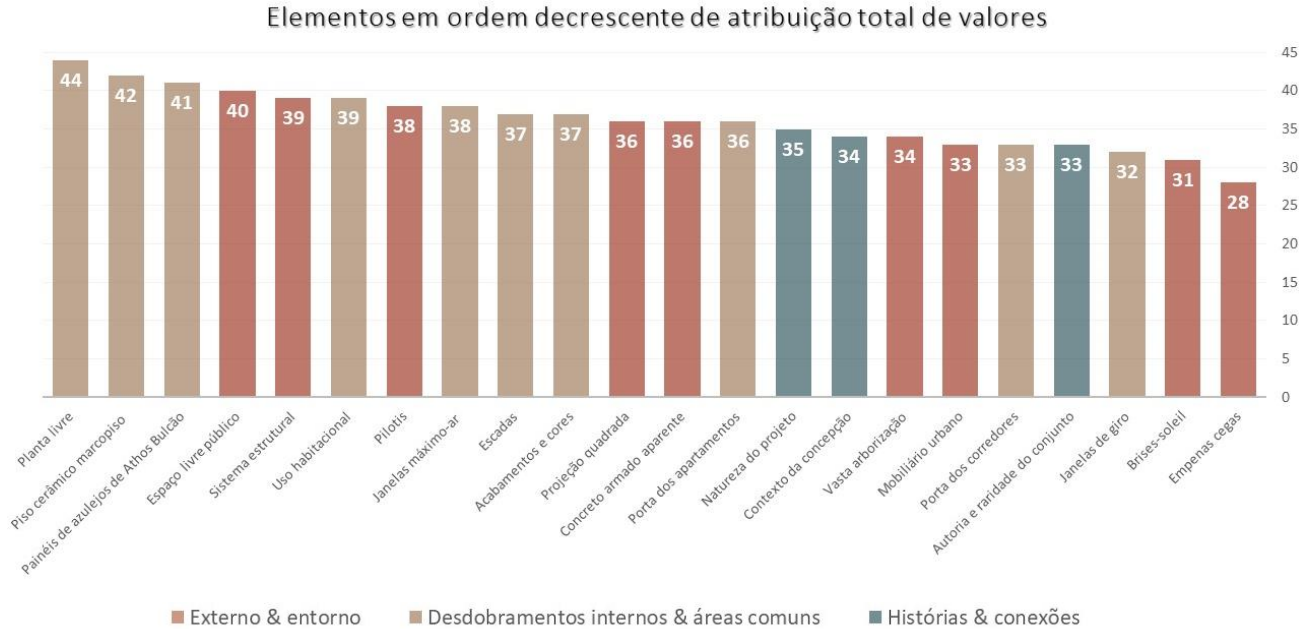
Como dito anteriormente nesse texto, a ferramenta propociona inúmeras possibilidades de entendimentos e portas de entrada analíticas (LIRA, 2020). No entanto, para a boa aplicação do método, não é exigido que todos esses dados sejam compilados e apresentados, mas que propiciem ao(s) especialista(s) responsável(is) pela construção da DSIA a possibilidade de explorá-los para a construção de um documento consistente.

Sendo assim, por questões metodológicas, a significância cultural será analisada nessa pesquisa a partir dos atributos mais valorados e dos valores que mais vezes foram atribuídos pelos atores sociais, de maneira a orientar-se a compreensão da significância cultural da obra para a comunidade a ela relacionada.

A aplicação da *ficha 2*, para associação dos elementos aos valores, teve seus dados transformados em pontuações: a cada valor atribuído foi considerado um (1) ponto na valoração do atributo. Desse modo, foram obtidos os seguintes resultados:



**Gráfico 10 - Ranking:** Atribuição total de valores por elemento



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Pode-se observar que houve uma diferença de 16 pontos entre o elemento mais valorado e o menos valorado, sendo os elementos da categoria *desdobramentos internos & áreas comuns* os mais bem colocados no *ranking*.

Os elementos *planta livre* e *piso cerâmico marcopiso* tiveram as mais altas pontuações do *ranking*, seguidos pelos *painéis de azulejos de Athos Bucão* na 3ª colocação, e *espaço livre público* e *sistema estrutural* na 4ª e 5ª colocação, respectivamente. Os três elementos mais valorados estão na categoria de *desdobramentos internos & áreas comuns*, enquanto os outros dois elementos aos quais mais valores foram atribuídos, estão na categoria *externo & entorno*. Em contrapartida, dois dos três atributos menos valorados também fazem parte da categoria de *externo & entorno*, sendo eles as *empenas cegas* as menos valoradas, o *brise-soleil* o 2º menos valorado; *janelas de giro* (desdobramentos internos e áreas comuns) e *autoria e raridade dos conjuntos* (histórias e conexões), completam a 4ª e 5ª colocação dos elementos aos quais menos valores foram atribuídos.

Percebe-se, portanto, que tanto a categoria *externo & entorno* como *desdobramentos internos & áreas comuns* tiveram 12 pontos de diferença entre o elementos mais e o menos valorado, enquanto a categoria *histórias & conexões* teve uma variação de 2 pontos entre os

elementos com maior e menos atribuição de valores. A categoria *desdobramentos internos & áreas comuns* teve a maior média de valoração, enquanto *histórias & conexões* foi grupo com média de valoração menos entre os três.

**Gráfico 11** - Média aritmética da quantidade de valores atribuídos a cada grupo de atributos



Fonte: Elaboração própria. 2021.

Aqui é importante lembrar que na *ficha 1* de consulta aos atores sociais foi formulada apenas a foto e o nome dos elementos a serem avaliados foram apresentados, de modo que os respondentes não tivessem qualquer influência do descritor na fala livre, mas redigissem a frase sobre o elemento a partir de suas experiências e percepções próprias. Já na *ficha 2*, foram apresentadas as fotos, nome e descritores dos elementos, assim como a definição de cada um dos valores que poderiam a eles ser atribuídos, possibilitando a coleta dos dados quantitativos para a compreensão do bem.

Confrontando as informações historiográficas com a expressão dos respondentes, um viés de interpretação da baixa valoração do *externo & entorno* poderia estar vinculado com a própria inconformidade do entorno com o planejamento original do urbanismo e paisagismo da superquadra, bem como a falta de um projeto que atenda as deficiências e necessidades do conjunto. Uma vez que *espaço livre* público ficou em 4ª colocação no ranking, mas as falas dos respondentes indicam potenciais ameaças à *integridade* dos seus valores:

Morador antigo C sobre o atributo vasta arborização: “Arborização excelente, mas demanda mais atenção do GDF para replantio de árvores que morrem - já foram mais floridas no passado”;

Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo) sobre o atributo vasta arborização: "*Porém sem uma intenção paisagística clara*";

Morador antigo C sobre o atributo mobiliário urbano: "*Deveria ter mais mobiliário e melhor urbanização do conjunto. O Bloco F ficou encapsulado e somente a reforma realizada pelo Condomínio recentemente viabilizou uma rampa de entrada e uma área lateral para embarque/desembarque*".

Logo, ao passo que o espaço livre público está entre os atributos mais valorados, outros atributos correlacionados a ele podem estar comprometendo a significância cultural do bem pela falta de manutenção e/ou adaptações adequadas para melhor usufruto dos espaços.

Paradoxalmente, elemento das *empenas cegas*, que foi o elemento menos valorado, se relaciona diretamente com as mais relevantes características da *planta livre* e sua disposição, que é o elemento mais valorado:

Morador antigo C sobre a planta livre: "*Configuração perfeita. Ampla, espaçosa. arejada, iluminada, com boa proteção acústica, já que não há paredes entre as unidades*".;

Morador antigo B sobre a planta livre: "*Não entendo o que é planta livre, mas pela imagem vejo que são quatro pétalas ligadas a um eixo central, algo para mim belo e fora do padrão predominante dos prédios residenciais do Plano Piloto*".;

Morador antigo C sobre a projeção quadrada: "*Projeção ideal: não há vizinhos de parede e os apartamentos são totalmente vazados, com boa ventilação e iluminação*".

Ao mesmo tempo que para os especialistas pareceu ser mais fácil falar e valorar as *empenas cegas*, certamente pelo conhecimento técnico-arquitetônico acerca da solução projetual e de suas implicações na planta dos prédios da SQN 107, bem como pela perspectiva artístico-histórica de sua expressão na arquitetura moderna brasileira e, principalmente, ampla representatividade no Plano Piloto de Brasília, a valoração quantitativa desse atributo não pareceu ser compatível com a percepção desses grupos sociais sobre ele.

Além das considerações sobre a funcionalidade dessa estratégia, outras observações foram feitas no tocante à forte relação das *empenas cegas* com o uso do material construtivo e da perspectiva proporcionada pela solução projetual:

Vizinho antigo A sobre as empenas cegas: "*As empenas cegas dos prédios do CSM são um convite àqueles que buscam um mergulho em outra dimensão no olhar ao "céu de Brasília" da janela do "brutalismo!"*;

Morador antigo sobre as empenas cegas: "*Não entendo o termo "Empenas cegas", mas aprecio a vista apresentada, em que as estruturas paralelas têm o céu como teto."*

Especialista F (arquitetura e urbanismo) sobre as empenas cegas: "*As empenas cegas são voltadas para outras empenas cegas, o que garante privacidade entre as unidades habitacionais sem gerar pontos cegos para o entorno, o que favorece a segurança da quadra."*

É interessante observar, portanto, que o aporte subjetivo subtraído do discurso dos atores sociais, orienta a compreensão das *empenas cegas* para além dos dados quantitativos gerados através da atribuição direta de valores ao elemento. Por mais que a atribuição de valor deva ser realizada separadamente, como forma de entender como eles que conferem significado ao bem, os diferentes elementos fazem parte de um conjunto indissociável: estando também os seus significados atrelados e alicerçados em atributos que, a princípio, podem não parecer relevantes para a *significância cultural* do conjunto, mas que podem ser severamente afetados se olhados com rapidez e demasiada objetividade.

No tocante às *janelas de giro*, na terceira colocação de elemento menos valorado, além de considerações a respeito da boa solução estética e entrada de luz e circulação de ar *versus* privacidade, os dados qualitativos coletados dão luz à razão da pouca valoração atribuída a esse componente da obra, basicamente em razão do material escolhido e seus problemas de manutenção, e podem revelar uma ameaça em potencial à sua conservação:

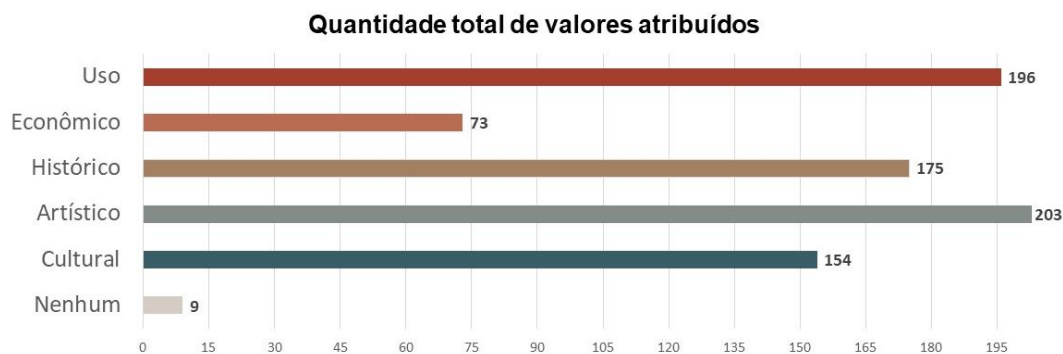
Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo) sobre as janelas de giro: "*Muito interessante, infelizmente escolhido material errado deveria ter sido feitas em alumínio*";

Morador antigo C sobre as janelas de giro: "*Deram problemas de infiltração, mas na reforma da fachada feita no bloco F há dez anos, foram resolvidos. Há necessidade de manutenção permanente das ferragens (como aliás, em qualquer edifício). A cidade carece de profissionais competentes para a tarefa."*

Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo) sobre as janelas máximo-ar:  
"Uma proposta infeliz, construídas em aço sem proteção anticorrosiva evidencia problemas de manutenção."

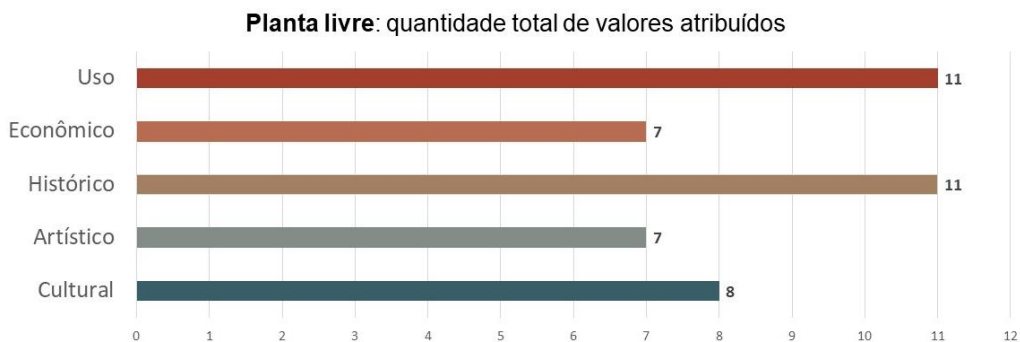
O Gráfico 12 sintetiza a quantidade de vezes que cada valor foi assinalado na *ficha 2*, de modo que podemos observar que: o valor artístico foi o mais atribuído, somando 203 pontos; em seguida o valor de uso, que foi atribuído 196 vezes; o valor histórico foi o terceiro colocado, somando 175 pontos; o valor cultural o segundo menos atribuído, sendo assinalado 154 vezes; e o valor econômico somando 73 pontos, com 130 pontos a menos que o valor mais atribuído. A opção de "nenhum valor" foi marcada 9 vezes, nos seguintes atributos: vasta arborização (2), brises-soleil (1), empenas cegas (1), porta dos corredores (2), uso habitacional (1), contexto de concepção (1) e autoria e raridade do conjunto (1).

**Gráfico 12** – *Ranqing* dos valores: soma do número de vezes que cada valor foi atribuído



Fonte: Elaboração própria, 2021.

**Gráfico 13** - Planta livre: 1º colocado no *ranking* de atributos mais valorados e os valores a ela atribuídos



Fonte: Elaboração própria, 2021.

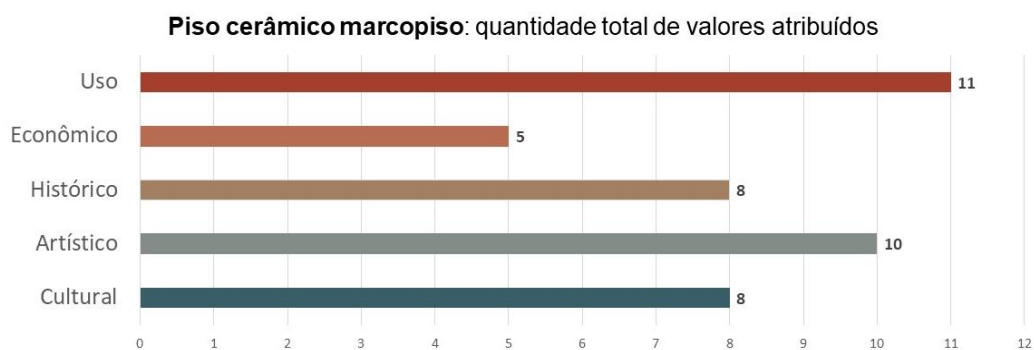
Analisando a valoração dos elementos com mais pontuação no *ranking*, em comparação com a valoração total dos elementos, é possível observar a forte presença do *valor de uso* em todos os atributos mais valorados pelos atores sociais. A planta livre talvez represente uma grande síntese da intenção de projeto de Mayumi para o Conjunto São Miguel, que tinha como um de seus princípios norteadores o atendimento às necessidades da população de forma democrática. A intenção de proporcionar uma planta livre e adaptável às famílias de diferentes perfis que viessem a residir no conjunto, indica um preceito de racionalização orientador do projeto como um todo: a utilização de uma técnica e de um sistema construtivo que possibilitassem essa solução de planta e que se desdobram em outras soluções funcionais na edificação, como os brises-soleil, pilotis, separação das paredes dos apartamentos e outros elementos que são "*partes de um todo uníssono!*" (Vizinho antigo A)

A percepção de obra de arte total ou *Gesamtkunstwerk*, mencionada anteriormente nesse trabalho, pôde ser observada na fala de muitos dos respondentes ao se referirem a diferentes atributos do conjunto, e não apenas por parte dos especialistas, a exemplo da própria fala do Vizinho A sobre os acabamentos e cores, citada no parágrafo acima. Pode-se compreender que isso se reflete também no próprio *ranking* dos elementos, que tem como segundo mais valorado o piso cerâmico marcopiso, com apenas 1 ponto de diferença dos painéis de azulejos de Athos Bulcão, que tem um evidente reconhecimento local e nacional.

Vizinho antigo A sobre o piso cerâmico marcopiso: "*Um conjunto é formado por partes que integram o todo! A essência traduz harmonia!*"

Morador novo A sobre o piso cerâmico marcopiso: "*O contraste de estar nesse ambiente com piso escuro, abrir a porta e ver a luz de fora invadir os olhos, é uma criação arquitetônica genial.*"

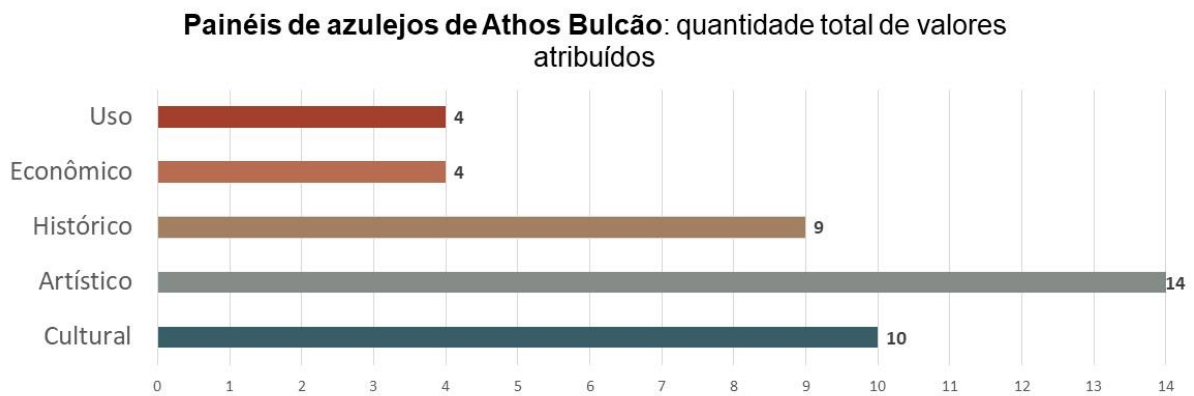
**Gráfico 14** – Piso cerâmico marcopiso: 2º colocado no *ranking* de atributos mais valorados e os valores a ela atribuídos



Fonte: Elaboração própria, 2021.

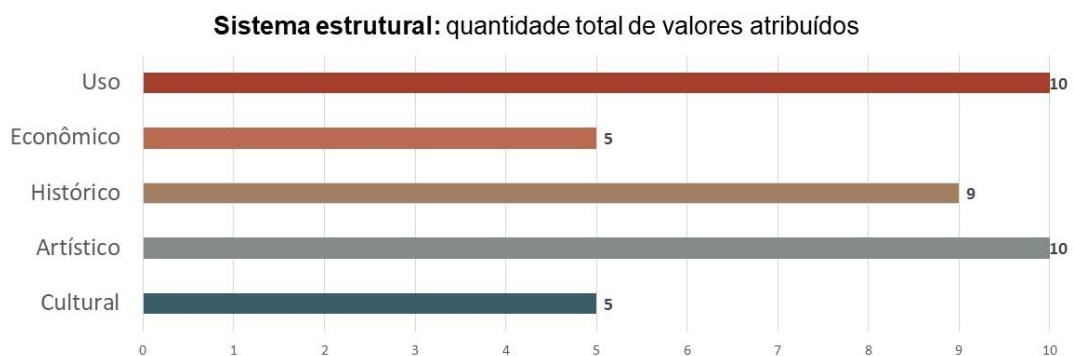
Curiosamente, os *painéis de azulejos de Athos Bulcão* entraram para o grupo dos cinco primeiros colocado com as últimas três respostas do questionário. Foi o único elemento, junto com *acabamento e cores*, que recebeu 14 pontos de *valor artístico* e o único do cinco primeiros mais valorados que teve tão baixa atribuição de *valor de uso*, quando comparado com os demais de similar pontuação de valoração. Seu forte caráter artístico o caráter de "tesouro de valor inestimável que necessita ser preservado", de acordo com o morador antigo B.

**Gráfico 15** – Painéis de azulejos de Athos Bulcão: 3º colocado no ranking de atributos mais valorados e os valores a ela atribuídos



Fonte: Elaboração própria, 2021.

**Gráfico 16** – Sistema estrutural: 3º colocado no ranking de atributos mais valorados e os valores a ela atribuídos



Fonte: Elaboração própria, 2021.

O sistema estrutural, em 5ª colocação no *ranking*, é um atributo que a princípio poderia ser de difícil valoração por parte dos leigos, tendo em vista o seu caráter técnico e muitas vezes pouco expressivo. No entanto, este que é o atributo facilitador da existência do atributo mais valorado do *ranking*, e sua expressividade no conjunto da obra tornou-o de fácil percepção e, de fato, valoroso à comunidade envolvida com as edificações.

O reconhecimento e a alta atribuição de valores ao *sistema estrutural* denotam a forte ligação dos atores sociais com o *valor de uso* e a percepção deles acerca da integralidade do conjunto, ou seja, à assimilação desse como obra de arte e, por isso, de alto *valor artístico*.

De acordo com Lacerda (2012), o *valor econômico* de um bem está sempre relacionado à sua utilidade. A autora afirma que o potencial econômico de um bem imóvel está diretamente relacionado ao seu potencial de abrigar atividades - sejam elas de cunho comercial, habitacional, cultural, comercial, dentre outras -, apontando a inerente relação entre o *valor de uso* e o seu caráter direto e indireto enquanto fonte de crescimento econômico.

No tocante a relação do *valor econômico* com o *valor artístico*, é importante observar uma proporção inversa na percepção popular. No contexto brasileiro, isso pode estar relacionado com a intervenção estatal na propriedade privada que, quando reconhecida como patrimônio cultural e tombada, passa a ter algumas restrições à ação do proprietário visando a preservação do significado coletivo contido no bem. As implicações desse processo acabam, muitas vezes, acarretando ao proprietário uma "perda de valor econômico", de quem será exigida a manutenção dos seus atributos e que não poderá modificar "livremente" a sua estrutura, diminuindo, com isso, o seu valor como "moeda de troca" para diferentes perfis de compradores que passam a ver o imóvel a partir de suas limitações.

No entanto, adaptando o exemplo de Cipriano (2017), vejamos o caso da Catedral de Brasília. Assim como a maioria dos templos religiosos, essa é uma construção de livre acesso, onde são realizadas missas e grandes eventos relacionados principalmente à Arquidiocese de Brasília. Há dois pontos superficiais e facilmente perceptíveis sobre a influência desse bem na economia: 1. A atração de turistas que visitam o local - que não cobra qualquer taxa de visitação - move *indiretamente* a economia através do turismo, atraindo pessoas que utilizam meios de transporte, compram flores, água ou outros itens dos comerciantes que ficam nas proximidades da Igreja. Os turistas também precisaram de um local para se hospedar e se alimentar, dentre outros serviços e produtos que consumirão durante a estadia; e 2. para realizar um casamento na Catedral de Brasília, há um valor estipulado pela Arquidiocese que não é atrativo a famílias de classes mais baixas da população. Ainda assim, se fosse realizada uma consulta aos grupos



sociais envolvidos com a Catedral de Brasília, será que aos vitrais, por exemplo, seria atribuído *valor econômico*?

A parte das problemáticas envolvidas com o tombamento e a conservação dos bens, o fato é que os *valores artísticos, culturais e históricos* têm uma grande influência no *valor econômico* e no *valor de uso*. Porque ao bem agregam importância, e a importância é, para o mercado, financeiramente valiosa. Morar em um apartamento do Conjunto São Miguel é um "privilegio para poucos" (especialista G), não apenas pela quantidade limitada de apartamentos, mas porque ao valor monetário de adquirir ou alugar um imóvel, estão agregados também o seu *valor de uso* e qualidade arquitetônica contida nas soluções espaciais, estruturais, acabamentos e relação com entorno, por exemplo, de expressivo significado *artístico*.

A baixa atribuição do *valor econômico* aos atributos pode ser resultado de uma dificuldade de associá-lo a um componente do bem separadamente, uma vez que conceito de obra de arte leva a compreensão do bem como um *inteiro*, em vez de uma *unidade* composta por partes, conforme percepção de Cesare Brandi (2019, p.42)

Se a obra de arte for composta de partes que são, cada uma delas em si, uma obra de arte, na verdade devemos concluir que ou aquelas partes, singularmente, não são tão autônomas como se gostaria, (...) ou que, no contexto em que aparecem, perdem o valor individual para serem reabsorvidas na obra que as contém.

O autor conclui afirmando que, de fato, "a obra de arte goza, com efeito, de uma singularíssima unidade pela qual não pode ser considerada como composta por partes. (...) não constando em partes, ainda que fisicamente fracionada, deverá continuar a subsistir *potencialmente* como um *todo* em cada um de seus fragmentos" (BRANDI, 2019, p. 46), que sustenta o debate sobre a interrelação entre os atributos e valores a partir da perspectiva da unidade figurativa da obra de arte.

Uma compreensão substancial sobre a *significância cultural* exige o conhecimento acerca das condições de *integridade* e de *autenticidade* do bem, uma vez que essas condições interferem diretamente no *valores patrimoniais*. Buscando avaliá-las, partiremos para a análise dos dados coletados com os especialistas sobre a *integridade* e *autenticidade* do conjunto.

### 3.2.4 INTEGRIDADE E AUTENTICIDADE: exploração do material e tratamento de dados

Assim como proposto pela ferramenta, a avaliação do grau de integridade e autenticidade é feita exclusivamente pelos especialistas. Sobre o assunto, Lira (2020, p.18) dispõe:

A avaliação das condições de integridade e autenticidade demanda um conhecimento mais sistematizado sobre a história do bem e suas transformações no tempo. Além disso, são noções com teores técnico e filosófico complexos. Por essas razões, integridade e autenticidade devem ser julgadas apenas pelos especialistas, a quem competirá também definir as ações de conservação a partir dos resultados desse processo.

A *ficha 3* aplicada nessa etapa da pesquisa foi organizada com uma estrutura um pouco diferente do proposto pelo método e aplicada por Dutra (2018), em que os elementos foram apresentados separadamente para avaliação dos especialistas, enquanto nesta pesquisa optou-se por agrupá-los de acordo com grupos iniciais de *externo & entorno, desdobramentos internos & áreas comuns e histórias & conexões*. O motivo dessa separação em conjuntos se deu, a princípio, por uma necessidade de adaptar a ferramenta para um bem arquitetônico, cuja leitura da obra resultou em uma quantidade maior de elementos que a do bairro São José, local de aplicação de Dutra (2018), e apresentá-los individualmente poderia tornar a ficha de consulta muito extensa e pouco viável à aplicação.

Em segundo lugar, observou-se ainda uma dificuldade dos respondentes em fazer a avaliação de integridade e autenticidade, o que pode ter acontecido em razão do já conhecido desafio de domínio sobre definições dada à proximidade dos conceitos e, ainda, a estrutura da ficha como apresentada na proposta pode não ter sido metodologicamente favorável para essa leitura. A apresentação dos elementos isoladamente pode ter causado uma fragmentação na percepção dos atributos, considerando o conceito de obra de arte e a noção de interdependência de seus elementos, uma vez podem direcionar a avaliação da integridade e autenticidade para uma direção materialista de partes fora de contexto.

Pensou-se, então, na estratégia de agrupamento como uma forma de facilitar a leitura do bem e de seus atributos, partindo do princípio de que junto com outros elementos correlatos, poderia ser mais fácil analisar sua *forma e desenho, materiais e substância, uso e função, tradições e técnicas, localização e espaço, espírito e sentimento, e outros fatores internos e externos*, com uma visão integrada da obra.

Diante disso, solicitou-se aos especialistas que indicassem se os grupos de elementos *não mudaram e expressam perfeitamente os valores patrimoniais*, *mudaram e expressam parcialmente os valores patrimoniais*, *não expressam mais os valores patrimoniais*, dando a possibilidade também de assinalar *não conheço o bem/não tenho propriedade para avaliar*. Em seguida, solicitou-se que, em caso de algum grau de perda na autenticidade/integridade, o especialista registasse o que, em sua opinião, estaria ameaçando ou quais atributos poderiam estar comprometendo a autenticidade e a integridade do bem e seus valores patrimoniais.

**Figura 40** - Ficha 3: Integridade e autenticidade. Consulta aos especialistas para avaliação da significância cultural, coleta de dados quantitativos e qualitativos.

Considerando "histórias & conexões" os elementos abaixo, sobre os seus atributos, responda e justifique:

Elementos:

NATUREZA DO PROJETO  
CONTEXTO DE CONCEPÇÃO  
AUTORIA E RARIDADE DO CONJUNTO

Considerando INTEGRIDADE a condição funcional e histórica do bem e sua capacidade de transmitir seu significado por meio de esforços de comunicação e por meio de sua realidade física. Refere-se à inteireza e intacticidade: ao estado do bem em relação às ameaças à sua existência, e quaisquer riscos no ambiente em torno da propriedade, com base na definição da Unesco (2019) e nas considerações de Stovel (2007). Como você classificaria a INTEGRIDADE dos atributos que compõe as "histórias & conexões"? \*

Não mudaram, expressam perfeitamente os valores patrimoniais.

Mudaram, expressam parcialmente os valores patrimoniais.

Não expressam mais os valores patrimoniais.

Não conheço o atributo/ não tenho propriedade.

Se você entende que houve perda parcial ou total da INTEGRIDADE dos atributos das "histórias & conexões", em qual dos atributos observa que isso está acontecendo?

Sua resposta \_\_\_\_\_

Considerando AUTENTICIDADE a capacidade de atributos específicos - materiais e imateriais - de expressar claramente a natureza dos valores reconhecidos, conforme Jokilehto (2006) e Silva e Zancheti (2012), como você classificaria a AUTENTICIDADE dos atributos que compõe as "histórias & conexões"? \*

Não mudaram, expressam perfeitamente os valores patrimoniais.

Mudaram, expressam parcialmente os valores patrimoniais.

Não expressam mais os valores patrimoniais.

Não conheço o atributo/ não tenho propriedade.

Se você entende que houve perda parcial ou total da AUTENTICIDADE dos atributos das "histórias & conexões", em qual dos atributos observa que isso está acontecendo?

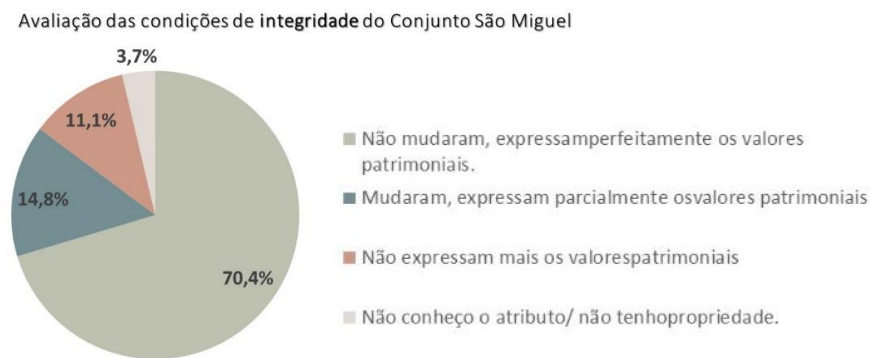
Sua resposta \_\_\_\_\_

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Assim, como os dados gerados pelas consultas acerca da *significância cultural* do bem, aqui podem ser feitos diferentes tipos de análises e recortes. Nesse texto a análise será feita a partir dos gráficos gerados, cruzando as informações sobre integridade e autenticidade com a análise anteriormente realizada sobre a significância cultural, assim como com dos dados qualitativos gerados com a aplicação da *ficha 1*.

Em uma análise a partir da média de avaliação da integridade dos três grupos de elementos apresentados, observamos que a maior parte dos especialistas compreende a obra como íntegra e capaz de expressar perfeitamente os valores patrimoniais. Enquanto 12,5% consideram os valores foram parcialmente perdidos; 12,5% compreendem que estes não expressam mais os valores patrimoniais; e 4,17% alegou não conhecer o atributo ou não estar apto a responder.

**Gráfico 17 - Integridade** da Unidade de vizinhança são miguel: média das três categorias de elementos.



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Fazendo essa leitura a partir dos grupos de elementos, percebemos que *histórias & conexões*<sup>16</sup> foram os atributos avaliados com maior grau de integridade, enquanto os *desdobramentos internos & áreas comuns*<sup>17</sup> o maior divisor de opiniões. Sobre a integridade dos atributos dos *desdobramentos internos & áreas comuns*, foram alegadas como ameaça a integralidade as seguintes questões:

<sup>16</sup> Atributos de *histórias & conexões*: natureza do projeto, contexto de concepção, e autoria e raridade do conjunto.

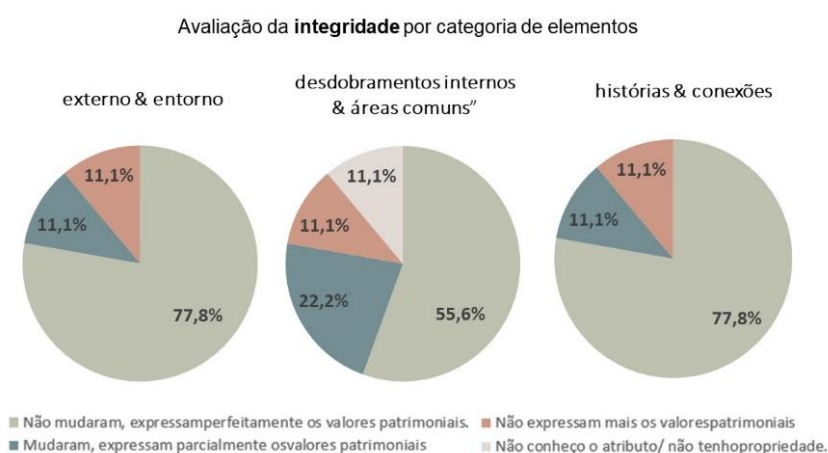
<sup>17</sup> Atributos de *desdobramentos internos & áreas comuns*: painéis de azulejos de Athos Bulcão, piso cerâmico Marcopiso, planta livre, janela máximo-ar, janelas de giro, porta dos corredores, portas das entradas dos apartamentos, escadas, outros acabamentos e cores e uso habitacional

Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): "Na totalidade"

Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): "Criação de marquise na entrada dos blocos"

Especialista D (arquitetura e urbanismo): "Grande parte das áreas internas são privadas e geridas por diferentes usuários de acordo com seus critérios pessoais. É provável que parte das unidades tenham sido alteradas de forma que perderam parte da sua materialidade o que prejudica a integridade."

Gráfico 18 – Avaliação da integridade da Unidade de vizinhança São Miguel por categoria de elementos



Fonte: Elaboração própria, 2021.

As portarias foram adicionadas antes à consulta aos atores sociais, que na primeira rodada de perguntas já descartaram o elemento construtivo. Estas foram construídas sem uma linguagem harmônica entre os três blocos, com cores, avanços, acabamentos, iluminação, dentre outros elementos que diferem entre os si e interferem diretamente na obra, causando uma interferência na comunicação dos valores patrimoniais e também na autenticidade do conjunto, como bem colocado pelo especialista, que também se referiu às portarias quando requerido que apontasse as ameaças à integridade do *externo & entorno*.

Especialista D (arquitetura e urbanismo): "A inserção das portarias, em especial a que extrapola o limite da projeção quadrada por meio da inserção de uma marquise em balanço para a marcação do acesso, altera a leitura da edificação e, portanto, sua autenticidade. A integridade pode ter sido também atingida em razão do uso de revestimento sobre a empena em concreto armado aparente degradação da superfície

*original (reversibilidade). Desta maneira, a ação pode causar danos tanto a integridade quanto à autenticidade do bem."*

**Figura 41** - Bloco G, fachada Leste.



Fonte: Acervo Oscar Luís Ferreira.

Ainda relacionado à última fala do especialista citada a cima, as intervenções no concreto também são visualmente duvidosas. É apropriado dizer que para a manutenção da integridade e do valor de uso, intervenções na materialidade - principalmente quando no âmbito estrutural - por vezes são inevitáveis, no entanto, as decisões tomadas e técnicas usadas devem ser determinadas com rigoroso respaldo técnico de especialistas da conservação.

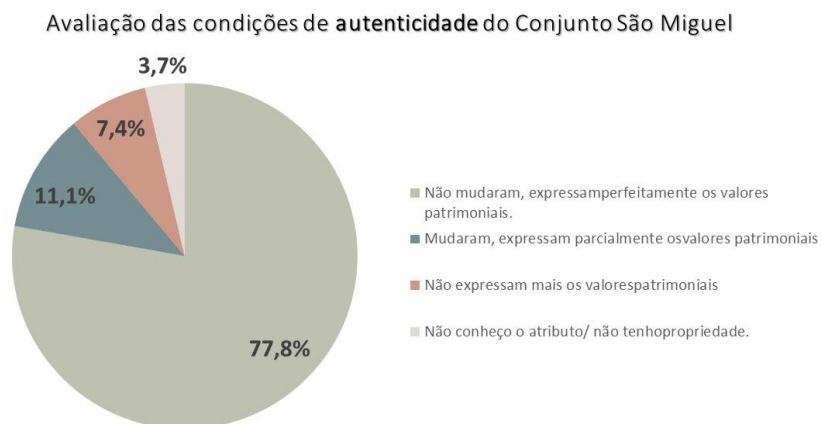
Adicionadas à essas análises, podemos, a partir da fala dos demais atores sociais, constatar que a dificuldade de manutenção das janelas, em conjunto com as aparentes falhas técnicas apresentadas pelas estruturas dessas esquadrias, tem sido também uma ameaça à integridade do conjunto. Acreditamos ainda, que essa problemática já possa ter sido causa de perda parcial da *autenticidade* nas fachadas das cozinhas e áreas de serviço, onde inúmeras janelas já foram substituídas de forma arbitrária (*Figura 42*). As janelas basculantes que compõem essas fachadas foram também colocadas para validação na consulta aos especialistas e não foram julgadas como elementos passíveis de valoração.

**Figura 42** - Bloco G, fachada leste. Em evidência, a inserção de condensadoras na fachada, diferença na translucidez dos vidros e remoção/substituição das esquadrias das áreas de serviço e cozinha.



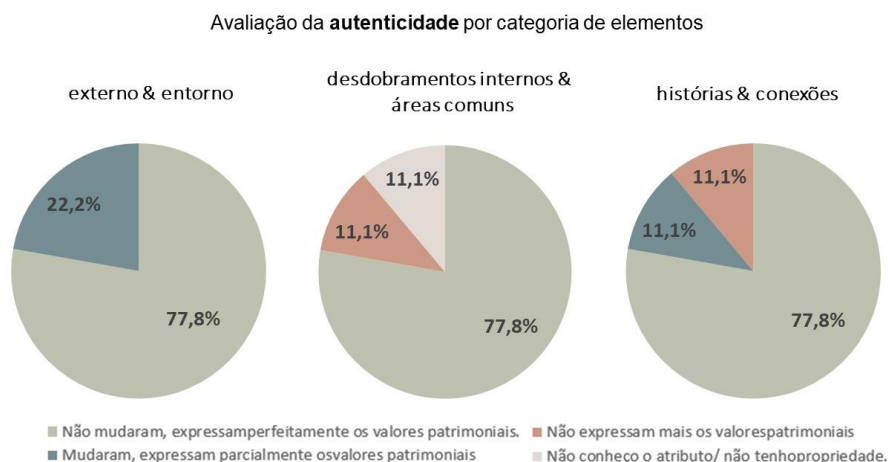
Fonte: Acervo Oscar Luís Ferreira.

**Gráfico 19 – Autenticidade** da Unidade de vizinhança são miguel: média das três categorias de elementos.



Fonte: Elaboração própria, 2021.

**Gráfico 20** – Avaliação da **autenticidade** da Unidade de vizinhança São Miguel por categoria



Fonte: Elaboração própria, 2021.

De acordo com 77,8% dos especialistas, o Conjunto São Miguel é considerado **autêntico**; para 11,1% houve perda parcial da autenticidade e para outros 7,4%, perda total da autenticidade, enquanto 3,7% dos especialistas alegaram não conhecer ou não ter propriedade para avaliar. Em todos os conjuntos de atributo o bem foi majoritariamente considerado **autêntico**, diferente do observado na avaliação **integridade**, onde o bem como um todo foi majoritariamente considerado **íntegro**, mas os *desdobramentos internos & áreas comuns* pode ser considerado como parcialmente íntegro, uma vez que apenas 5 dos 9 especialistas o consideraram completamente íntegro.

Entre os atributos que podem estar comprometendo parcialmente a **integridade** do bem são os painéis azulejares de Athos Bulcão. Ao mesmo tempo que comentários conferem a eles um "tesouro de valor inestimável que necessita ser preservado" (morador antigo B), observações de alguns atores sociais dão indícios de ameaças iminentes a esse elemento da edificação:

Especialista B (engenheiro e ambientalista/morador antigo): "*Obra de arte mal cuidada, abandonada a própria sorte.*"

Morador antigo C: Maravilhosos. "*O GDF deveria propiciar facilidades aos moradores para a manutenção dos painéis.*"



Durante visita ao conjunto, foi possível observar o destacamento de diversos azulejos, peças fissuradas e faltantes, além dos painéis já terem sido removidos no subsolo do bloco F. A falta ou dificuldade de manutenção do piso cerâmico marcopiso também foi uma observação feita pelos atores sociais e, se negligenciada, pode acarretar uma ameaça à integridade da edificação e, conseqüentemente, perda de significância cultural.

Nas fachadas também é possível observar variações na transparência dos vidros das janelas máximo-ar (*Figura 42*). Visualmente acarretam uma perda parcial da autenticidade do conjunto principalmente no tocante à sua *forma e desenho*, uma vez que interferem na natureza dos valores. Enquanto a falta de manutenção e degradação desses elementos acarretam ameaça a integridade da obra, ameaçando sua existência e capacidade de transmitir os valores a ela atribuídos. Essas duas realidades podem, até mesmo, já terem provocado perda de valor, uma vez que têm causado transtornos aos residentes e, ainda, quando da aplicação do método delphi, não foram prontamente validadas, mesmo sendo um importante elemento compositivo do conjunto.

Portanto, ainda que de maneira geral os atributos estejam **íntegros e autênticos**, a *significância cultural* do conjunto pode estar ameaçada pela dificuldade de manutenção e carência de uma gestão apropriada do bem, não apenas como edificação, mas como patrimônio cultural edificado. Na DSIA serão sugeridas algumas diretrizes para a preservação do Conjunto São Miguel, bem como uma síntese das avaliações de significância cultural, integridade e autenticidade da obra.

### 3.3 Declaração de Significância, Integridade e Autenticidade da Unidade de Vizinhança São Miguel

A Unidade de Vizinhança São Miguel é localizada na Superquadra Norte 107 do Plano Piloto de Brasília, e dela fazem parte os blocos F, G e I, projetados pela arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima e construídos em 1965. As edificações compõem o patrimônio remanescente do que seria uma unidade de vizinhança para as superquadras 107, 108, 307 e 308 Norte, que originalmente pertenciam à Fundação Universidade de Brasília - FUB. O projeto interdisciplinar foi concebido pelos arquitetos instrutores da primeira turma de mestrado da Universidade de Brasília - UnB, que participou do acordo firmado com a Novacap e Ministério das Relações Exteriores para viabilizar a transferência do ministério para a nova capital federal. Por interferência do governo militar o projeto foi interrompido e por anos as unidades

habitacionais pertenceram à UnB. Atualmente, todas as unidades são de propriedade privada e de uso residencial, assim como proposto pelo projeto original.

O conjunto residencial está dentro da Área de Preservação 6 da ZP1A e inserido no perímetro de tombamento do Conjunto Urbanístico de Brasília. É um marco da ocupação da Asa Norte, à época praticamente inabitada, e herança de um importante período histórico, político, social e acadêmico, fruto da proposta pedagógica de Darcy Ribeiro para a UnB. A obra atrai visitantes com recorrência e seus arredores e pilotis são frequentemente cenários de fotos e filmagens.

Para a coleta de dados para elaboração desta Declaração de Significância Cultural, Integridade e Autenticidade (DSIA), os grupos sociais foram consultados para avaliar os seguintes atributos da obra, divididos em três categorias;

1. Externo & entorno: vasta arborização, projeção quadrada, brises-soleil, empenas cegas, concreto armado aparente, pilotis, sistema estrutural, mobiliário urbano e espaço livre público (9 atributos);
2. Desdobramentos internos & áreas comuns: painéis de azulejos de Athos Bulcão, piso cerâmico Marcopiso, planta livre, janela máximo-ar, janelas de giro, porta dos corredores, portas das entradas dos apartamentos, escadas, outros acabamentos e cores e uso habitacional (10 atributos); e
3. Histórias e conexões: natureza do projeto, contexto da concepção e autoria e raridade do conjunto (3 atributos).

A comunidade envolvida com o conjunto atribuiu a ele alto *valor artístico*, conferido em maior quantidade aos atributos *painéis de azulejos de Athos Bulcão, acabamentos e cores, janelas de giro, piso cerâmico marcopiso e escadas*. Sendo que apenas 5 dos elementos da edificação apresentados tiveram atribuição de *valor artístico* inferior a 60%. A compreensão do bem como "obra de arte", é recorrente na fala da comunidade, podendo ser compreendida em frases como: "traçado modernista com aspectos brutalistas únicos"; "as [portas de entrada dos apartamentos] originais são altas, largas e esteticamente de rara beleza"; "O agradável do edifício é a sua parcimônia de elementos, se comparado com alguns edifícios mais modernos, que misturam mármore, granitos, pastilhas, porcelanatos, grafiatos, etc."

A apreciação estética pela obra alcança intenções projetuais e características fundamentais do conjunto, como a vertente brutalista e influência do Neoplasticismo, mesmo por

parte dos leigos, refletidas na racionalidade do uso e acabamento dos elementos: "É deslumbrante. É cru, transmite a sensação de reunir o essencial."

O *valor de uso* foi o segundo valor mais atribuído à obra, sendo os elementos com maior número de atribuição o *sistema estrutural*, a *planta livre*, as *escadas* e o *uso habitacional*, além das *esquadrias* (janelas máximo-ar, porta dos corredores e de entrada dos apartamentos). O uso habitacional foi referido como "a alma da edificação", com "pé direito elevado, sala, quartos e demais aposentos, amplos, iluminados e confortáveis." O *sistema estrutural* e a *planta livre* também foram dois dos atributos com maior atribuição de valor

O terceiro valor mais atribuído ao conjunto foi o *valor histórico*, atribuído pelos atores sociais principalmente aos atributos imateriais da *natureza do projeto*, referente ao projeto multidisciplinar, com proposta de habitação igualitária para funcionários de diferentes níveis do Itamaraty e da UnB, mas que teve sua construção interrompida pelo Governo Militar; o *contexto de concepção*, fruto da proposta pedagógica de Darcy Ribeiro para a UnB e concebida dentro do contexto acadêmico-profissional do Ceplan, dirigido por Oscar Niemeyer, onde os alunos exerciam atividade profissional sob supervisão de João Filgueiras Lima (Lelé); e a *planta livre*, atributo material.

O *valor cultural* ficou logo em seguida, com pontuação muito próxima do *valor histórico*, sendo os *pilotis*, os *espaços livres públicos* e o *contexto de concepção* os atributos aos quais tal valor foi mais atribuído: "o contexto de cidade e da universidade era o da exploração formal e das possibilidades de construção em série. O tema era a tônica do momento, mas somente em Brasília, a cidade nova, era possível fazer tais proposições para toda a cidade."; e "[o espaço livre público é] uma característica das superquadras Sul e Norte que aqui, porém, é resguardada pelos elementos estruturais e de fachada. Além da bela composição de paisagismo, planos, transparências e texturas", "o espaço do pilotis é totalmente inusitado, quase cênico". Os atributos de mais expressivo *valor cultural* denotam um vínculo dos atores sociais com o urbanismo de Brasília, com a integração do conjunto com a superquadra, e com o *valor histórico* que subsidia também a significância cultural do bem. O que pode ser conferido nas falas dos respondentes sobre os atributos.

Por último, o valor econômico que, embora tenha se mostrado de difícil avaliação (por atributos) em razão da baixa atribuição, pode ser facilmente compreendido do ponto de vista monetário. É seguro atestar a direta relação entre valores de uso, valores artísticos e valor econômico, uma vez que morar em uma das unidades é um "privilegio para poucos".

No tocante a **integridade** do conjunto, 70,4% dos especialistas avaliaram o conjunto como **totalmente íntegro**, enquanto 14,8% avaliaram como "parcialmente íntegro" e 11,1% disseram "não expressarem mais os valores patrimoniais" (3,7% alegaram não ter conhecimento sobre os atributos/não ser capaz de responder). Sobre a **autenticidade** do Conjunto São Miguel, 77,8% dos especialistas também o avaliaram como **totalmente autêntico**: apenas 11,1,7% o considerou "parcialmente autêntico", outros 7,4% como não mais autêntico e 3,7% alegaram "não ter conhecimento sobre os atributos/não ser capaz de responder". Podendo-se, então, considerar que o conjunto é **totalmente autêntico** e expressa completamente seus valores patrimoniais por estar **completamente íntegro**.

No entanto, indícios maiores de ameaça aos atributos da categoria *desdobramentos internos & áreas comuns* devem nortear a tomada de decisão de modo a preservar os valores patrimoniais a ela atribuídos:

1. Os painéis de azulejos de Athos Bulcão carecem de *restauração* e prioridade de intervenção, uma vez que a perda/alteração destes configuraria uma grande perda de valor artístico, histórico e cultural da obra, causando perda parcial de *autenticidade* do conjunto;
2. O *piso cerâmico marcopiso* necessita de *manutenção* frequente. Reveste todos os pisos das áreas comuns, incluindo escadas. Danos a esse elemento construtivo impactam diretamente na *integridade* dos blocos da UV São Miguel;
3. As guaritas adicionadas aos blocos foram apontadas como responsáveis pela perda de *autenticidade* e *integridade* do conjunto. Visando preservar seu uso para as edificações, com o mínimo possível de perda da *significância cultural*, é necessária uma padronização das portarias, que devem respeitar a projeção quadrada da edificação, a permeabilidade visual exterior/interior e os *acabamentos* originais, que são importantes elementos na *significância cultural* do conjunto. Sendo assim, o *piso cerâmico marcopiso* e o *concreto armado aparente* deve ser preservados e as guaritas devem ser readaptadas respeitando a unidade do conjunto, e os princípios de intervenção mínima, distinguibilidade e alto grau de retrabalhabilidade.
4. As *portas dos corredores* tiveram alta atribuição de *valor de uso*, seguido dos *valores artísticos* e *históricos*. Nas falas dos atores sociais, são reconhecidas como parte da obra, esteticamente compatível com o processo construtivo e com os materiais do conjunto, permitindo a integridade visual do corredor e o isolamento acústico, quando fechadas.

"Não devem NUNCA ser retiradas", defende o morador antigo C. Precisam de recorrente manutenção, de modo a manter suas características e funcionalidade.

5. As *portas de entrada dos apartamentos* "originalmente eram cobertas por folhas de jacarandá... A altura confere um porte elegante, em perfeita harmonia com o conjunto"; "as originais são altas, largas e esteticamente de rara beleza." e "originalmente as mesmas usadas na UnB". As falas dos atores sociais conferem um vínculo as portas originais, por questões artísticas, históricas e de uso, além de indicarem uma perda parcial da sua originalidade, sugerindo que algumas podem ter sido modificadas ou substituídas. Sendo assim, devem ser feitas investigações acerca desse atributo, e em caso de alterações das portas originais, a *integridade* dos elementos deve ser reestabelecidas, buscando preservar a *autenticidade* da obra.

A categoria de *externo & entorno* adiciona também mais algumas diretrizes para a preservação do conjunto:

1. Para preservação da *autenticidade* e *integridade* do conjunto, deve ser priorizada a elaboração de projetos de adaptação de infraestrutura predial, no qual devem ser planejados locais e soluções adequadas para os equipamentos dos sistemas de refrigeração, de água e esgoto, bem como o lógico e o elétrico. As condensadoras dos ar-condicionados, principalmente, comprometem diretamente a *integridade* do conjunto, tanto na materialidade, como na expressão imaterial dos valores que a ele conferem *significância cultural*.
2. Deve-se observar as técnicas utilizadas para restauração do concreto armado aparente, principal elemento construtivo do conjunto, que tem grande peso na sua *autenticidade* e *integridade* e carrega grande parte de sua significância cultural. Intervenções no concreto devem ser reavaliadas e realizadas por profissionais capacitados da área de conservação e restauro do patrimônio construído em concreto.
3. As janelas de giro e de abertura máximo-ar devem ser *restauradas* e passarem por manutenção periódica. Para preservar a integridade dos atributos, deve-se estudar as opções de tratamento antiabrasivo disponíveis e ponderadas a viabilidade de aplicação das técnicas para escolha da melhor solução. A substituição das esquadrias deve ser a última opção e, em caso necessário, a única alteração justificável seria a substituição do aço original por um com tratamento anticorrosivo.

4. Estudos também devem ser realizados para entender o motivo de variação da translucidez dos vidros das janelas máximo-ar. Será justificável perda parcial da *autenticidade*, desde que as modificações favoreçam as necessidades de *uso*, comprometendo o mínimo possível os valores *estéticos* do conjunto, que inclui integração do interior com o exterior.
5. Deve-se dar especial atenção as fachadas e esquadrias das áreas de cozinha e serviço. Recomenda-se a substituição das esquadrias novas por esquadrias com o mesmo desenho proposto pelo projeto original, com substituição da materialidade original por aço anticorrosivo ou alumínio, com acabamentos e cores compatíveis às esquadrias originais. A substituição arbitrária das esquadrias gera perda grave da *autenticidade* e da *integridade* do bem, que perde valor artístico, o mais atribuído pelos atores sociais.
6. O espaço livre público, composto pelo entorno imediato, mobiliário urbano integrado e pilotis conferem importante *valor de uso, cultural e histórico* à edificação. Devem ser pensadas estratégias de proteção dos poços de ventilação do subsolo, que limitam o uso do espaço pelo perigo de acidentes; calçadas e acessos carecem de estudos e propostas para um usufruto melhor do espaço e acessibilidade, pois são amplamente usadas e apreciadas pelos atores sociais, e a vegetação do entorno merece atenção e manutenção periódica, uma vez que é um elemento que contribui para a utilização do espaço e compõe a ambiência do conjunto, é "um encontro de escalas residencial e bucólica que caracterizam a cidade."

A Unidade de Vizinhaça São Miguel foi validada pelos atores sociais como um patrimônio portador de "rara beleza" e de uma "criação arquitetônica genial", rico em *valores de uso, artísticos, culturais, históricos e econômicos*, expressos em seus atributos que permanecem *íntegros e autênticos*. No entanto, visando perpetuar a sua preservação, o bem necessita de intervenções imediatas de restauração e conservação para garantir a *integridade*, que está sendo ameaçadas pela falta de gestão adequada. Manutenções periódicas devem ser articuladas para preservação da obra, principalmente das esquadrias e revestimentos internos e externos. Para uma gestão mais efetiva da conservação do conjunto, recomenda-se que as modificações sejam feitas no regimento interno do condomínio para controle das intervenções controversas, de modo que não acarretem perda da *significância cultural* da obra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa orientou-se à percepção da arquitetura moderna segundo os valores que a ela conferem importância patrimonial, a partir do estudo da Unidade de Vizinhança São Miguel, conjunto residencial projetado por Mayumi Souza Lima, localizado na SQN 107 - Asa Norte do Plano Piloto de Brasília.

A aplicação do método da DSIA sugeriu um caminho de debate prévio cujas reflexões teórico-conceituais nortearam as etapas posteriores de consulta e análise da significância cultural, integridade e autenticidade do bem estudado. O debate sobre esses conceitos consistiu, inicialmente, em tomar ciência da gama de definições que tendem a se justapor e, seguindo de uma revisão bibliográfica sob a ótica do bem a ser analisado e suas especificidade, permitiu costurar e definir o arcabouço teórico que estruturou a aplicação prática do método.

No entanto, é importante observar que essa não é uma classificação imutável e, assim como Tabosa (2018) e Dutra (2018) usam outras definições e conjunto de valores, futuras aplicações exigirão novos debates teórico-conceituais e reflexões a partir de novas percepções, que são dinâmicas e também variáveis de acordo com o contexto.

Para a leitura da obra e a identificação dos elementos que expressam seus atributos patrimoniais, foi realizada uma análise do conjunto a partir da classificação de atributos proposta por Nara (1994), em paralelo com a construção de uma lista de verificação auxiliar, que tem por finalidade reduzir ao mínimo a possibilidade de não avaliação de integrantes do bem cultural para os quais valores são atribuídos. Essa etapa da pesquisa trouxe duas contribuições principais: a utilização e a adaptação da lista de verificação para os diferentes tipos de patrimônio e a busca por uma aplicação prática da proposta de Nara (1994), a qual, mesmo após 27 anos, ainda impõe desafios operacionais.

Uma possibilidade não explorada nesta pesquisa é a de, após a valoração dos elementos pelos atores sociais, a retomada à classificação de Nara (2014) para construção da significância do bem a partir da perspectiva da "forma e desenho, materiais e substância, uso e função, tradições e técnicas, localização e espaço, espírito e sentimento, e outros fatores internos e externos". Nesta dissertação não se achou um caminho outro se não, a partir dos atributos, identificar os elementos e a eles atribuir uma classificação de valores. Isso porque a divisão por elementos mostrou-se, de acordo com percepção nossa, mais palpável e de mais fácil compreensão para os atores sociais.

O capítulo sobre a obra, e toda a pesquisa que envolveu sua elaboração, se mostrou fundamental na construção de um conhecimento sistemático sobre a obra e seus atributos, informação central para o êxito da ferramenta utilizada.

Diante da pandemia da Covid-19 e as restrições impostas para a contenção da transmissão do vírus no Brasil, o acesso a fontes primárias de pesquisa e as visitas à obra foram limitadas. No entanto, em circunstâncias mais apropriadas para pesquisa e para a aplicação da ferramenta de construção da DSIA, recomenda-se buscar acesso a um maior acervo de fontes primárias, principalmente quando trabalhando com obras menos reconhecidas, uma vez que o entendimento sólido sobre o bem estudado é a base para uma eficaz análise dos dados coletados e consequente construção de uma DSIA consistente.

A ferramenta de construção da DSIA foi aplicada nessa pesquisa com base nas orientações de Lira (2020) e as aplicações a conjuntos urbanos realizadas por Dutra (2018) e Tabosa (2018). Tendo em vista que o método foi, a priori, desenvolvido com enfoque nesses bens, os atributos e elementos de um conjunto arquitetônico residencial levaram à seleção de diferentes tipos de valores culturais e a uma adaptação nas fichas de consulta, que se elaboradas da mesma forma do modelo anterior, ficariam demasiadamente extensas em razão da quantidade de elementos analisados – significativamente mais numerosos que nas aplicações em conjuntos urbanos realizadas por Dutra (2018) e Tabosa (2018).

Como explicado no corpo do texto, a adaptação das fichas de consulta se deveu também ao contexto da pandemia de Covid-19 e a necessidade de adaptá-la ao meio virtual. Desse modo, buscou-se fazer um formulário o mais conciso possível, através da supressão de uma das fichas propostas inicialmente pelo método e do agrupamento dos elementos componentes da edificação em três macrogrupos para a avaliação de integridade e autenticidade: "externo & entorno", "desdobramentos internos & áreas comuns" e "histórias & conexões".

A consulta foi realizada, então, através da aplicação de três fichas - 1) expressão livre sobre os elementos; 2) atribuição de valores aos elementos; e 3) avaliação de integridade e autenticidade), nas quais se propunha alcançar 8 tipos de grupo sociais: moradores antigos e novos, vizinhos antigos e novos, funcionários antigos e novos, frequentadores da quadra ou visitantes e especialistas. As ficha 1 foi formulada com o recurso imagético e nome do elemento, solicitando que o respondente elaborasse uma pequena frase sobre sua percepção acerca do elemento representado na imagem; a ficha 2, além do recurso imagético e do nome, foi adicionado um descritor, contendo informações mais detalhadas sobre o elemento, de modo que o ator social associasse a cada um deles os valores que achasse pertinentes; e, por fim, na ficha



3, os elementos foram agrupados nas três categorias de *externo & entorno, desdobramentos internos & áreas comuns* e *histórias & conexões* para avaliação das condições de integridade e autenticidade do bem.

A inversão das fichas de consulta, que conduziu os entrevistados a se expressarem livremente sobre os atributos, antes que houvesse algum contato com informações sobre valores ou outros termos mais técnicos que pudessem interferir no discurso dos respondentes, apresentou bons resultados. Foi possibilitada, assim, a coleta de uma gama de informações sobre os elementos e sua relação com os atores sociais, bem como sobre seus estados de conservação.

Frente aos desafios impostos pela pandemia, foi uma desafiadora tarefa alcançar os grupos sociais envolvidos sem a possibilidade de descolamento e consulta presencial, de modo que não obtivemos amostras advindas de funcionários antigos ou novos e vizinhos novos. Também por esse motivo, o número de especialistas foi superior ao número de representantes dos outros grupos sociais - sendo alguns dos especialistas também moradores e frequentadores do local - pelo maior acesso e prática desse grupo de participarem de pesquisas desta natureza. Tal fato não reduz, no entanto, a eficácia da ferramenta que, agora ciente desses obstáculos, pode ser associada a outras estratégias de aplicação que viabilizem a maior aderência da comunidade leiga, que quando envolvida com o bem, normalmente mostra-se disposta a contribuir.

No tocante à integridade e à autenticidade, observou-se uma avaliação mais consistente por parte dos especialistas, comparada com a aplicação anterior em Dutra (2018), uma vez que houve uma significativa redução no número de especialistas que "não conheciam ou bem/não estavam aptos a responder", gerando dados mais substanciais para análise.

Ainda relacionada à avaliação da integridade e da autenticidade, sua aplicação no âmbito profissional requer que pesquisas e prospecções arquitetônicas sejam realizadas *in loco* com equipe multidisciplinar, de modo que, quando confrontadas com a pesquisa e conhecimento prévio construído sobre a obra, seja possível compreender a raiz de possíveis danos e o grau de autenticidade em que o bem e seus elementos se encontram. Dentro de uma pesquisa de mestrado essa etapa é de difícil alcance, mas de importante execução na esfera prático-profissional.

Acreditamos que a aplicação da ferramenta possibilitou análises eficazes e eficazes sobre a *significância cultural* e as condições de *integridade* e *autenticidade* do conjunto, o que permitiu

a compilação de uma DSIA com diretrizes efetivas de intervenção e preservação do Conjunto São Miguel. Assim como proposto pelo método, diferentes análises podem ainda ser feitas a partir dos dados coletados e estes podem ser encontrados anexos à essa pesquisa para aprofundamento por parte da comunidade acadêmica, órgãos relacionados à preservação do patrimônio cultural ou a comunidade envolvida com o bem.

Além do objetivo de trabalhar a metodologia da DSIA em um conjunto arquitetônico moderno de interesse cultural, o trabalho também buscou resgatar e atestar a significância cultural de um exemplar do legado feminino na produção arquitetônica nacional. Com isso, não queremos conferir uma 'singularidade' por ser um patrimônio arquitetônico projetado por uma mulher, mas ao contrário, dar luz à uma produção a uma produção ameaçada pelo desconhecimento

A DSIA é também uma importante ferramenta de conscientização e de envolvimento dos atores sociais com o bem, ajudando a criar um laço afetivo e de tomada de consciência que são determinantes na preservação do patrimônio. Desse modo, espera-se que esse trabalho traga aportes relevantes para a difusão e o amadurecimento da ferramenta, aproximando a teoria da prática profissional na preservação do patrimônio moderno. Além de auxiliar no resgate e na preservação da obra de Mayumi e de outras de nossas arquitetas que são importante herança cultural, artística e intelectual, mas que seguem ameaçadas pela falta de reconhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN, John. Points of Balance: patterns of practice in the conservation of modern architecture. **Journal of architectural conservation**, v. 13, n. 2, p. 13-46, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, Petrópolis: Vozes, 2008. p. 64-89.

BAUER, Martin; GASKELL, George; ALBUM, Nicholas C. Introdução. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, Petrópolis: Vozes, 2015. p. 64-89.

DE LA TORRE, Marta (Org.). **Assessing the values of Cultural Heritage**. Research report. The Getty Conservation Institute, 2002.

AZEVÊDO, Gabriela; PONTUAL, Virginia; ZANCHETI, Silvio. Declaração de Significância: Um Instrumento de Salvaguarda do Patrimônio Arquitetônico. **XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado**. São Paulo, 2014.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Jorge Zahar Editor, 1997.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Editora Perspectiva, 4 ed, 2002.

BUITONI, Cássia Schroeder. **Mayumi Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para educação**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CASTANHEIRA, Ricardo Manuel Ramos. **Gesamtkunstwerk**. A utopia de Wagner. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2013.

CAVALCANTE, Neusa. **Ceplan: 50 anos em 5 tempos**. Brasília: Universidade de Brasília, ago. 2015.

COSTA, Lucio. **Lucio Costa: registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995a.

COSTA, Maria Elisa. Brasília 57 – 85, Do plano-piloto ao “Plano Piloto”. In: **Lucio Costa? Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995b. p. 325 – 327.

CUNHA, Claudia dos Reis e. Alois Riegl e o culto moderno dos monumentos. **Resenhas Online**, São Paulo, ano 05, n. 054.02, Vitruvius, jun. 2006. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/05.054/3138>>.

CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. **Fundo MSL - Mayumi Souza Lima**. Memória. Fundação Perseu Abramo – PT. Disponível em < <https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/mayumi-de-souza-lima>> acessado em: 12 fev. 2021.

DIAS, José Luciano de Mattos. Cinquenta anos em cinco. In: **Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (Brasil)**. O BNDES e o plano de metas. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 1996. p. 49-[80]

DUTRA, Isabela Duarte. **(Re)significando São José: a construção da declaração de significância cultural, integridade e autenticidade – dsia**. Trabalho de conclusão de curso. Orientado por Flaviana Barreto Lira. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

DUSHKINA, Natalia. Authenticity: Towards the Ecology of Culture. In: **Proceedings of the Nara Conference on Authenticity in relation to the World Heritage Convention**. Proceedings. UNESCO WH Centre – Agency for Cultural Affairs (Japan) – ICCROM – ICOMOS, 1995.

ELGAR, Frank. **Mondrian**. Editorial Verbo, Cacém, 1973

FERREIRA, Marcílio Mendes; GOROVITZ, Matheus. A invenção da superquadra. **Brasília: Iphan**, 2009.

FERRAGUT, Bárbara; PONTES, Maria E.. Significância cultural e a valoração do sítio histórico de Olinda. Arquitetura e Urbanismo no Brasil atual: crises, impasses e desafios. In: **Anais do V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**. Salvador: FAUUFBA, 13 out. 2018

FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene. **Arquitetura moderna brasileira**. Editora Projeto, 2008. 124p.

FRANÇA, Dionísio Alves de. **Catologação da Arquitetura e Urbanismo de Brasília: blocos residenciais de seis pavimentos em Brasília até 1969**. Ensaio Teórico. FAU-UnB, Brasília, 2001.

FUENTES, Maribel Aliaga. **Mayume e Sérgio Souza Lima: os blocos residências da Vila São Miguel**. In: *X SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL ARQUITETURA MODERNA E INTERNACIONAL: conexões brutalistas 1955-75*, 2013, Curitiba. Anais do X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional: Conexões Brutalistas 1955-75. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2013, 2012.

FUENTES, Maribel Del Carmen Aliaga. **Os primeiros mestrados da FAU-UnB: de um passado que não se construiu**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

GALVIS, Alfonso. Leiva. **Paisagismo da área de vizinhança São Miguel - Brasília**. Brasília: Universidade de Brasília, mar. 1965.

GUERRA, Abilio; MARQUES, André. João Filgueiras Lima, ecologia e racionalização. **Arquitextos**, São Paulo, ano 16, n. 181.03, Vitruvius, jun. 2015. Disponível em <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.181/5592>>.

JOKILEHTO, Jukka. Considerations on authenticity and integrity in World Heritage context. In: **City & Times**, V. 2, N. 1, 2006

KERR, James Semple. **The conservation plan, 7<sup>th</sup> edition**. Sydney: National Trust of Australia, 2017.

KÜHL, Beatriz Mugayar. História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos. **Revista CPC**, [S. l.], n. 1, p. 16-40, 2006. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i1p16-40. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15579>. Acesso em: 6 ago. 2021.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Notas sobre a Carta de Veneza. **Anais do Museu Paulista: Conservação e Restauração**. São Paulo, v.18 n. 2, 287-320. Jul-dez, 2010. Acesso em: 6 ago. 2021.

KUPER, Adam. **A Reinvenção da Sociedade Primitiva: transformações de um mito**. Recife: UFPE, 2008.

LACERDA, Norma. Valores dos Bens Patrimoniais. In: LACERDA, Norma & ZANCHETTI, Sílvio (orgs.). **Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e métodos**. Olinda: CECI, 2012.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX**. São Paulo: Altamira Editorial, 2013

LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. **Aspectos da habitação urbana: projeto de habitação coletiva para a unidade de vizinhança São Miguel**. Brasília: Universidade de Brasília, mar. 1965.

LIRA, Flaviana Barreto. **Da natureza complexa dos bens culturais: a indissociabilidade entre significância cultural, integridade e autenticidade**. In Anais do V Encontro Internacional sobre patrimônio edificado - Arqimemória. Salvador: Departamento da Bahia do Instituto do Arquitetos do Brasil. 2017

LIRA, Flaviana Barreto. Desafios contemporâneos da significância cultural, integridade e autenticidade do patrimônio cultural: teoria e prática | Cultural significance, integrity and authenticity of cultural assets in the contemporary world: theory and practice. **Oculum Ensaios**, v. 17, p. 1, 15 maio 2020.

LIRA, Flaviana Barreto. **Patrimônio cultural e autenticidade: montagem de um sistema de indicadores para o monitoramento**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2009.

LIRA, Flaviana Barreto. **Patrimônio cultura e autenticidade: montagem de um sistema de indicadores para seu monitoramento**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

MCDONALD, Susan. 2003. **20th Century heritage: recognition, protection and practical challenges**. ICOMOS World Report 2002-2003 on monuments and sites in danger. (<http://www.international.icomos.org/risk/2002/20th2002.htm#>)

MENDES, Manuel. São Miguel ajuda a consolidar Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília/DF, 17 de fev. De 1965. Ed. 1453. 1º caderno, p. 9. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274\\_01&Pesq=%22S%c3%a3o%20Miguel%22&pagfis=17534](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_01&Pesq=%22S%c3%a3o%20Miguel%22&pagfis=17534)> Acesso em 10 dez. 2020.

MINAYO, Maria. Cecilia. S.; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cadernos de Saúde Pública, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MoMA. The Museum of Modern Art of New York. Arts and Artists. **Neo-plasticismo**. 2021. Acesso em 25 abril, 2021. Disponível em < <https://www.moma.org/collection/terms/neo-plasticism>>

MOREIRA, Fernando Diniz. Os desafios postos pela conservação da arquitetura moderna. **Revista CPC**, [S. l.], n. 11, p. 152-187, 2011. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i11p152-187. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15676>. Acesso em: 4 maio. 2021.

NASCIMENTO, Flávia Brito do. Preservando a arquitetura do século XX: o Iphan entre práticas e conceitos. **Cadernos do PROARQ (UFRJ)**, v. 19, p. 172-193, 2013.

RIBEIRO, Sandra Bernardes; REIS, Carlos Madson; PINTO, Francisco Ricardo Costa (Orgs.). **Superquadra de Brasília**: Preservando um lugar de viver. Brasília, Iphan, 2015.

REIS, Carlos Madson. Superquadras De Brasília: uma nova maneira de morar. RIBEIRO, Sandra Bernardes; REIS, Carlos Madson; PINTO, Francisco Ricardo Costa (Orgs.). **Superquadra de Brasília**. Preservando um lugar de viver. Brasília, Iphan, 2015.

RODRIGUES, Graziella. Uma infância livre na alvoradas da capital. **Agência Brasília**, 2015. Disponível em < <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/10/10/uma-infancia-livre-na-alvorada-da-capital/>>

RODRIGUES, Luiz. Augusto. Fernandes. **Universidade e a fantasia moderna: a falácia de um modelo espacial único**. Niterói, RJ: EdUFF, 2001.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. **Brasília, 1959**: a cidade em obras e o Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, n. 111.03, Vitruvius, ago. 2009 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.111/34>>.

SÁ, Flávia Carvalho de. **Profissão: arquiteta. Formação profissional, Mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero**. Dissertação de mestrado. – FAU USP. São Paulo, 2010. 196p.: il.

SERAPIONI, Mauro. **Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde**: algumas estratégias para a integração. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, p. 187-192, 2000.

SILVA, Paula. Maciel; ZANCHETI, Silvio Mendes. Integridade e autenticidade da arquitetura moderna: conceitos em discussão. In: **II Encontro da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, 2012, Natal. Teorias e Práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporânea. Natal: ANPARQ, 2012. v. 1. p. 1-13.

SOUZA, Herbert José de. **Análise de conjuntura**. Editora Vozes, 1984.

STOVEL, Herb. 2004. **Authenticity in conservation decision-making**: the World Heritage perspective. Journal of Research in Architecture and Planning, Conservation and Cultural Heritage, Volume 3. Karachi, 2004.

STOVEL, Herb. Effective Use of Authenticity and Integrity as World Heritage Qualifying Condition. **City and Time**, v. 2, n. 3, p. 123-145, 2007.

STOVEL, Herb. Origins and influence of the Nara document on authenticity. **Conversaciones con...**, n. 8, p. 12-30, 2019.

TABOSA, Maria. Laís. Maciel. **Um novo olhar para o reconhecimento dos bens industriais**: o caso da Fábrica do Peixe. Dissertação (mestrado)—Recife: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoría contemporánea de la restauración**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

VULCÃO, M. G. V. **A construção do discurso de criação do “Curso –Tronco” de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (1962-1963)**. Dissertação de mestrado—Brasília: Departamento de Arte. Universidade de Brasília, 2008.

WRIGHT, James T. Coulter; GIOVINAZZO, Renata Alves. **Delphi** – uma ferramenta de apoio ao planejamento prospectivo. Cadernos de Pesquisa em Administração, São Paulo, v. 01, n. 12, 2º trim./2000. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/iea/tematicas/futuro/projeto/delphi.pdf>. Acesso em 15 jan. 2008.

ZANCHETI, Silvio; DOURADO, Catarina; CAVALCANTI, Fábio; Lira, Flaviana; PICCOLO, Rosane. **Da autenticidade nas cartas patrimoniais ao reconhecimento de suas dimensões na cidade**. Textos para Discussão - Série 3 – Identificação do patrimônio cultural, CECI, Olinda, V.28, 2008. Disponível: . Acesso em: 12 fev. 2010

ZANCHETI, Silvio Mendes; HIDAKA, Lúcia. **A declaração de significância de exemplares da arquitetura moderna**. Olinda: CECI, 2014.

ZANCHETI, Silvio Mendes; HIDAKA, Lúcia Tone. **Um indicador para medir o estado de conservação de sítios urbanos patrimoniais**. In: ZANCHETI, S. (org.). Indicadores de conservação e sustentabilidade na cidade patrimonial. Olinda: CECI, 2010. p. 46.

## Apêndice 01 – Lista de verificação das características do edifício

### Legenda

- ✓ Informação verificada na bibliografia ou visita *in loco*    ✗ Característica não identificada na edificação    - Informação não disponível e impossibilitada de ser verificada até o momento
- \* Especificações não identificadas até o momento

### CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DO EDIFÍCIO

#### Sistemas estruturais

##### - Fundações

##### ✓ Estrutura

Concreto armado revestido, concreto armado aparente e concreto pré-fabricado/pré-moldado; montantes de concreto; lajes perfuradas com faces lisas; grelha de concreto armado moldada *in loco*.

#### Sistemas de fechamento externo

##### - Coberturas

##### ✓ Vedações externas

Concreto armado aparente/concreto pré-fabricado/pré-moldado; painel de vidro.

#### Sistemas de subdivisão interna

##### ✓ Vedações internas

Placas de concreto leve

##### ✓ Outros tipos de divisórias

Armários; painéis\*

#### Acabamentos

##### ✓ Horizontais

Forros em gesso; piso cerâmico; placas de concreto; pintura amarela nos bancos de concreto.

##### ✓ Verticais

Pinturas brancas nas áreas comuns; painéis de azulejos de Athos Bulcão.

#### Esquadrias e elementos vazados

##### ✓ Portas

Portas de vidro no acesso às portarias; portas pivotantes em metal preto e vidro nos corredores;

#### Espacialidade

##### ✓ Tipologia

Edificações residenciais com 6 pavimentos sob pilotis, com altura máxima de 23 metros, acrescida de, no máximo, 4 metros para a caixa d'água.

##### ✓ Implantação

Projeções quadradas de aprox. 28x28m na SQN 107; paralelos ao eixinho; localizadas na Área de Preservação 6 da ZP1A;

##### ✓ Mobilidade Urbana

Acesso único para veículos pela via W1; priorização de pedestres por meio de amplos espaços caminháveis no entorno imediato nas edificações;

##### ✓ Relação com entorno

Proximidade de comércio e serviços da CLN 107; circundados por vasta arborização;

##### ✓ Mobiliário urbano

Quadra poliesportiva, parque infantil e subestação de energia; ponto de ônibus; postes de iluminação; sinalização horizontal e vertical; guarda-corpos; lixeiras e caçambas de lixo.

#### Bens integrados

##### ✗ Esculturas

##### ✓ Murais

Azulejos de Athos Bulcão em 3 padrões diferentes, sendo um para cada edificação.

##### ✗ Vitrais

##### ✓ Móveis integrados

Bancos em concreto

##### ✗ Outros

#### Usos e práticas sociais

##### ✓ Usos do edifício

Uso residencial multifamiliar privado; com pilotis de uso livre público

portas pivotantes de madeira maciça na entrada dos apartamentos.

✓ Janelas

Janelas entre montantes em metal preto e vidro, com abertura máximo –ar; janelas em metal preto e vidro, com 22 folhas basculantes; janelas em metal e vidro, com folhas de giro (WCs e corredor).

✓ Corrimão e guarda-corpo

Corrimãos das escadas em madeira, cor preta (blocos G e I) e turquesa (bloco F)

✓ Brises

Montantes de concreto, 70x15cm, espaçados em 75cm

✗ Cobogós

**Sistemas mecânicos**

- Hidráulica
- Elétrica
- Condicionamento de ar
- Lógica
- Outros

**Fachadas**

- ✓ Ativas
- ✓ Cegas
- ✗ Ornamentação
- ✓ Relação com o sítio

- Práticas sociais correlatas
- Outros

**Características singulares**

✓ Estilo/época

Arquitetura moderna brasileira da década de 1960

✓ Origem/autoria

UnB/Ceplan; Mayumi e Sérgio Souza Lima

✓ Marcos artísticos, históricos ou culturais



## Apêndice 02 – Fichas de consulta elaboradas de acordo com a proposta inicial da ferramenta

### Ficha de de consulta 01

 <b>UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA   Faculdade de Arquitetura e Urbanismo   Programa de pós-graduação</b>
<b>Categoria:</b> <input type="checkbox"/> Residente Antigo <input type="checkbox"/> Trabalhador Antigo <input type="checkbox"/> Trabalhador Antigo <input type="checkbox"/> Vizinho novo <input type="checkbox"/> Residente Novo <input type="checkbox"/> Trabalhador Novo <input type="checkbox"/> Vizinho antigo <input type="checkbox"/> Freqüentador da quadra <input type="checkbox"/> Especialista: _____
<b>Nome:</b>
<b>Com quais dessas imagens você tem mais afinidade?</b> Ordene por importância decrescente (do mais para o menos importante)
1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
Apresentar as X imagens em mesmo tamanho, coloridas, com identificação no verso.

## Ficha de consulta 02



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo |  
Programa de pós-graduação**

### **Categoria:**

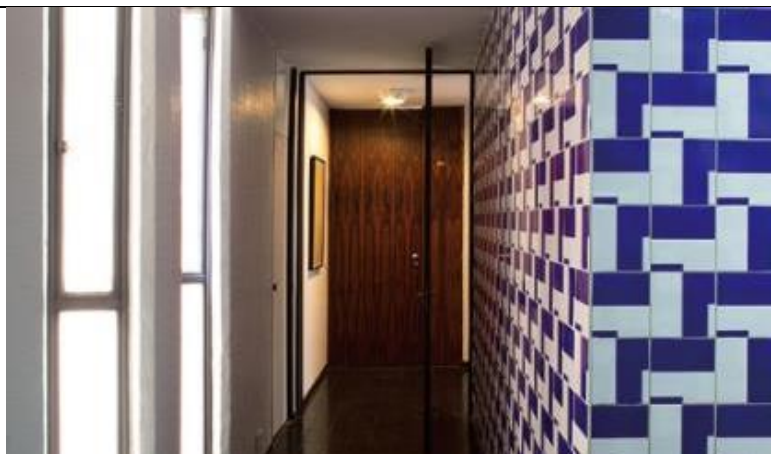
- Residente Antigo     Trabalhador Antigo     Trabalhador Antigo     Vizinho novo  
 Residente Novo     Trabalhador Novo     Vizinho antigo     Frequentador da quadra  
 Especialista: \_\_\_\_\_

### **Nome:**

#### **ASSOCIE A CADA UM DAS IMAGENS, OS VALORES CONFORME DEFINIÇÕES:**

Pode-se atribuir a quantidade de valores que desejar. Caso a imagem possua algum elemento específico sobre o qual gostaria de fazer alguma observação (por ver muito valor ou valor nenhum, por exemplo), preencher no campo indicado abaixo da imagem.

Avaliar: **Porta do corredor, em estrutura metálica e vidro**



Uso	Econômico	Histórico	Artístico	Cultural	Antiguidade	Simbólico	Nenhum

OBS.

Apresentar as imagens em mesmo tamanho, coloridas, com identificação do elemento a ser analisado.

**Ficha de consulta 03**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Programa de pós-graduação**

**Categoria:**

Residente Antigo

Residente Novo

Especialista: \_\_\_\_\_

Trabalhador Antigo

Trabalhador Novo

Trabalhador Antigo

Vizinho antigo

Vizinho novo

Freqüentador da quadra

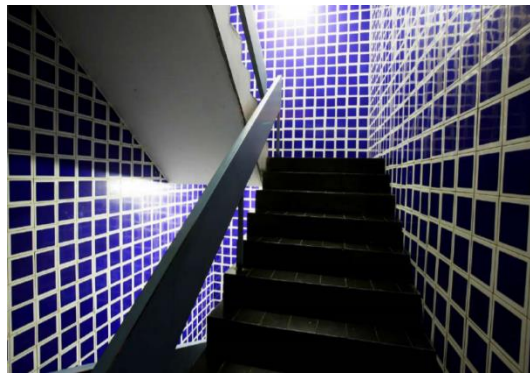
**Nome:**

**Diga uma frase que expresse cada imagem:**

**IMAGEM**

**FRASE**

1. Escadas



2. Janelas de abertura máximo-ar



3.

## Ficha de consulta 04



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo |  
Programa de pós-graduação

### FICHA 04: CONSULTA SOBRE A SIGNIFICÂNCIA CULTURAL, A INTEGRIDADE E A AUTENTICIDADE DO CONJUNTO SÃO MIGUEL – SQN 107

Nome:

Especialista:

Atributo: Ex.: Forma e projeto

pilotis, projeção quadrada, planta livre, etc.

#### SOBRE OS SEUS ATRIBUTOS, RESPONDA E JUSTIFIQUE:

1 Quanto à integridade do bem, você afirma que suas características materiais ou imateriais:

<b>Integridade</b>	Não mudaram, expressam perfeitamente os valores patrimoniais.
	Mudaram, expressam parcialmente os valores patrimoniais.
	Não expressam mais os valores patrimoniais.
	Não conheço o atributo/ não tenho propriedade.

Justifique:

2 Quanto à autenticidade do bem, você afirma que de 1979 (PPSH) a 2018 suas características materiais ou imateriais:

<b>Autenticidade</b>	Não mudaram, expressam perfeitamente os valores patrimoniais.
	Mudaram, expressam parcialmente os valores patrimoniais.
	Não expressam mais os valores patrimoniais.
	Não conheço o atributo/ não tenho propriedade.

## Apêndice 04 – Respostas das fichas de consulta

Abaixo seguem as respostas fornecidas pelos atores sociais<sup>18</sup> nas fichas 1 e 2, por ordem de apresentação dos elementos.

### IMAGEM 01 – VASTA ARBORIZAÇÃO



- 1 – Vizinho antigo A: A imponência do concreto harmoniza-se com a arborização ao redor que o suaviza!
- 2 – Morador antigo A: É uma area bela e fresca.
- 3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): A combinação entre os maciços de vegetação e áreas pavimentadas é bastante contrastante. Seria interessante voltar ao projeto de paisagismo do arquiteto Alfonso Galvis, para ver qual era a proposta dele.
- 4 – Morador antigo B: A arborização da Vila São Miguel à primeira vista me impactou positivamente
- 5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): Lembra uma termelétrica com grande radiador
- 6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): Porém sem uma intenção paisagística clara
- 7 – Morador antigo C: Arborização excelente mas demanda mais atenção do GDF para replantio de árvores que morrem - já foram mais floridas no passado
- 8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo): Um encontro de escalas, residencial e bucólica que caracterizam a cidade.

---

<sup>18</sup> Os respondentes estão identificados pela relação com o bem e/ou especialidade, preservando suas identidades e sem distinção de gênero.

**9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo):** Fachada brutalista com brises e entorno público arborizado

**10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo):** A arborização é tipicamente com espécies exóticas de grande porte, bem consolidada. Bom sombreamento das fachadas, exceto onde há subsolo que impede o plantio.

**11 – Morador novo A:** Acompanhar a mudança da copa das árvores, a mudança da natureza tão de perto, é impressionante.

**12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra):** Regularidade e integração com o meio.

**13 – Morador antigo D:** Cinta verde envolvente

**14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo):** A arquitetura moderna e o verde ao fundo são a marca indelével de Brasília.

**15 – Especialista I (Engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio; frequentador da quadra):** Parte do paisagismo geral implantado na cidade, em especial na área residencial do Plano Piloto, ou seja, caracteriza a cidade

	IMAGEM 01 – Vasta arborização						34
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X		X	X			
2					X		
3						X	
4	X		X	X	X		
5					X		
6						X	
7	X	X	X	X	X		
8	X		X	X	X		
9	X		X	X	X		
10	X						
11					X		
12	X						
13			X				
14	X	X	X		X		

15	X		X	X	X	
	<b>9</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>2</b>

## IMAGEM 02 – PROJEÇÃO QUADRADA



- 1 – Vizinho antigo A: O verde da quadra reflete calma com os cantos de vários dos seus moradores: os pássaros!
- 2 – Morador antigo A: É diferente.
- 3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): A imagem mostra claramente que os grandes maciços se aplicam melhor em torno dos bloquinhos
- 4 – Morador antigo B: Foi algo que me chamou à atenção, pois foge do padrão retangular dos blocos residenciais das superquadras do Plano Piloto.
- 5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): Alguma coisa incompleta
- 6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): Interessante como solução que concentra a circulação vertical e favorece o contato com entre todos moradores
- 7 – Morador antigo C: Projeção ideal: não há vizinhos de parede e os apartamentos são totalmente vazados, com boa ventilação e iluminação
- 8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo): Uma interpretação de Mayumi da ideia de projeção
- 9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo): projeção quadrada e cobertura técnica

**10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo):** O formato quadrado é pouco usual e muito interessante, pois se contrapõe ao padrão de prédios da região, permitindo mais ventilação e iluminação natural para as unidades habitacionais.

**11 – Morador novo A:** Parecem cataventos fincados no solo.

**12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** Predomínio do verde sobre o concreto.

**13 – Morador antigo D:** Elemento singular

**14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo):** Os blocos residenciais com projeção quadrada são poucos frequentes no plano piloto de Brasília. Essa particularidade formal é, ao meu ver, um elemento de excepcionalidade.

**15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio; frequentador da quadra):** Diferencial em relação às projeções usualmente retangulares no Plano Piloto

	IMAGEM 02 – Projeção quadrada						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X		X	X			36
2				X			
3	X				X		
4			X	X	X		
5					X		
6	X	X		X			
7	X		X				
8	X		X	X	X		
9	X	X	X		X		
10	X		X	X	X		
11				X			
12					X		
13				X			
14	X		X	X	X		
15		X		X			
	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>8</b>		



### IMAGEM 03 – BRISES-SOLEIL



1 – Vizinho antigo A: O "brise-soleil" é um elemento encorpado à estrutura predial, a proteger da luz solar seus interiores, que inaugura beleza e conforto à frente de outra opção mormente brasileira: o "cobogó".

2 – Morador antigo A: Ambiente fechado.

3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): Esses brises são completos, tanto na plasticidade do edifício (que não agrada a todos, pois a população tem no edifício em barra o imaginário do Plano Piloto), como no aspecto bioclimático da unidade, criando uma ambiência interior super interessante.

4 – Morador antigo B: Algo diferente e esteticamente elegante.

5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): Lembra uma grande grade

6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): Solução padronizada de brises para todas as fachadas, independente da orientação do edifício - não é o que recomenda a boa prática de estudos de conforto ambiental

7 – Morador antigo C: É a identidade do edifício, esteticamente interessante, mas é problemática para abertura e lavagem das janelas, e de pouca valia como aparador de sol (para isso foram inventadas antes as cortinas...) Mas, o projeto tem a grande vantagem é liberar o espaço interno, sem necessidade de colunas e alicerces internos, já que tem a sustentação no entorno.

8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo): Uma descaracterização necessária.

9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo): Acesso principal do edifício e fachada marcada por brises verticais em concreto aparente

10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo): Brises fixos com bom dimensionamento, garantem proteção e ritmo para as fachadas através de um desenho simples

11 – Morador novo A: Causa um estranhamento no início, é preciso conviver por um tempo até perceber como o elemento protege e ao mesmo tempo permite que a ambiente externo penetre.

12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): Regularidade e singeleza.

13 – Morador antigo D: Ritmo estrutural e sombra permanente

14 – Especialista H (arquitetura): Os brises-soleil, junto aos cobogós, refletem a adaptação da arquitetura moderna ao nosso clima. São elementos centrais a percepção dessa arquitetura.

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Elemento de grande plasticidade e com função importante de conforto térmico e sustentabilidade

	IMAGEM 03 – Brises soleil						31
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X		X	X			
2	X						
3	X	X					
4	X		X	X	X		
5				X			
6						X	
7				X			
8	X		X	X	X		
9	X			X	X		
10	X	X	X	X	X		
11	X						
12	X						
13				X			
14	X	X	X	X	X		
15	X		X	X			
	<b>11</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	

## IMAGEM 04 – EMPENAS CEGAS



- 1 – **Vizinho antigo A:** As empenas cegas dos prédios do CSM são um convite àqueles que buscam um mergulho em outra dimensão no olhar ao "céu de Brasília" da janela do "brutalismo"!
- 2 – **Morador antigo A:** Muito concreto.
- 3 – **Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** As empenas cegas são uma característica da arquitetura moderna brutalista, mas especificamente neste caso a arquiteta utilizou o recurso de uma forma inusitada, ou seja, o edifício se abre para o entorno e, preserva as áreas de circulação e serviços.
- 4 – **Morador antigo:** Não entendo o termo "Empenas cegas", mas aprecio a vista apresentada, em que as estruturas paralelas têm o céu como teto.
- 5 – **Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo):** Um pórtico do Egito antigo
- 6 – **Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** Justifica-se, porém as aberturas de ventilação da circulação poderiam ser maiores
- 7 – **Morador antigo C:** Não prejudicam visualmente, por ficarem na área interna. E o recorte confere personalidade
- 8 – **Especialista D (arquitetura e urbanismo):** Uma forte marca da escolha material e da ideia de projeção quadrada que aqui se configura na separação entre unidades
- 9 – **Especialista E (arquitetura e urbanismo):** Empena cega no concreto aparente

**10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo):** As empenas cegas são voltadas para outras empenas cegas, o que garante privacidade entre as unidades habitacionais sem gerar pontos cegos para o entorno, o que favorece a segurança da quadra.

**11 – Morador novo A:** Olha, não tenho muito o que dizer além que essa fotografia é linda.

**12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** Verticalidade e integridade do material

**13 – Morador antigo D:** Combinação adequada junto com os panos transparentes

**14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo):** As empenas cegas sóbrias, sem cores ou mosaicos são atributos centrais da blocos residenciais modernos brasileiro. Neste edifício, a utilização do concreto aparente, com a marcação da forma, além da beleza, é um elemento com forte carga histórica.

**15 – Especialista I (engenheiro civil; atuante e mestre em Patrimônio):** Elemento de muita plasticidade e beleza

IMAGEM 04 – Empenas cegas							28
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X		X	X			
2				X			
3	X				X		
4			X	X	X		
5				X	X		
6						X	
7			X	X			
8				X	X		
9			X	X			
10	X						
11			X				
12	X						
13	X						
14	X	X	X	X	X		
15				X			
	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	

## IMAGEM 05 – CONCRETO ARMADO APARENTE



- 1 – **Vizinho antigo A:** A técnica do uso do concreto armado aparente, a mim, denota simplicidade no uso de revestimentos e demais materiais de acabamento na superfície predial, mas, especialmente, significa economia no meio e no fim!
- 2 – **Morador antigo A:** É belo
- 3 – **Especialista A (arquitetura/frequentedor da quadra):** Originalmente pensado para ser contruído em elementos pre-fabricados, por problemas técnicos, foi realizado com o concreto moldado in loco, o que lhe dá essa aparência que mostra o emadeiramento que foi utilizado nas formas.
- 4 – **Morador antigo B:** Me chamam a atenção a simplicidade e a rusticidade da estrutura.
- 5 – **Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo):** Uma barragem de hidrelétricas
- 6 – **Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** A cara de Brasília - muito bom!
- 7 – **Morador antigo C:** Muito legal. Principalmente porque possui uma textura diferenciada
- 8 – **Especialista D (arquitetura e urbanismo):** A expressão material de uma época. A forte presença do concreto armado aparente, marcadamente na arquitetura paulista e do campus universitário, no brutalismo do ICC pode ter influenciado a arquiteta
- 9 – **Especialista E (arquitetura e urbanismo):** concreto aparente com textura moldada
- 10 – **Especialista F (arquitetura e urbanismo):** As formas utilizadas para o efeito do concreto aparente resultam em uma textura leve, ripada, agregando estética e simplicidade construtiva.
- 11 – **Morador novo A:** É deslumbrante. É cru, transmite a sensação de reunir o essencial.
- 12 – **Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** História da construção

13 – Morador antigo D: Combinação adequada ao ambiente

14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Elemento estético e construtivo ao mesmo tempo. Além da beleza, é um elemento com forte carga histórica. Carrega informações historiográficas sobre a técnica.

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Expressão brutalista, muito comum em alguns edifícios da cidade e do campus Darcy Ribeiro - UnB, o que caracteriza muitos edifícios modernos na cidade

	IMAGEM 05 – Concreto armado aparente						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X	X	X	X			36
2			X				
3				X	X		
4	X		X	X	X		
5	X			X	X		
6	X	X		X			
7			X	X			
8	X		X		X		
9			X	X			
10				X			
11			X				
12	X						
13	X						
14	X	X	X	X	X		
15			X	X	X		
	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>6</b>		

## IMAGEM 06 – PILOTIS



**1 – Vizinho antigo A:** Essas colunas que sustentam a obra constituem um espaço - pilotis - que é inclinado ao encontro dos seres junto à natureza! É indutor de aproximação e dá outro significado aos fonemas vocálicos (vogal e semivogal ou vice-versa) de um mesmo lar: os vizinhos!

**2 – Morador antigo A:** Muito simples.

**3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** O espaço do pilotis é totalmente inusitado, quase cênico. Não sei como fica a questão da segurança neste espaço, pois ele fica completamente isolado do resto do edifício.

**4 – Morador antigo B:** Amplo e com possibilidades de jardins sombreados.

**5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo):** Jardins internos do palácio Itamaraty

**6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** Fogem da concepção original do pilotis que atrai e convida o pedestre a circular por ele. Diria que é um pilotis privativo. Contudo a própria implantação dos edifícios, com grandes desníveis do solo, não propicia essa circulação. O bloco I tem soluções perigosas de poços de ventilação desprotegidos.

**7 – Morador antigo C:** Ótimo espaço, bem projetado para jardins e para a convivência dos moradores. Não tem sido utilizado em todo o potencial. As grades de ventilação podem deixar as dependências do subsolo vulneráveis.

**8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo):** Uma subversão da ideia de Lucio para o pilotis. Público e devassado, na proposta original, na 107 Norte é intimista e quase privado.

**9 – Especialista E (arquiteto):** Pilotis com generosa presença arbórea

10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo): Pilotis bem aconchegante, amplo e livre, com áreas verdes/jardins e integração com o entorno.

11 – Morador novo A: A configuração cria diferentes ambientes, propiciando várias experiências em um mesmo local.

12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra): Natureza integrada

13 – Morador antigo D: ritmados e quase imperceptíveis

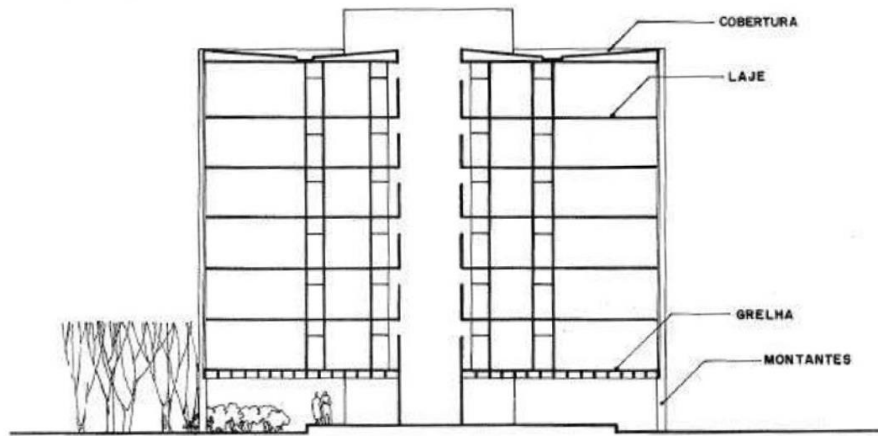
14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Pilotis maravilhoso, dos mais bonitos de Brasília!

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Excelente conforto térmico, beleza visual, com paisagismo integrado

	IMAGEM 06 –PILOTIS						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X		X	X	X		38
2				X			
3				X	X		
4	X		X	X	X		
5					X		
6	X						
7	X			X			
8	X	X	X	X	X		
9	X		X	X	X		
10	X			X	X		
11					X		
12	X						
13			X				
14	X	X	X	X	X		
15	X		X	X			
	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>9</b>		



## IMAGEM 07 – SISTEMA ESTRUTURAL



1 – **Vizinho antigo A:** Esse sistema estrutural agasalha bem a individualidade, especialmente pela segmentação do corpo estrutural sustentado pelas lajes, embora caiba-nos cuidar de tudo e de todos!

2 – **Morador antigo A:** Muito simples.

3 – **Especialista A (arquitetura/frequentedor da quadra):** Acho que a escolha da imagem não reflete claramente como a estrutura se arma. A planta da unidade é totalmente livre, a exceção das áreas molhadas. Ficando os brises/pilares com a função do exoesqueleto, e na imagem ele não aparece.

4 – **Morador antigo B:** Sistema estrutural sólido que inspira segurança para as condições de Brasília, onde são mínimas as chances de terremotos.

5 – **Especialista B (engenharia; ambientalista; moradora antigo):** Ambientalmente Incompleto

6 – **Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** originalmente se previa um sistema pré-fabricado e o projeto foi executado pelo sistema convencional, contudo a laje toda livre dá muita liberdade para reconfigurações da unidade

7 – **Morador antigo C:** Construção sólida e estável.

8 – **Especialista D (arquitetura e urbanismo):** Parte da pesquisa com a materialidade da época e a identidade da proposta de Mayumi.

9 – **Especialista E (arquitetura e urbanismo):** Corte demonstrando os seis pavimentos mais pilotis, padrão típico da superquadra

10 – **Especialista F (arquitetura e urbanismo):** Sistema estrutural modulado em total harmonia com as soluções arquitetônicas

11 – Morador novo A: Consoante Gloria Pires, não sou capaz de opinar.

12 – Especialista G (arquitetura; frequentador da superquadra): Obra de arte

13 – Morador antigo D: Estrutura de forte presença

14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Simples, limpo, a cara da arquitetura moderna.

15 – Especialista I (Engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Integração entre engenharia e arquitetura, sistema estrutural e forma plástica, muito comum na arquitetura moderna

IMAGEM 07 – Sistema estrutural							39
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X	X	X	X			
2	X						
3	X	X					
4	X		X	X	X		
5			X	X	X		
6	X	X	X	X			
7	X			X			
8	X		X	X	X		
9			X	X	X		
10		X		X			
11	X						
12	X						
13			X				
14	X	X	X	X	X		
15			X	X			
	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>5</b>		

## IMAGEM 08 – MOBILIÁRIO URBANO



1 – **Vizinho antigo A:** Esse mobiliário urbano instalado em espaço público demonstra preocupação para além do habitat individual! Oferece assento a quem quer jogar conversa fora, ler um livro, enfim, contemplar!

2 – **Morador antigo A:** Util.

3 – **Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** O mobiliário urbano é particular e personalizado. Sempre pensando como um desenho inteligente de conforto.

4 – **Morador antigo B:** Mobiliário urbano com bancos distribuídos entre os blocos F e G, torna um ambiente acolhedor aos habitantes e transeuntes.

5 – **Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo):** Aglomeração excessiva

6 – **Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** Interessante, bem utilizado pelos moradores

- 7 – Morador antigo C:** Deveria ter mais mobiliário e melhor urbanização do conjunto. O Bloco F ficou encapsulado e somente a reforma realizada pelo Condomínio recentemente viabilizou uma rampa de entrada e uma área lateral para embarque/desembarque
- 8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo):** Prova do cuidado da arquiteta com o desenho arquitetônico e urbano, para além dos limites da projeção.
- 9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo):** mobiliário urbano fixo em concreto aparente, linguagem coerente com a arquitetura do edifício
- 10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo):** Mobiliário urbano integrando o pilotis com as proximidades das edificações, desenho e materialização em harmonia com a arquitetura.
- 11 – Morador novo A:** Integração muito boa com a edificação, há continuidade (com exceção da reforma lamentável que está sendo realizada no bloco F, por infelicidade, o bloco onde moro). Reformas devem acontecer, a cidade é viva, mas gente, bom senso e respeito, cadê?
- 12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra):** Equilíbrio
- 13 – Morador antigo D:** singular e perene
- 14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo):** Linhas sóbrias, dialogam bem com a arquitetura dos blocos.
- 15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio):** Arrojado, com forma e materiais coerentes com as fachadas dos edifícios (concreto)

IMAGEM 08 – Mobiliário Urbano							33
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X		X	X	X		
2	X						
3	X	X					
4	X		X	X	X		
5	X	X					
6					X		
7					X		
8	X		X	X	X		
9	X		X	X			
10				X			
11					X		
12	X				X		
13				X			
14	X	X	X	X			
15	X			X			
	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>0</b>	

## IMAGEM 09 – ESPAÇO LIVRE PÚBLICO



**1 – Vizinho antigo A:** Tudo que é público deve ser livre e devemos abraçar! Na espécie, ocupar esses espaços também significa ensinar a preservá-los!

**2 – Morador antigo A:** Acho muito simples.

**3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** Nesse lado do pilotis, a conexão se com a circulação vertical se faz por panos de vidros e esse estar sombreado, fica mais protegido.

**4 – Morador antigo B:** Espaço livre público abundante, nos tetos das garagens, pilotis e em frente aos blocos e número abundante de vagas de estacionamento público entre os blocos, com bastante segurança.

**5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo):** Alguma coisa fora do lugar

**6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** Já fiz as observações sobre o pilotis

**7 – Morador antigo C:** É a marca do Plano Piloto. Soube de um visitante que, ao chegar pela primeira vez, ainda no táxi, estranhou os prédios não serem cercados. E o taxista respondeu que, até aquela data, nenhum prédio havia tentado fugir...

**8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo):** Uma característica das superquadras Sul e Norte que aqui, porém, é resguardada pelos elementos estruturais e de fachada. Além da bela composição de paisagismo, planos, transparências e texturas.

**9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo):** Pilotis e acesso à prumada do edifício e presença de um banco que não parece coerente com o ambiente

**10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo):** Pilotis bem aconchegante, amplo e livre, com áreas verdes/jardins e integração com o entorno.

11 – Morador novo A: Beleza, liberdade e segurança.

12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra): Convidativo e aconchegante

13 – Morador antigo D: Como deve ser na cidade democrática projetada por Lucio Costa

14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Caracterizado pelo livre caminhar típico da superquadra. Cinza e verde predominam. O azul e branco dos painéis e ritmo dos brises tocando no chão são elementos marcantes também nesse paisagem.

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Coerente com o trânsito livre nos pilotis dos edifícios do Plano Piloto, ao mesmo tempo com tratamento estético diferenciado.

IMAGEM 09 – Espaço livre público							
USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM		
1	X		X	X	X		40
2					X		
3	X	X			X		
4	X		X	X	X		
5				X			
6	X						
7	X			X	X		
8	X	X	X	X	X		
9	X		X	X	X		
10	X			X	X		
11			X				
12	X				X		
13				X			
14	X	X	X	X	X		
15	X		X	X			
	<b>11</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>0</b>	

## IMAGEM 10 – PAINÉIS DE AZULEJOS DE ATHOS BULCÃO



**1 – Vizinho antigo A:** Em rara matéria viva do artista Athos Bulcão, devemos sentir seu espírito elevado nos traços, formas, cores e completude do meio!

**2 – Morador antigo A:** São lindíssimos.

**3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** A incorporação das artes é recorrente nas obras da arquitetura moderna brasileira. Painel lindo e moldurado.

**4 – Morador antigo B:** Tesouro de valor inestimável que necessita ser preservado.

**5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo):** Obra de arte mal cuidada, abandonada a própria sorte

**6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** Enriquecedor - grande mestre

**7 – Morador antigo C:** Maravilhosos. O GDF deveria propiciar facilidades aos moradores para a manutenção dos painéis

**8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo):** A ideia de obra de arte total na arquitetura parece-me claramente expressa no uso dos painéis azulejares de Athos Bulcão. São parte compositiva expressiva da edificação e não apenas um elemento de decoração.

**9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo):** Hall de elevador revestido com azulejos de linguagem modernista.

**10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo):** Azulejos que marcam a mesma época da construção do prédio, em total harmonia estética com a proposta



11 – Morador novo A: Existe uma sensação de viagem no tempo. Isso é complicado, se pensar bem, pois Athos não deve ser percebido como algo do passado, e sim como um patrimônio de agora.

12 – Especialista G (arquitetura; frequentador da superquadra): Obra de arte

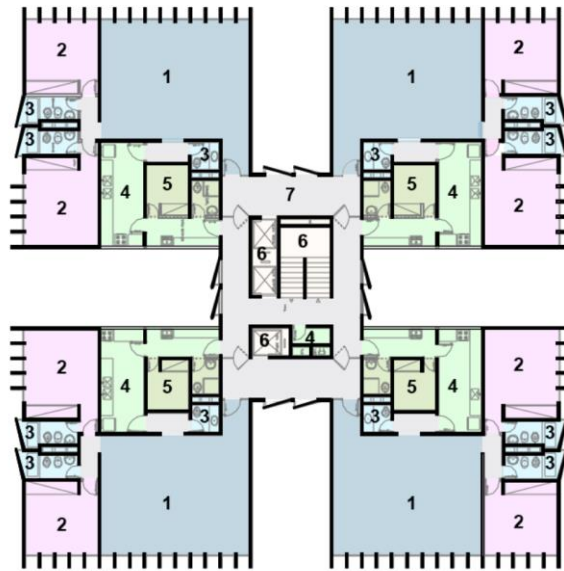
13 – Morador antigo D: Arte incorporada no cotidiano

14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Os painéis de Athos são elementos com forte imagética, remetem automaticamente a cara Brasília.

15 – Especialista I (engenheiro civil; atuante e mestre em Patrimônio): Muitos edifícios residenciais no Plano Piloto contam com painéis azulejares diferenciados, não só de Athos Bulcão, o que marca uma das características dos edifícios residenciais da cidade. Tê-los no edifício é uma preciosidade.

IMAGEM 10 – Painéis de azulejos de Athos Bulcão							41
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X	X	X	X	X		
2				X			
3				X	X		
4			X	X	X		
5			X	X	X		
6				X			
7			X	X	X		
8	X	X	X	X	X		
9			X	X	X		
10				X	X		
11			X				
12				X			
13				X			
14	X	X	X	X	X		
15	X	X	X	X	X		
	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>14</b>	<b>10</b>	<b>0</b>	

## IMAGEM 11 – PLANTA LIVRE



1 – Vizinho antigo A: A forma unitária pode ser completa na expressão do número onze: Deus (1); e o homem (1)!

2 – Morador antigo A: A planta atende.

3 – Especialista A (arquitetura/frequentador da quadra): Faltou a legenda. Um planta interessante, com segmentações de espaços e ao mesmo tempo uma ocupação muito racional, com a área super bem apresentados.

4 – Morador antigo B: Não entendo o que é planta livre, mas pela imagem vejo que são quatro pétalas ligadas a um eixo central, algo para mim belo e fora do padrão predominante dos prédios residenciais do Plano Piloto.

5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): Não atingiu o objetivo proposto

6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): Respondido no item 7

7 – Morador antigo C: Configuração perfeita. Ampla, espaçosa. arejada, iluminada, com boa proteção acústica, já que não há paredes entre as unidades.

8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo): Uma tentativa, que, no entanto, a partir da leitura da planta não se configura.

9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo): pavimento tipo com tipologia única de apartamento

10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo): Planta muito bem resolvida, com cômodos bem ventilados e iluminados. O que mais me chama a atenção nessa solução de projeto é a inexistência de vizinhos de parede.

11 – Morador novo A: Moro em um apartamento com essa planta original. Ela não me atende 100%, sinceramente. Mas acho muito bonita, especialmente a sala.

12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra): Simetria e flexibilidade

13 – Morador antigo D: Adequada ao tempo e família

14 – Especialista H (arquitetura): A planta desse bloco materializa um dos 5 pontos da arquitetura moderna.

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Manifestação clássica da arquitetura moderna, que permite maior flexibilidade de expressão artística e variação de ocupação.

	IMAGEM 11 – Planta livre						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X		X	X	X		44
2	X						
3	X	X					
4	X		X	X	X		
5			X	X	X		
6	X	X	X				
7	X		X		X		
8	X	X	X	X	X		
9			X	X	X		
10	X	X	X		X		
11		X					
12	X	X					
13			X				
14	X	X	X	X	X		
15	X		X	X			
	<b>11</b>	<b>7</b>	<b>11</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	

## IMAGEM 12 – PISO CERÂMICO MARCO PISO PRETO FOSCO



1 – Vizinho antigo A: Um conjunto é formado por partes que integram o todo! A essência traduz harmonia!

2 – Morador antigo A: Acho muito escuro.

3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): Os corredores de acesso às unidades, mantem o painel do Athos com uma iluminação permeada pelos rasgos de luz no vão da fachada cega.

4 – Morador antigo B: O piso quando bem cuidado valoriza os corredores.

5 – Especialista B (engenharia; e ambientalista; morador antigo): Solução muito boa para a sua época

6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): Elegante, porém de difícil manutenção, principalmente quanto a limpeza

7 – Morador antigo C: Esteticamente agradável, o piso preto fosco combina com o concreto e com os painéis azulejados.

8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo): Um dos materiais expressivos e recorrentes da Nova Capital! É parte da história da cidade.

9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo): revestimento do piso na cor preta típico do primeiros pilotis de Brasília e azulejo de linguagem moderna.

10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo): Não tenho comentário sobre isso.

11 – Morador novo A: O contraste de estar nesse ambiente com piso escuro, abrir a porta e ver a luz de fora invadir os olhos, é uma criação arquitetônica genial.

12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra): História

13 – Morador antigo D: bons contrastes entre as cores

14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Muito presente em Brasília, especialmente nos pilotis. Sua preservação está ameaçado. Importante mantê-lo.

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Caracteriza muitos edifícios da cidade esse tipo de piso, em especial os mais antigos.

	IMAGEM 12 - Piso cerâmico marcopiso						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X	X	X	X	X		42
2				X			
3	X	X	X	X	X		
4	X		X	X	X		
5				X	X		
6	X		X				
7	X			X	X		
8	X		X	X	X		
9			X	X	X		
10	X	X		X			
11		X					
12	X						
13	X						
14	X	X	X	X	X		
15	X		X				
	<b>11</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	

### IMAGEM 13 – JANELAS MÁXIMO-AR (SALA-QUARTOS)



**1 – Vizinho antigo A:** Nas salas e quartos requer-se "maxim ar"! Esse modelo de janela, por ser simples e de fácil manutenção, análogo às basculantes, permite a abertura na vertical, sendo projetada para o lado de fora do cômodo! Apropriado!

**2 – Morador antigo A:** Acho de difícil limpeza.

**3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** Tudo no edifício é cênico, tanto é que com frequência seu pilotis aparece em fotos e filmagens. Os elementos se articulam de tal forma que mesmo com muita coisa acontecendo, nada perde em destaque.

**4 – Morador antigo B:** Embora as brisas limitam o campo de visão lateral o grande número de janelas permite excelente iluminação diurna e traz bastante conforto ao ambiente interno. Externamente traz um excelente apelo visual.

**5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo):** Uma proposta infeliz, construídas em aço sem proteção anticorrosiva evidência problemas de manutenção

**6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** Boa solução

**7 – Morador antigo C:** A ventilação é perfeita

**8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo):** A única solução possível! Um elemento que se encaixa perfeitamente na proposta arquitetônica e estrutural e que faz pleno uso da técnica da época.

**9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo):** Acesso principal e brises verticais

**10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo):** Boa ventilação e iluminação

**11 – Morador novo A:** Como os brises, também enganam a primeira vista. De fora dá a impressão de que aquela pessoa vive em um lugar entrecortado, pequeno, mas de dentro a sensação é de amplitude. Uma

visita me disse que prédio parece o prédio "mágico" do Harry Potter que é estreito, e quando se está dentro, ele cresce, literalmente.

**12 – Especialista G (arquitetura; frequentador da superquadra):** Pouca luz

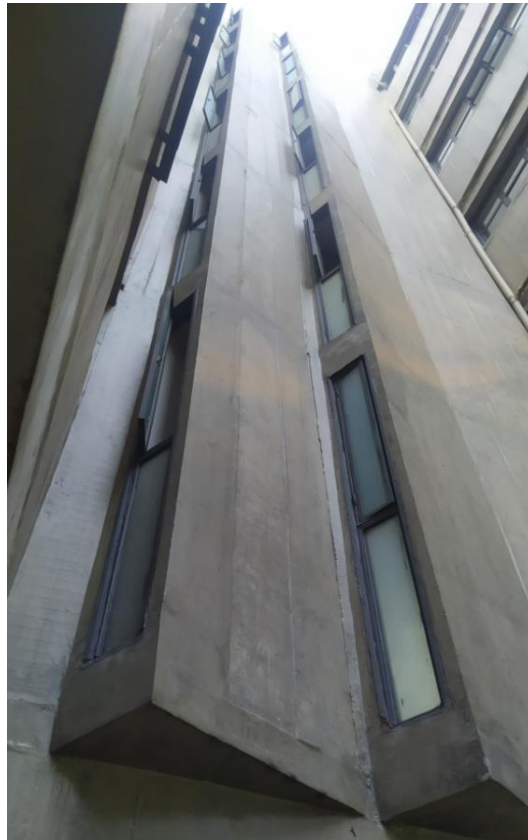
**13 – Morador antigo D:** fácil adequação ao tempo

**14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo):** O desenho dessa esquadrias, com seu material, cor, tipo de abertura é muito importante para composição arquitetônica desse bloco. Ela se encaixa com no ritmo dos brises.

**15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio):** Elemento comumente encontrado nos edifícios mais antigos, com esquadrias em aço.

IMAGEM 13 – Janelas máximo-ar							38
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X	X	X	X			
2	X						
3	X	X					
4	X		X	X	X		
5				X	X		
6	X	X					
7	X			X	X		
8	X		X	X	X		
9			X	X			
10	X	X		X			
11	X						
12	X				X		
13	X						
14	X	X	X	X	X		
15	X		X				
	<b>13</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	

#### IMAGEM 14 – JANELAS DE GIRO (CORREDOR-WCS)



- 1 – **Vizinho antigo A:** Permite a circulação do ar e tem-se como excelente alternativa para quem não tem espaço ou não deseja uma janela de giro total.
- 2 – **Morador antigo A:** Atende o objetivo
- 3 – **Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** Cada detalhe é pensado na sua individualidade, desfazendo a ideia de que a arquitetura brutalista seria inacabada.
- 4 – **Morador antigo B:** Esteticamente adequadas.
- 5 – **Especialista B (engenharia civil; ambientalista; morador antigo):** Muito interessante, infelizmente escolhido material errado deveria ter sido feitas em alumínio
- 6 – **Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** Nada contra, mas a iluminação e ventilação do corredor poderia se mais generosa
- 7 – **Morador antigo C:** Deram problemas de infiltração, mas na reforma da fachada feita no bloco F há dez anos, foram resolvidos. Há necessidade de manutenção permanente das ferragens (como aliás, em qualquer edifício). A cidade carece de profissionais competentes para a tarefa.



**8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo):** A esquadria em si é a solução possível para o vão que se cria, no entanto, neste caso o que se deseja, no meu entender, é o jogo de a luz e sombra a partir do movimento criado com a quebra do plano vertical das vedações.

**9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo):** Janela de ventilação dos banheiros e áreas comuns

**10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo):** Boa porcentagem de ventilação e iluminação natural sem comprometer a privacidade

**11 – Morador novo A:** Tomar banho olhando o cume das árvores e o céu, apenas isso.

**12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra):** Ventilação

**13 – Morador antigo D:** pouco usadas, quase fixas

**14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo):** O desenho dessas esquadrias, com seu material, cor, tipo de abertura é muito importante para composição arquitetônica desse bloco.

**15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio):** Pouco comuns nos edifícios residenciais no Plano Piloto. Sua estrutura metálica remete às comumente encontradas nos edifícios mais antigos.

IMAGEM 14 – Janelas de giro							32
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X	X	X	X			
2	X						
3					X		
4	X		X	X			
5			X	X	X		
6				X			
7	X		X	X			
8	X			X			
9			X	X			
10	X	X		X			
11				X			
12	X						
13	X						

14	X	X	X	X	X		
15			X				
	<b>9</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	

### IMAGEM 15 – PORTAS DOS CORREDORES (ÁREAS COMUNS)



- 1 – Vizinho antigo A: As portas aludidas delimitam os espaços de áreas comuns, hall de entrada etc.
- 2 – Morador antigo A: São bonitas!
- 3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): Os corredores se articulam de forma a conduzir o caminho e o olhar do observador. Assim como em todos os detalhes, as portas seguem o processo de pré-fabricação.
- 4 – Morador antigo B: Simples, portanto esteticamente compatível com os painéis de azulejos, paredes e teto.
- 5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): Me lembra os corredores e dependências da UnB
- 6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): Desnecessárias
- 7 – Morador antigo C: São perfeitas. Não devem NUNCA ser retiradas.
- 8 – Especialista D: A esquadria em si é a solução possível para o vão que se cria, no entanto, neste caso o que se deseja, no meu entender, é o jogo de luz e sombra a partir do movimento criado com a quebra do plano vertical das vedações.

9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo): Porta pivotante vencendo todo o pé-direito

10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo): Não tenho comentário sobre isso.

11 – Morador novo A: Funciona muito bem para vedar o barulho, mas ficam abertas quase sempre.

12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra): Escuro

13 – Morador antigo D: criam antesalas aos apartamentos

14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Harmonia fina com os demais elementos e materiais utilizados.

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Pouco comum nos edifícios residenciais antigos.

		IMAGEM 15 – Porta dos corredores						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM		
1	X	X	X	X			33	
2	X							
3	X	X						
4	X		X	X				
5			X	X	X			
6						X		
7	X		X	X	X			
8	X		X	X	X			
9			X	X				
10	X			X				
11	X							
12	X							
13	X							
14	X	X	X	X	X			
15						X		
	<b>11</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>2</b>		

## IMAGEM 16 – PORTAS ENTRADA DOS APARTAMENTOS



- 1 – Vizinho antigo A: As portas integram o conjunto da arte!
- 2 – Morador antigo A: São belas.
- 3 – Especialista A (arquitetura/frequentador da quadra): Idem 15.
- 4 – Morador antigo B: As originais são altas, largas e esteticamente de rara beleza.
- 5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): Originalmente as mesmas usadas na UnB
- 6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): Convencionais
- 7 – Morador antigo C: Originalmente eram cobertas por folhas de jacarandá... A altura confere um porte elegante, em perfeita harmonia com o conjunto.
- 8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo): Mais do que uma porta simplesmente, um acesso, a porta e o painel lateral compõem a circulação com um fecham a perspectiva o corredor composto por cores e texturas variadas
- 9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo): Porta pivotante vencendo todo o pé-direito
- 10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo): Não tenho comentário sobre isso.
- 11 – Morador novo A: Lembro do susto quando vim visitar o apartamento pra alugar (eu não sabia a história desse prédio). Só a porta já traz a sensação de elevação, a qualidade e permanência da madeira.
- 12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra): Perspectiva bem marcada
- 13 – Morador antigo D: espetaculares, pivotantes, únicas
- 14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Harmonia fina com os demais elementos e materiais utilizados.

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Cor forte, remetendo à austeridade, comum no mobiliário de repartições públicas da época da construção.

	IMAGEM 16 – Porta dos apartamentos						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X		X	X	X		36
2	X						
3	X	X					
4	X		X	X	X		
5		X	X	X	X		
6	X						
7	X		X	X	X		
8	X		X	X	X		
9			X	X			
10	X			X			
11			X				
12	X						
13				X			
14	X	X	X	X			
15			X				
	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	

## IMAGEM 17 – ESCADAS



- 1 – Vizinho antigo A: Escadas que dão a nítida impressão de transportar o ser ao não ser!
- 2 – Morador antigo A: Muito escuras.
- 3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): A escada, vem antes da legislação incêndio, e portanto não é enclausurada. O que lhe dá respiro, leveza e beleza.
- 4 – Morador antigo B: Com azulejos preto-fosco, atuam como um elemento neutro deixando realçar os painéis de azulejos em azul e branco.
- 5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): Muito futurístico para a sua época
- 6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): Corretas. Boa solução com patamar intermediário
- 7 – Morador antigo C: Apresentam-se em harmonia com o conjunto e conferem um visual diferenciado. A cor da cerâmica dos degraus combina com as paredes azulejadas
- 8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo): Poderiam ser uma solução burocrática como muitas na cidade, mas representam o cuidado da arquiteta com a criação de uma obra de arte total.
- 9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo): Caixa de escada revestida com piso de coloração preta e azulejos modernos
- 10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo): Não tenho comentário sobre isso.
- 11 – Morador novo A: Pena que a quarentena limitou a pegação nessas escadas....
- 12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra): Ergonomia e segurança
- 13 – Morador antigo D: a cor acompanha a cadencia exata dos passos

14 – Especialista H (arquitetura):

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Excelente tratamento estético.

	IMAGEM 17 – Escadas						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X		X	X			37
2	X						
3	X			X			
4	X		X	X	X		
5			X	X	X		
6	X						
7	X		X	X	X		
8	X		X	X	X		
9			X	X	X		
10	X	X		X			
11				X			
12	X						
13				X			
14	X	X	X	X	X		
15	X			X			
	<b>11</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>12</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	

## IMAGEM 18 – OUTROS ACABAMENTOS E CORES



- 1 – Vizinho antigo A: Partes de um todo uníssono!
- 2 – Morador antigo A: Gosto das cores azuis.
- 3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): Idem 15.
- 4 – Morador antigo B: Simples, rústicos em harmonia com os demais elementos dos prédios.
- 5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): Pensado mais como obra de arte e não como residência
- 6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): Nada a acrescentar
- 7 – Morador antigo C: O agradável do edifício é a sua parcimônia de elementos, se comparado com alguns edifícios mais modernos, que misturam mármore, granito, pastilhas, porcelanatos, grafiatos, etc..
- 8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo): Vê-se claramente na imagem a composição de cores, texturas, luz e sombras que não são resultado do acaso, são intenção projetual.
- 9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo): revestimento do piso na cor preta típico do primeiros pilotis de Brasília, azulejos de linguagem moderna e esquadrias em ferro.
- 10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo): Não tenho comentário sobre isso.
- 11 – Morador novo A: Nada a acrescentar.
- 12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra): Harmonia cromática
- 13 – Morador antigo D: arte, cor e planos de luz e sombra
- 14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Composição com muita expressividade plástica. Mesmo um local secundário do bloco foi tratado com esmero estético.



15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Coerência estética na combinação de cores dos acabamentos

	IMAGEM 18 – Outros acabamentos e cores						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X		X	X			37
2				X			
3			X	X	X		
4	X		X	X	X		
5		X	X	X	X		
6	X						
7	X		X	X	X		
8	X		X	X	X		
9			X	X			
10		X		X			
11				X			
12				X	X		
13				X			
14	X	X	X	X			
15				X			
	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>8</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	

## IMAGEM 19 – USO HABITACIONAL



- 1 – Vizinho antigo A: Descanso e apreciação!
- 2 – Morador antigo A: O espaço é ótimo.
- 3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): Uma qualidade de espaços impressionante. Quartos amplos, claros e ventilados.
- 4 – Morador antigo B: Pé direito elevado, sala, quartos e demais aposentos, amplos, iluminados e confortáveis.
- 5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): Melhorar a isolamento sonora, falta privacidade entre as unidades
- 6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): Bastante confortável para uma unidade de 2 quartos
- 7 – Morador antigo C: Perfeito. Um avanço, tanto no espaço como na iluminação, natural e artificial. A inspiração da Mayumi em um quimono, como descreve no projeto, foi providencial
- 8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo): A alma da edificação.
- 9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo): Quarto de casal com aberturas amplas para ventilação e iluminação
- 10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo): Cômodos com bom dimensionamento que permitem uso flexível do espaço
- 11 – Morador novo A: É uma riqueza e um privilégio morar nesses prédios.
- 12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra): Privilégio para poucos

13 – Morador antigo D: dimensões generosas

14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Imprescindível. É o que garante o genius loci, anima e dá vida.

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio): Representante de um estilo de morar único que o Plano Piloto proporciona: relação com o paisagismo, com as copas das árvores, quase como extensão da residência.

IMAGEM 19 – Uso habitacional							39
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X				X		
2	X						
3	X	X			X		
4	X		X	X	X		
5						X	
6	X	X	X	X			
7	X		X	X	X		
8	X	X	X	X	X		
9	X		X		X		
10	X						
11		X					
12	X	X					
13	X						
14	X	X	X	X	X		
15	X		X	X			
	<b>13</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	

## IMAGEM 20 – NATUREZA DO PROJETO



1 – Vizinho antigo A: As formas arquitetônicas servem para agasalhar o ser, protegê-lo no presente e projetá-lo ao futuro!

2 – Morador antigo A: Acho bem interessante.

3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): A proposta de mestrado da Mayumi deixa claro em sua dissertação ode mestrado uma proposta já preocupada com a segregação das quadras residências. A sua ideia era que vários perfis de famílias convivessem nas quadras.

4 – Morador antigo B: Projeto arquitetônico e de engenharia elaborados por profissionais com pegada inovadora que resultou em uma obra de arte valiosa.

**5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo):** Mais um exemplo de que militares não servem para nada fora das suas atribuições na caserna

**6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** O projeto do bloco H foi desenvolvido pelo escritório do arquiteto Hélio Ferreira Pinto. foi concluído no mesmo período, tendo sido ocupado a partir de 1970, ano de sua carta de habite-se. Creio que os blocos F, G e I também tenham sido ocupados nesta época, alguns autores citam erroneamente a ocupação nos anos 80. Observação: falta na pesquisa: 1. uma avaliação das condições de garagens extremamente desiguais entre os 3 blocos; 2. a implantação urbanística um tanto perigosa (poço de ventilação do bloco i junto da pista, acesso perigoso às garagens do bloco i e g) 3. passeios de pedestres mal resolvidos ou inexistentes.

**7 – Morador antigo C:** Projeto original, que se apresenta avançado em relação à época, como a própria edificação da cidade

**8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo):** Um projeto inacabado, como muitos da cidade, mas que ao contrário de muitas propostas inacabadas, retém a sua essência. Talvez pela ideia de obra de arte completa que me parece permear a proposta.

**9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo):** projeto de traçado modernista com aspectos brutalistas únicos

**10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo):** Uma pena que o projeto não tenha sido concluído como o planejado, a cidade perde muito com a falta de bons espaços habitacionais

**11 – Morador novo A:** O concreto brotado da secura do planalto, atrevido e seco, erguendo-se a partir de uma vanguarda para o singelo cotidiano.

**12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador/a da superquadra):** Sempre a ditadura...

**13 – Morador antigo D:** experiencia muito boa, cria uma rica ambiência urbana

**14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo):** Prédios de excepcional projeto arquitetônico. O uso do concreto armado aparente, a presença dos brises, a arte integrada por meio dos painéis azulejares de Athos Bulcão, a planta livre, a sobriedade e beleza dos acabamentos relavam que esses blocos são jóias da arquitetura moderna residencial brasiliense.

**15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio):** A idealização é muito interessante e arrojada.

	IMAGEM 20 – Natureza do projeto						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	35
1	X	X	X	X			
2					X		
3			X		X		
4	X		X	X	X		
5	X						
6	X	X	X	X			
7	X		X	X	X		
8			X	X	X		
9			X		X		
10			X				
11			X				
12			X				
13	X						
14	X	X	X	X	X		
15			X				
	<b>7</b>	<b>3</b>	<b>12</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>0</b>	

## IMAGEM 21 – CONTEXTO DE CONCEPÇÃO



1 – **Vizinho antigo A:** A unidade de vizinhança São Miguel foi fruto de laboratório acadêmico, a partir de instrução, pesquisa, livre pensar e materialização da arte!

2 – **Morador antigo A:** Acho perfeito a interação aluno obra.

3 – **Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra):** O contexto de cidade e da universidade era o da exploração formal e das possibilidades de construção em série. O tema era a tônica do momento, mas somente em Brasília, a cidade nova, era possível fazer tais proposições para toda a cidade.

4 – **Morador antigo B:** A concepção do projeto envolveu a elite pensante da UnB, foi um ensaio de inovação e fora dos padrões comerciais.

5 – **Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo):** Uma excelente proposta interrompida por ignorância

6 – **Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo):** bons tempos de ensino da arquitetura

7 – **Morador antigo C:** É a configuração ideal, porque o trabalho coletivo enriquece.

8 – **Especialista D (arquitetura e urbanismo):** Um fato histórico a ser registrado e preservado tanto pela universidade como pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Uma parte da história da arquitetura moderna da Capital, tão recente e tão carente de registros completos e precisos.

9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo): Rico momento da história brasileira que propiciou ambiente favorável ao desenvolvimento do pensar arquitetônico e urbanístico

10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo): Faz sentido que a concepção do projeto esteja ligada à pesquisa e docência e utilize sistemas pré-moldados, pois as soluções arquitetônicas buscam o aprimoramento dos espaços e técnicas construtivas, e não o lucro.

11 – Morador novo A: A genialidade generosa atrai e incentiva outros talentos geniais.

12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra): Queria ter estudado nessa época.

13 – Morador antigo D: experiência de ateliê bem sucedida

14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo): Contexto revela a riqueza intelectual e cultural subliminar à construção de Brasília. Eram muitos os caminhos e as possibilidades que a cidade nascente traria.

15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e com mestrado em Patrimônio): Excelente iniciativa pedagógica. Os exemplares remanescentes contam a história da produção dessa época, seja mobiliário ou edifícios.

	IMAGEM 21 – Contexto de concepção						
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X	X	X	X	X		34
2				X			
3			X	X	X		
4	X		X	X	X		
5						X	
6			X	X	X		
7	X		X	X	X		
8			X		X		
9			X		X		
10			X	X	X		
11			X				
12				X	X		
13			X				
14			X		X		



15			X			
	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>1</b>

## IMAGEM 22 – AUTORIA E RARIDADE DO CONJUNTO



1 – Vizinho antigo A: Legado para a humanidade!

2 – Morador antigo A: É um projeto raro, temos orgulho dele na nossa quadra.

3 – Especialista A (arquitetura e urbanismo; frequentador da quadra): A Mayumi é realmente admirável. Por sorte, foi a única a conseguir construir sua proposta de mestrado prático. Apesar do seu tempo de Brasília ser curto, a influência do arquiteto Lelé é fundamental em toda a sua trajetória. E, sim, ela tem um interesse grande pela arquitetura escolar. Mas, seu trabalho na prefeitura da prefeita Luiza Erundina, na época do PT, vai além das escolas e entende sua inserção como equipamento no bairro.

4 – Morador antigo B: Em algum lugar da Vila São Miguel caberia uma estátua com uma placa homenageando da arquiteta Mayumi Souza Lima

5 – Especialista B (engenharia; ambientalista; morador antigo): Uma grande obra, hoje esquecida

6 – Especialista C (arquitetura e urbanismo; morador antigo): A co-autoria do projeto é atribuída ao seu marido Sérgio Souza Lima. Mayumi teve profícua carreira como profissional e professora de arquitetura no estado de São Paulo

7 – Morador antigo C: O Conjunto São Miguel é ao mesmo tempo singular e integrado à estética da cidade. É uma pena não ter sido concluído conforme o programado. A quadra toda teria uma configuração mais interessante e mais harmoniosa.

**8 – Especialista D (arquitetura e urbanismo):** Um registro a ser preservado e difundido para as futuras gerações, uma história da nova capital e um importante registro da participação das mulheres na concepção da capital construída "exclusivamente" por homens.

**9 – Especialista E (arquitetura e urbanismo):** O conjunto possui linguagem única e o fato de ter sido projetado por uma das poucas arquitetas que tiveram espaço no cenário da construção de Brasília o torna ainda mais importante.

**10 – Especialista F (arquitetura e urbanismo):** Mayumi foi uma mulher incrível que em muito colaborou com a educação nacional, é uma pena que sua autoria não seja amplamente conhecida e reconhecida.

**11 – Morador novo A:** Depois que me mudei, passei uns 2 meses agradecendo a essa mulher, juro. É um nome que deveria ser muito mais conhecido fora do circuito da arquitetura.

**12 – Especialista G (arquitetura e urbanismo; frequentador da superquadra):** Um gênio da arquitetura.

**13 – Morador antigo D:** bom desenvolvimento

**14 – Especialista H (arquitetura e urbanismo):** Além da altíssima qualidade do projeto arquitetônico, o fato de ter sido elaborado por uma mulher, num contexto ainda muito patriarcal, revela a excepcionalidade de sua autoria.

**15 – Especialista I (engenharia civil; atuante e mestre em Patrimônio):** Assim como tantos arquitetos e engenheiros, pioneiros da construção da cidade e dos edifícios dos primeiros anos da capital, é importante destacar nomes pouco conhecidos.

IMAGEM 22 – Autoria e raridade do conjunto							33
	USO	ECO	HIST	ART	CULT	NENHUM	
1	X	X	X	X	X		
2			X				
3					X		
4	X		X	X	X		
5						X	
6					X		
7	X		X	X	X		
8				X	X		
9		X	X				

10	x	x	x	x	x		
11				x			
12			x		x		
13				x			
14			x	x	x		
15			x				
	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>1</b>	